ANNO XXXIII N. 14.

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

SEGUNDA FEIRA 19 DE JANEIRO DE 1857.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇA'O NO NORTE.
Parahiba, o Sr. João Rodolpho Gomes; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense; Pará, o Sr. Justino J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda: todos os dias, ás 9 e meia horas do dia.
Iguarassú, Goianna e Parahiba: nas segundas e sextas-feiras.
S. Antão, Bezerros, Bonito, Caruarú, Altinho e Garanhuns: na terça-feira.
S. Lourenço, Pao-d'Alho, Nazareth, Limoeiro, Brejo, Pesqueira, Ingazeira, Flores, Villa-Bella, Boa-Vista, Ouricury e Exu: nas quartas-feiras.
Cabo, Ipojuca, Serinhãem, Rio-Formoso, Una, Barreiros, Agua-Preta, Pimenteiras e Natal: quintas-feiras.
(Todos os correios partem ás 10 horas da manhãa.

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio: segundas e quintas.
Relação: terças-feiras e sabbados.
Fazenda: quartas e sabbados ás 10 horas.
Juizo do commercio: segundas ás 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos: segundas e quintas ás 10 horas.
Primeira vara do civel: segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel: quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE JANEIRO.
3 Quarto crescente ás 9 horas e 54 minutos da manhãa.
10 Lua cheia ás 6 horas e 48 minutos da manhãa.
18 Quarto minguante ás 2 horas e 30 minutos da manhãa
25 Lua nova ás 9 horas e 6 minutos da tarde.
PREAMAR DE HOJE.
Segunda ás 10 horas e 54 minutos da manhãa
Primeira ás 11 horas e 18 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.
19 Segunda. S. Danuto rei m.; Ss. Audifax e Abbacuc irms mm.
20 Terça. S. Fabião p. m.; S. Sebastião m.; S. Neophitó m.
21 Quart. S. Ignez v. m.; S. Patrocolo m.; S. Epiphanio b.
22 Quinta. Ss. Vicente diac., e Anastacio mm.
23 Sext. S Ildefonso arc.; S. Emereciana v.
24 Sabbado. Nossa Senhora da Paz; S. Thimoteo b. m.
11 Domingo. 3.º depois de reis. S. Ananias; S. Juventino.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAÕ NO SUL.
Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias; Bahia, o Sr. D. Duprat; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.
EM PERNAMBUCO.
O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria, praça da Independencia ns. 6 e 8.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 16 de janeiro.

Officio — Ao Exm. presidente das Alagoas, inteirando-o de haver remettido ao commandante das armas a relação dos artigos de fardamento pertencentes ás praças do oitavo batalhão de infantaria que se acham destacadas nesta provincia, e bem assim autorisado o director do arsenal de guerra a fornecer ao commandante do referido batalhão os dous caldeirões mencionados no pedido que S. Exc. enviou. —Fez-se o necessario expediente.

Dito — Ao Exm. commandante das armas, dizendo que pela leitura do officio que remette por copia o Exm. presidente das Alagoas ficará S. Exc. inteirado de haver elle concedido baixa ao soldado do segundo batalhão de infantaria, Manoel Xavier, que alem de contar perto de 15 annos de serviço activo, foi julgado, em inspecção de saude, incapaz de continuar nelle.—Communicou-se ao referido presidente.

Dito—Ao inspector da thesouraria de fazenda, declarando, que o director do arsenal de guerra participou haver fallecido no grande hospital de caridade o africano livre de nome Saul, que se achava em tratamento no mesmo hospital.—Fizeram-se as outras communicações.

Dito—Ao mesmo, inteirando-o de que o juiz de direito da comarca do Rio Formoso, bacharel Manoel José da Silva Neiva, entrára no dia 6 do corrente no gozo de um mez de licença que lhe foi concedida, passando o exercicio da respectiva vara ao juiz municipal do termo de Barreiros.—Tambem se communicou ao conselheiro presidente da relação.

Dito—Ao mesmo.—Sob minha responsabilidade mande V. S. adiantar ao tenente coronel Pedro Nicoláo Ferguestein, conforme elle pedio no requerimento sobre que V. S. informou em 13 do corrente, a importancia estabelecida para uma cavalgadura, visto que lhe assiste direito a duas por ter sido nomeado commandante do corpo de guarnição do Amazonas.

A ordem do thesouro em que V. S. se funda determina que aos officiaes transferidos para corpos destacados em outras provincias se não abone soldo algum desde o dia em que ajustarem contas com a thesouraria e se lhes passarem guias; mas esta ordem pode ser cumprida passando-se a guia depois de pagar a cavalgadura de que se trata, pois que o pagamento dessa cavalgadura tanto importa seja realisado aqui como em outra provincia, tendo elle em todo o caso de correr pelos cofres geraes. Accresce que o official de que se trata, segundo me declarou, tem de comprar o cavallo no Maranhão ou Pará, em consequencia de haver falta de cavallos na provincia onde vai servir.

Dito—Ao director geral dos indios, recommendando, que controle e mande apresentar ao director das obras publicas nesta capital 30 indios de boa saude e robustos, afim de serem empregados nas mesmas obras, vencendo o salario de 800 rs. diarios.—Communicou-se ao referido director.

Dito—Ao thesoureiro das loterias da provincia, remettendo competentemente approvado o plano que Smc. enviou para a extracção das mesmas loterias.—Igual remessa se fez ao inspector da thesouraria provincial.

Dito—Ao presidente do collegio eleitoral do Limoeiro, accusando recebida a copia authentica da acta da eleição a que se procedeu n'aquelle districto eleitoral para um deputado e um supplente a assembléa geral legislativa.

Dito — Ao presidente do conselho de revisão da guarda nacional da freguezia do Buique, dizendo ficar inteirado de haver aquelle conselho concluido os seus trabalhos de revisão da qualificação dos cidadãos daquella freguezia, que estão no caso de serem alistados para o serviço da guarda nacional.

Dito — A camara municipal do Bonito, approvando a arrematação dos diversos ramos das rendas daquelle municipio, no valor de 1:457$000.

Dito — A camara municipal de Goianna, dizendo ficar certo de ja terem entrado em exercicio os cidadãos ultimamente eleitos para vereadores e juizes de paz dos differentes districtos daquelle municipio.

Portaria — Mandando não só encapar as obras do 3.º lanço da ramificação da villa do Cabo, as quaes deverão ser concluidas por administração, mas tambem multar o respectivo arrematante Bento José Pires e seu fiador na primeira parte do valor da arrematação das mesmas obras, visto que, segundo declarou o director interino da repartição das obras publicas, não foram ellas acabadas no devido tempo por incuria do referido arrematante.—Fizeram-se as necessarias communicações.

Dita — Concedendo ao amanuense addido da secretaria da presidencia Braziliano Magalhães de Castro mais 20 dias de licença com vencimentos para tratar de sua saude.—Communicou-se á thesouraria provincial.

Dita — Mandando admittir ao serviço do exercito como voluntario por tempo de 6 annos, o paisano Antonio Odilon Carneiro de Moura.—Fizeram-se as necessarias communicações.

Dita — Demittindo, de conformidade com a proposta do chefe de policia, de 3.º e 5.º supplentes do subdelegado da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife o bacharel Joaquim Antonio Alves Ribeiro e o Dr. João Pedro Maduro da Fonseca e nomeando para supplentes do mesmo subdelegado aos cidadãos seguintes:

Para 2.º supplente—O 4.º dito Salustiano de Aquino Ferreira.
Para 3.º dito.—O capitão Domingos Alves Matheus.
Para 4.º dito.—O alferes, Manoel Joaquim Seve.
Para 5.º dito.—O tenente Manoel Luiz Gonçalves Junior.

Communicou-se ao referido chefe.

PERNAMBUCO.

RECIFE 17 DE JANEIRO DE 1857.

AS 6 HORAS DA TARDE.

RETROSPECTO SEMANAL.

Quanto á situação interna da provincia, podemos asseverar sem medo de ser contestados, que todas as comarcas gozam do mais completo socego. A' excepção do excesso nos preços dos generos de primeira necessidade, que tornam hoje a vida difficil em todas as partes, as relações sociaes da população pernambucana, são obstante lisongeira.

As noticias recebidas das diversas localidades do imperio, durante a semana, são satisfatorias sob todos os aspectos.

A nova phase social, em que a humanidade entrou no meiado do seculo XVI, e donde deriva a sociedade moderna, teve como elementos principaes, o descobrimento da imprensa, a polvora e a bussola,—essa trindade meio benefica e meio prejudicial á sociedade humana.

Podemos tambem dizer que depois do principio deste seculo começou uma nova era, e que a applicação do vapor e da electricidade são os dous motores prodigiosos, que a Providencia destinou para operar outra transformação nas diversas relações da vida dos povos, e accelerar a unidade e harmonia do genero humano.

Diversas causas, filhas da barbaria dos tempos historicos ainda lutam obstinadamente contra os elementos civilisadores, que tendem para a realisação magnifica deste immenso resultado; mas, como as leis do progresso são fataes e divinas, temos a esperança consoladora de que esses principios limbicos, que ainda interrompem a marcha da sociedade, hão de desapparecer um dia, para dar lugar a solução verdadeira e justa da vida humana.

Todavia he incontestavel que o tempo e o espaço vão sendo todos os dias vencidos pelo vapor e a electricidade, applicados pelo homem, esse habitante ephemero na vastidão do mundo, que só o pensamento pode comprehender. Temos para nós que este seculo não se encerra sem que toda a navegação a' vela seja substituida pela força potente do vapor, e sem que a communicação do pensamento entre as diversas fracções, que constituem a humanidade se effectue em minutos, por meio da electricidade, esse mysterio da natureza, cuja explicação devemos ao immortal Franklin.

O paquete de Marselha chegado da capital do imperio, nos trouxe a grata noticia de que uma companhia ingleza fizera uma proposta ao governo geral, para estabelecer um fio electrico entre esta cidade e a do Rio de Janeiro. He muito provavel que a proposta seja aceita. Como quer que seja, a realisação deste grande melhoramento commercial e civilisador he hoje o objecto de todas as aspirações da immensa familia brasileira, e mais cedo, ou mais tarde ha de converter-se n'uma realidade.

Um facto que prova as considerações geraes, que acabamos de exprimir acerca da futura transformação social a' que o vapor he chamado a praticar, he incontestavelmente a multiplicidade de linhas de vapores transatlanticos, que todos os dias se vão formando na Europa, para ligar o velho mundo oriental, a America do norte, e o continente sul americano com a mesma Europa: não fallando nos outros serviços deste genero, ha hoje entre o Brasil e o continente europeu oito linhas de vapores, que partem mensalmente de varios portos; uma de Genova, outra de Marselha, tres de Southampton, sendo duas inglezas e outra de Hamburgo, uma de Liverpool e outra de Lisboa.

O paquete que ultimamente chegou da Europa, foi o «Teutonia», o primeiro que inaugurou o serviço de Hamburgo. A noticia mais importante de que foi portador, he a complicação entre a Prussia e o Cantão de Neufchatel na Suissa. Este incidente vai tomando um caracter grave, mas parece que tudo se arranjara' amigavelmente, pois que as grandes potencias europeas são actualmente as mais interessadas pelo socego geral da Europa, ao menos por algum tempo, para recuperarem as grandes perdas, que lhes causara a guerra do Oriente.

O mesmo paquete conduzio a seu bordo o novo consul de Portugal para esta provincia e o respectivo chanceller.

O Sr. José Henriques Ferreira, nomeado para agenciar os negocios dos subditos portuguezes nesta cidade, não he um homem obscuro, que precise do prestigio da autoridade consular para adquirir direitos a' consideração publica.

Cavalleiro distincto, jurisconsulto reflectido, e politico honesto e severo em suas convicções; a sua vida preterita apresenta phases notaveis, que reflectem sobre o illustre cavalleiro portuguez bastante lustre e credito.

Um dos principaes sustentaculos do poder liberal depois da restauração de Portugal, o governo de S. M. F. confiou-lhe por vezes, até 1836, o governo civil d'Aveiro, commissão, que foi sempre desempenhada com um espirito de prudencia e moderação, tanto mais louvavel, quanto raras nessas epocas de tumulto e exaltação de idéas, que costumam sempre succeder ao triumpho das grandes reacções politicas.

Chamado tambem por vezes a tomar parte na representação nacional como deputado ás cortes de Lisboa até 1839, a reorganisação de todos os ramos da administração publica, gravemente abalada por uma revolução sangrenta e pertinaz, deve-lhe um concurso valioso e importante.

O Sr. José Henriques Ferreira, achava-se na sua quinta de Luem, repousando um pouco de uma vida de abnegação e sacrificios em favor da sua patria, quando foi encarregado pelo governo de S. M. F. da direcção do consulado de Pernambuco, onde hoje se acha de posse.

O Sr. Matheus Luiz Coelho de Magalhães, chanceller do consulado e filho do distincto orador portuguez, o Sr. José Estevão Coelho de Magalhães, he um joven sympathico, de uma educação fina e desvelada, he mancebo de muitas esperanças. Damos os parabens aos subditos Portuguezes residentes nesta cidade pelas duas felizes escolhas, que destes dous cavalleiros fez o governo de S. M. F.

Parte na semana proxima para a Ilha de Fernando o Exm. Sr. general commandante das armas Jose Joaquim Coelho, para conhecer do estado daquella ilha, afim de tomar as providencias, que convier. Muito confiamos na viagem de S. Exc. a aquelle presidio, e estamos persuadidos que uma nova epoca vai apparecer naquelle lugar.

Entrou hoje no nosso porto procedente do Havre o brigue francez *Alma*, que causara desconfianças pela demora em consequencia do grande temporal que houve em dezembro no Canal; mas felizmente estão desvanecidos os receios de não ter ido o *Alma* inda desta vez reunir-se ao corpo—e voarem juntos para o reino de—Neptuno.

Ao fecharmos nosso trabalho somos interrompidos pelos movimentos dos passeadores da festa de Jaboatão, Nazareth, etc., que devem ter lugar amanhãa.

Falleceram durante a semana 43 pessoas, sendo: 10 homens, 9 mulheres e 14 parvulos, livres; 4 homens, 2 mulheres e 4 parvulhos escravos.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA!

— Poço da Panella—Da segunda missiva do nosso correspondente do Poço colhemos o seguinte:

« O Poço continua na mesma e como nunca em tempo algum em relação ao luxo, que tem ultimamente se desenvolvido: goza-se de tudo que pode offerecer um passar de festa, não havendo felizmente até hoje, Deos louvado, que lamentar-se desgosto algum, de qualquer genero que seja.

« O que mais reboliço por ca tem causado, tem sido as preparativas da sumptuosa festa da Sra. da Saude.

« Nem ajuiza a ostentação, que se prepara para ella. O Sr. cirurgião Silva he o juiz, e dá uma brilhante partida no dia 23 por occasião de levantar-se a bandeira.

« Logo que me seja possivel pilhar escripto o programma da festa lh'o enviarei.

« Appareceu por ca um —bumba meu boi— o mais estupido e grosseiro dos divertimentos populares: felizmente um —monje— que estava preparado para dansar no bumba— foi embargado pelo nosso fiscal, que não estava de animo disposto para ver tanto ridiculo pesar sobre uma população civilisada.

« Foi no dia 11, como soube, festejado em Apipucos o Sr. dos Passos, e se bem que alguns cavalleiros ignorassem as mais comesinhas regras de uma corrida na tal cavalhada que la houve, todavia outros correram satisfatoriamente.

« Houve nessa noite uma partida.

« O tal presepe empasinador da Casa Forte disse —vispora— não sei se devido ao enjoo geral, que a respeito delle havia, o que he certo he, que cahio de catrapós, morreu de estoiro.

« Vmc. quer saber uma cousa? Ja estou mouco de ouvir fallar em babadós, refegos, repolegos, bicos, franjas, folhos, camisus, corpinhos, visitas, gollinhas, fitas, collarinhos e o diabo, que carregue a tudo quanto inventam essas modistas de alem-mar para martyrio de um pobre pai de familia. —Felizes tempos aquelles, meu charo, que a mulher com uma barretina, e seu vestido de panno e meio, com seu coz de coito, suas manguinhas de refegos estava no trink! Hoje so eu sei, so eu sei o dinheiro que se escoa insensivelmente de nossas algibeiras para taes bogigangas ainda bems-me, que ja se falla que esta para chegar um carregamento de figurinos, todos vestidos de saias, e timões de lila, ou duraque.—Deos queira afim de descançarmos de tantas frioleiras.

« Meu charo, ainda ha muita gente estupida neste mundo, e eu so queria ser como he ella, por espaço de um minuto, para ver que consolação se encontra em tal estado! Pois não sabe Vmc. o que um dos vossos jovens mais dandys, disse a uma pequena, vendo-a com um bouquet! « He pena, minha senhora, que tão lindo ramalhete esteja nas mãos da senhora...! » A menina, que he dessas essencialmente do seculo XIX, saltou como uma piabinha (comparando mal). O que faz pena, Sr. Fulano, he ver quanto o Sr. he—pedaço de asno!—Vmc. porem deve notar, que o janota de vergona quiz ver se com aquella lineza a pequena dava-lhe o bouquet, a cousa foi essa, sahio-lhe o anno bissexto, ai, meu Deos!

Não ha ventura
Como ser tolo,
Que ter miolo
He mal sem cura!

A *Pagina* que conteve a minha primeira missiva foi lida com suas trombinhas — não sei porque; eu não disse nada que offendesse a ninguem, e so disse o que todos dizem, e se não querem que eu diga não façam com que me digam, porque se me disserem eu não hei de dizer que não digo, e esta' dito, digam la o que disserem!

— Um matuto havendo amarrado o seu cavallo no braço de um palanquim, na rua Nova, em a loja de um sobrado, emquanto aviava umas encommendas, succede que espantando-se o cavallo, não sabemos se da forma e gosto do palanquim, deitou a correr a toda brida, levando adiante de si um casal de Inglezes, e, após o palanquim, que ja no aterro chegou em estado miseravel!

— Consta-nos que a nova illustrissima camara municipal esta disposta a por cobro a certos desmandos e abusos que a voz publica accusa da parte de alguns dos seus empregados. A proposito. Não seria conveniente, que a camara municipal contratasse um tachigrapho para apanhar os trabalhos e discussões da casa? Uma tal medida que em muito pouco importaria, daria estimulos, orientaria o publico a respeito de certas cousas que se passam no recinto da municipalidade, e que ficam em eterno segredo, e afinal a imprensa poderia com mais facilidade censurar ou louvar as medidas tomadas pela municipalidade.

— Informam nos que o governo de S. M. a rainha de Inglaterra, por intermedio do seu ministro dos negocios estrangeiros, remetteu ao Sr. Manoel Luiz Viraens, administrador do cemiterio publico, uma medalha, offerecida em testemunho dos serviços por elle prestados no cemiterio dos subditos britanicos nesta cidade.

— O Sr. Dr. subdelegado de Santo Antonio acaba de pronunciar o decano dos proprietarios de casas de tabolagem, Luiz José Marques.—Deus queira que este exemplo aproveite.

— Conhecemos um moço, que por deferencia tinha uma casa de tabolagem; sorprendido uma occasião por certa autoridade envergonhou se tanto, que não só acabou com a casa de jogo como vive o mais retirado possivel, tratando dos seus negocios, que sendo menos lucrativos, lhe dão mais nome.

— O Rvm. Sr. padre Manoel Thomaz, ja tomou posse da capellania do quarto batalhão de artilharia. Temos fé em como esse corpo está excellentemente servido de director espiritual, por quanto o Rvm. Sr. padre Manoel Thomaz nos parece ser um sacerdote de honestidade.

— O Rvm. Sr. padre Loyolla parte para a ilha de Fernando a preencher os seus seis mezes de capellania naquelle presidio; confiamos muito na actividade, e zelo do Sr. padre Loyolla, e que levantara' do estado de aviltamento a que tem chegado o poder espiritual naquella ilha, conforme por ahi se diz. Felizmente a ida do Exm. tenente general commandante das armas he um pragnostico lisongeiro para a total independencia dos dous poderes naquelle presidio. um cura d'almas no exercicio de suas funcções so conhece como juiz o bispo, ou seus delegados.

— Consta-nos que, o Sr. Dr. subdelegado de Santo Antonio, tem suspendido, e pedido a demissão de alguns inspectores.

— Foi um individuo espancado na rua da Praia; a policia esta procurando a quem o queixoso imputa o crime.

— Ha uma padaria em certa rua, que da meia noite em diante, os caixeiros, forneiros, amassadores remechedores, bolidores e falladores jogam a bolla.

—Hospital de caridade, 16 de janeiro de 1857.—65 doentes.

17—67.

Até amanhãa.

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

Occurrencias do dia 16 de janeiro.

Foram presos: pela subdelegacia da freguezia do Recife, o portuguez Manoel de Souza e Silva, por desobediencia.

E pela subdelegacia da freguezia do Poço da Panella, o portuguez Izaac Alves de Oliveira, por desordem.

Litteratura.

DO SUICIDIO EM SUAS RELAÇO'ES COM A CIVILISAÇA'O.

Primeira parte.

I

Inscreverei, desde as primeiras linhas deste estudo, uma cifra que por si só fará comprehender o seu interesse. Uma estatistica intelligente e moderada eleva á mais de trezentos mil o numero dos suicidios realisados ou tentados em França desde o começo do seculo. Faz-se uma idéa justa desta cidade de mortos, tão povoada como uma das mais florescentes cidades do mundo.

Nada ha mais simples que a questão da morte voluntaria, se a considerarmos sob a relação do dever puro, isento de paradoxo ou de paixão. Torna-se, porém, mais difficil a questão se quizermos sahir da these moral, que he facil de fazer-se vulgar ou declamatoria, se quizermos penetrar na psychologia dolorosa do suicidio, perscrutar as influencias geraes, as causas particulares, as occasiões que poderam determinar o homem á este acto desesperado, embora suas vivas repugnancias, e faze-lo vencer o horror natural da morte. Nunca lemos uma só dessas narrações de suicidio á que a imprensa dá uma publicidade tão perigosa, sem que nos esforcemos por nos representar o drama das ultimas horas e das decisões supremas. Procuramos reconstruir, com algumas linhas de banal necrologia, toda esta existencia tão fatalmente terminada. Desejaramos penetrar os segredos desta pobre alma que se fez victima, reconhecer nella a parte de sua liberdade criminosa, ao mesmo tempo que a das más influencias que ella respirou, e, sem perdoar-lhe o que se não pode perdoar por brandas complacencias, marcar a terrivel responsabilidade que pesa sobre as falsas idéas, sobre os perigosos paradoxos e os deploraveis systemas que são como as correntes envenenadas da atmosphera social.

O que he mui difficil fazer com exactidão á respeito d'um facto isolado, he possivel realisar com sufficiente precisão a respeito d'um certo numero de factos, grupados segundo as leis das analogias. Aqui a psychologia recebe preciosas luzes da estatistica. He o que M. Brierre de Boismont perfeitamente comprehendeu escrevendo este recente livro do *Suicidio e da loucura suicida*, que nos proporciona uma occasião natural e curiosos documentos para este estudo. (1)

Esta obra he cheia de cifras, mas de cifras intelligentes, se assim me posso exprimir, destas que querem dizer e que dizem alguma cousa. M. de Boismont, medico distincto, medico espiritualista, o que nada faz perder ao seu merito, estudou este triste problema do suicidio contemporaneo com uma tocante curiosidade e um zelo infatigavel, que nos valeram ricos materiaes. Uma esclarecida magistratura não hesitou em franquear-lhe os archivos do *parquet* de Paris, e he antes á esta liberdade excepcional, do que á sua profissão, que M. Boismont deveu tão numerosas e exactas informações, thesouro funebre, mas inestimavel para a philosophia que se occupa do corpo como para a medicina que crê n'alma. Graças a estes quatro mil, quinhentos e noventa e cinco autos, consultados com ardor, analysados em suas partes mais curiosas e que dão lugar a' combinações do mais vivo interesse, he que o autor pôde escrever os dous capitulos mais consideraveis e mais novos de seu livro, um consagrado a' — exposição das causas que predispoem e determinam ao suicidio,— outro a' —analyse dos ultimos sentimentos exprimidos pelos suicidas em seus escriptos.— A leitura destes dous capitulos he uma das mais instructivas, e ao mesmo tempo das mais seductoras que se podem offerecer sobre a materia que nos occupa. Dever-se-ha pensar ao lê-los, que não he isso uma pura especulação de philosopho, que indaga *á priori* as causas provaveis ou possiveis do suicidio, nem a lugubre phantasia d'uma imaginação desregrada que explora a Morgue em proveito d'um interesse equivoco, mas uma descripção exacta, authentica, escripta sobre processos verbaes impassiveis. Eis o que se devera' pensar ao ler estas paginas em que a estatistica eleva-se a tão altas lições, e talvez que se trema.

Nem tudo merece ser louvado na obra de M. Boismont. Assignalemos francamente os pontos sobre que nos parece que deve recahir a critica. M. de Boismont tinha a' sua disposição materiaes d'uma riqueza incalculavel. Não diremos que elle não soube usar delles, mas somente que não o fez com bastante sobriedade. Deu demasiado desenvolvimento a's minudencias, a' anecdota. As grandes linhas de sua demonstração desapparecem como submergidas em particularidades d'um valor insignificante ou mediocre. A narração he prolixa e mais d'uma pagina, que eu desejara ver destinada a' discussão philosophica, he occupada por episodios. Não desprezo a relação circumstanciada dos factos, muito principalmente nestas materias de psychologia mórbida em que muitas vezes se vê causas futeis a' produzirem resultados sinistros.

(1) *Du suicidie et de la Folie-Suicide*, por A. Brierre de Boismont, doutor em medicina da faculdade de Paris, 1856.

Mas quero que um livro serio seja expurgado do interesse vulgar dos factos accessorios, que não levam direito a consumação. Quero que se não distraia á cada momento a attenção por narrações puramente romanticas, isto he, que só servem de ornamentos ao assumpto, e que não levam direito ao fim. Queria tambem que M. de Boismont, circumscrevendo-se mais estrictamente no limite dos factos observados, não fosse pedir alguma cousa á obras de pura imaginação, que naturalmente nada provam.

A lealdade completa do autor teve o cuidado de indicar as fontes á que fez estes emprestimos. Mas teria tido mais espirito scientifico em saber abster-se delles. Não he ainda esta a principal exprobação que farei a M. de Boismont. Seu livro he escripto muito a pressa. Elle attesta industriosa paciencia e verdadeira consciencia na disposição da obra, no exame dos autos, na classificação dos factos particulares, na inducção que transformou os factos em leis. Porem a execução foi rapida, a precipitação revela-se nas numerosas repetições de idéas, nestas incoherencias e desigualdades de estylo, nestas distracções que são resultado da negligencia ou da pressa.

Seria longo insistir sobre as minudencias, mas aconselharei a M. de Boismont que dê o seu verdadeiro nome ao philosopho Hégé-ias que em sua pena, chamou-se—Hégésippe—(pag. 13) e que não attribua tragedias a M. Magnin como parece faze-lo na seguinte phrase:

« Entretanto de quando em quando seguem se os symptomas desta enfermidade; he assim que M. Maguin citou um exemplo em sua tragedia de—Callimaque—(pag. 27. »

São miserias, mas que repetindo-se muitas vezes, irritam o leitor e roubam a autoridade a um livro. Outro effeito da precipitação do trabalho he o habito de tomar, não documentos e idéas, mas paginas e innumeras paginas aos autores com que M. de Boismont se encontra. Por só citar dous exemplos he M. Saint Marc de Girardin que paga um pesado tributo com sua engenhosa analyse d'Hamlet e de Werther; he o sabio M. Felix Borquelot, que subministrou por si só toda a parte destinada ao periodo historico do suicidio durante a meia-idade. Depois ha no livro de M. de Boismont citações a perder de vista, apanhadas aqui e alli á escriptores brilhantes e á escriptores obscuros, que se admiram de se encontrar neste pleito de nomes proprios.

Note-se que em parte alguma ha plagiato, porque nunca M. de Boismont deixa-nos ignorar a fonte de que extracta. Mas estes multiplicados e dissemelhantes emprestimos fatigam. Todos estes diversos estylos chocam-se. M. de Boismont não teve tempo de fundir estas diversidades na corrente de um estylo unico, ou então não teve coragem de tocar nestas idéas ja consagradas por escriptores mais ou menos habeis. Dahi resulta que uma parte da obra carece completamente, não digo de originalidade (nem sempre se pode innovar na idéa), mas de personalidade no estylo, o que he grave. Para resumir todo nosso pensamento a este respeito, M. de Boismont deu-nos por um livro o que, em alguns lugares, he apenas materia para um livro futuro, que elle nos dera em sua segunda edição.

He preciso que se saiba que estas criticas nada roubam ao interesse real, fundamental do livro, nem á elevada sympathia que inspira o autor. Ha tão vivo e doloroso atractivo no assumpto, tanta honestidade, bom senso e sagacidade moral na maneira porque M. de Boismont tratou delle, que objecções litterarias so tem, em igual materia, um valor mui relativo e inferior. Elle será sempre, para honra de M. de Boismont, o livro mais completo que até aqui se tem escripto sobre o suicidio, um livro mui substancial, cheio de factos, expurgado de declamações, em que a mais rigorosa estatistica vem corroborar as considerações mais elevadas, e que se lê com ardor da primeira á ultima pagina, embora as imperfeições da confecção.

Alem disto temos um modo mais pessoal de louvar este livro, e he declarar ao começar este trabalho, que somos tributarios a M. de Boismont pela grande parte das idéas que vamos expôr, e dos factos sobre que ellas se baseam. Não he entretanto uma analyse que aqui emprehendemos. Concebemos o assumpto a nosso modo. Mas sem os innumeraveis recursos que M. de Boismont tão liberalmente poz á nossa disposição, ter-nos-hia sido impossivel levar este estudo ao grao de exactidão e precisão que lhe desejamos dar. Isto posto, damo-nos pressa em entrar na questão especial que ha muito abandonamos.

II.

Do suicidio no passado.

Um dos aspectos mais interessantes e quiçá o mais util na questão do suicidio, he o estudo de suas relações com as diversas formas da civilisação. Ha paizes e seculos tristemente privilegiados, em que o suicidio se multiplica com admiraveis proporções. Ha paizes e seculos, em que pelo contrario, a morte voluntaria torna-se um crime todo raro e quasi monstruoso. Porque esta differença? A dor está por toda a parte; ella não varia com os gráos de latitude nem com as epocas. He quasi sempre a mesma, varia na expressão e aspecto, mas não em intensidade e sempre a torturar o coração humano.

As paixões, que são o eterno alimento do soffrimento, não variam quasi pelo mesmo modo: he o amor e seu delirio, o orgulho e suas falsas exaltações, a calumnia e suas torturas. Como se dá pois que identicas causas, eternamente subsistentes, não produzam sempre o mesmo resultado? Quiz-se reduzir toda a questão á uma questão de clima. Disse-se, por exemplo, que se a Inglaterra he a terra classica do suicidio, he porque o clima ahi inspira singularmente a melancolia, ao passo que se tão raro he entre os povos do meio-dia, he porque o ar que ahi se respira faz amar a vida. Mas esta explicação he insufficiente, e não daria conta desses holocaustos humanos de que tantas vezes hão sido theatro as margens do Ganges.

Não sei tambem que o suicidio esteja em voga entre esses povos das extremindades geladas do polo, onde o mais ingrato clima deveria inspirar tristeza, entre os Lapoezes, por exemplo, ou entre os Samoyedos. E demais, pelo caminho que levamos em França, breve roubaremos a Inglaterra esta triste gloria de ser a terra privilegiada do suicidio, e então por si mesmo cahirá o argumento do clima. Não pretendo negar as influencias melancolicas da natureza, e mui bem sei em que estreita amizade vive o homem com o solo, com o céo e com o mar de seu paiz, para não reconhecer e notar a parte destas mysteriosas afinidades do homem com o clima que elle habita.

Mas ha uma causa mais activa, que penetra mais profundamente o homem, e que explica pelo modo mais verosimil estas differenças: he a civilisação. Entendo por civilisação, sem querer dar uma definição em regra, este—ambiente moral—de idéas, desejos, necessidades e interesses geraes, em que nascemos, em que vivemos, esta atmosphera de principios e crenças que nossa alma respira, e que entretem em nos, insensivelmente renovando-a, a vida immaterial. Não escapamos á estas influencias, mas quasi invisiveis, que nos penetram, mão grado nosso e ao mesmo tempo por todos os lados, pela educação, conversação, leitura, e emfim pela inevitavel participação de cada homem na vida geral da humanidade. He de irresistivel necessidade que sejamos de nosso tempo e de nosso paiz; todos não soffremos no mesmo grão a acção das doutrinas reinantes, mas desigualmente todos a soffremos. Se a atmosphera he sãa e pura, respiramos a saude, se he viciosa e morbida, respiramos a febre, e se todos não morremos e não ficamos gravemente enfermos, pelo menos todos soffremos inevitavelmente; he a lei, e não nos devemos queixar, porque he esta lei ao mesmo tempo physica e moral que consagra, por assim dizer sensivelmente, a solidariedade sagrada dos homens e que os obriga, até no seio do isolamento que crea o egoismo ou o orgulho, a reconhecerem-se irmãos ao menos na fraternidade do soffrimento.

Ser-nos-hia facil demonstrar a realidade d'esta grande lei por considerações geraes, senão houvessemos pressa de chegar aos factos que para muitas pessoas, sempre são mais concludentes do que raciocinios. Porem os proprios factos se encarregaram de fallar por nós e de fazer o que eu poderia chamar a philosophia do assumpto. Elles nos virão dizer que quando a civilisação he calma, a vida individual he repousada, uniforme, lenta e que corre pacificamente na esphera de um horisonte limitado, sem commoções de especie alguma, sem grande felicidade e sem catastrophe, o homem, nascido em um sulco, tome por limites de suas aspirações os do seu campo.

Não deixa que chimericos desejos lhe invadam o coração e morre no leito de seu avô. Então he que he rara, he que he quasi desconhecida a tentação do suicidio, no seio djestas existencias uniformemente immoveis. Quando ao contrario a civilisação he como que excitada, ardente, febril, a vida de cada individuo resente-se profundamente d'estes ardores e d'estas febres; a imaginação se escalda, o desejo se exalta, abrem-se immensos, desconhecidos horisontes; freneticas esperanças agitam a alma d'estas enlouquecidas gerações, colossaes ambições abalam em toda direcção á offegante actividade; gigantescas emulações produzem uma desesperada concurrencia; então he o terrivel contraste de fortunas, fabulosas, improvisadas por incriveis successos do acaso e inauditas catastrophes, que vão precipitar-se no fundo do abismo dos sonhos insensatos. N'este conflicto de desejos e de immensas decepções, o suicidio representa o papel d'este deos das tragedias antigas que intervinha no desfecho. Nem todos podem sahir victoriosos d'esta furiosa agitação da vida. Aos que se perdem, resta o recurso de morrer.

Eis o que dirão os factos—estas testemunhas incorrepliveis. Elles nos dirão tambem que influencia directa e immediata exercem as ideias dominantes d'um seculo ou d'um paiz sobre a tentação do suicidio. A morte não he sómente o effeito quasi inevitavel das agitações febris de uma sociedade em movimento; pode ser tambem consequencia de um dogma religioso ou de um systema philosophico, ou ainda de uma moda poetica ou toda litteraria. Estas diversas influencias fazem essencialmente parte de civilisação, e isto he apenas outra face da mesma questão.

He uma lei que o suicidio se torna raro ou se multiplica segundo as crenças ou as convicções de um seculo. He uma lei que elle toma exactamente a forma, o cunho das ideias reinantes e que reproduz com admiravel fidelidade o estado das almas nas épocas principaes da historia. Poder-se-hia fazer esta demonstração, seguindo a triste historia do suicidio á travez das differentes idades da humanidade, desde o mystico sacrificio do Brahmine ao infinito que o arrasta a suas mysteriosas profundezas, até a escola Stoica, abrindo as almas romanas este caminho para a liberdade; desde a doutrina Druida, enviando o Gaulez, que alegre deixa a vida para um melhor mundo, até o suicidio litterario e quasi contemporaneos dos filhos sonhadores de Werthe e de René.

Não se espere de nós uma historia regular e profunda. Poderemos apenas, nos limites que nos traçamos, esboçar as linhas geraes d'este estudo. Escolheremos tres ou quatro pontos culminantes da historia da humanidade, á que levaremos nossa demonstração; seremos obrigados á desprezar tudo o mais. Nem he assim mesmo um estudo sabio que tencionamos apresentar sobre estas epocas por nós escolhidas; he um esboço moral e nada mais.

O Oriente apresenta-se-nos em primeiro lugar e no Oriente a India, este berço dos povos. Demos de mão a infundada chronologia desta fabulosa antiguidade, ás sabias trevas que pesam sobre as origens destas grandes philosophias religiosas, ás extravagantes invenções dessas theogononias tecidas de mysterios e ás gigantescas heresias que separam, á tantos seculos, este immenso formigueiro humano. Vamos direito ao que nos interessa.

O Suicidio foi uma tradição permanente entre essas populações fanaticas.

Não foi das menos maravilhadas aventuras da peregrinagem armada e civilisadora de Alexandre ao fundo do Oriente, o seu encontro em Fascila, com esses philosophos que viviam nas ás margens do Ganges e aos quaes os Gregos deram o nome de gymnosophistas. Estava a Grecia face a face com os Brahminis. Não se pode duvidar; pelas circumstanciadas narrações que nos legaram Ariano, Plutarco, Strabon, sobre esta estranha apparição que tão vivamente impressionara a sabia imaginação da Grecia, os gymnosophistas eram certamente sectarios de Brahma, e o primeiro manifesto que de sua doutrina deram ao conquistador e ao exercito, foi um suicidio.

Mandanis, o chefe destes philosophos, recusara seguir Alexandre.

Só Calanus consentio, mas dir-se-hia que por morrer com mais ostentação, em presença do exercito estrangeiro, a que deu o estranho espectaculo de sua morte, no meio de uma pompa magnifica preparada pelos cuidados do rei.

Alexandre retirou-se antes de completar-se esta ceremonia cruel e mysteriosa, que devia repugnar com sua alma elevada, como devia chocar aos habitos polidos da civilisação grega.

Plutarco pretende que Cezar teve a seu turno, seu gymnosophista que se queimou como o de Alexandre.

Foi por este sinistro holocausto que a Grecia e a Roma se revelou a philosophia indiana. Ve-se que este extravagante fanatismo data de longe nos costumes da India e sabemos que os Brahmines matam-se hoje com a mesma facilidade que no tempo de Alexandre, sob a insensata inspiração das mesmas doutrinas.

Não he por individuos, como entre nós, que devemos contar os suicidios nesta mystica terra, mas por centenas, por milhares de individuos. São menos suicidios individuaes que hecatombes humanas, exigidas cada anno pela homecida — superstição, que faz ao mesmo tempo o terror e a voluptuosidade destes povos. Ha necessidade de recordar estas festas monstruosas em que vemos o idolo de Djaggernat passear sobre os corpos esmagados de seus adoradores, e essas devoções, tristemente extravagantes, pelas quaes seitas inteiras de penitentes condemnam-se a horriveis e lentos supplicios?

Só por uma especie de atroz emulação, para quem inventar mais dolorosos soffrimentos. Não he tudo deixar a vida; he ainda mister immolar engenhosamente o corpo, he mister sacrifica-lo em novas torturas, e a imaginação põe-se dest'arte ao serviço deste gosto fanatico da morte. Sabemos que o Bouddhismo, penetrando no Japão, introduzio nesta terra os mesmos costumes e as mesmas extravagancias que ha tempos immoriaes, reinam no solo sagrado da India. Sabemos, pelas narrações de Charlevoix, com que exaltação estes desgraçados sectarios de um culto inexhoravel, amontoam-se em barcas, soltam-nos ao largo e deixam-se submergir entoando hymnos, ou então como elles se deixam enterrar vivos nas cavernas, abençoando seu destino.

Como vemos, o fanatismo desenvolve forças sobrenaturaes e só uma fé implacavel he que pode dar tempera a coragens violentas e frias.

He este, com effeito, o segredo de tanta energia dispensada em soffrer e em morrer. Sem entrar na analyse das doutrinas que separam o Oriente indiano em dous mundos irreconciliaveis, o mundo que segue o culto de Brahma e aquelle de que se apoderou o Bouddhismo, dizemos que o que constituie igualmente o fundo destas religiões, que contam as centenas de milhões seus sectarios, he a idéa e o sentimento do Infinito, principio e fim, causa e substancia, typo e receptaculo universal ou antes abysmo insondavel em que vem á absorver-se toda forma perivel, toda a alma individual, depois das successivas passagens de uma laboriosa metempsycose. Todos estes vastos systemas tem de commum propor ao homem, como o maior objecto de suas aspirações, uma felicidade final, perfeita a que elles chamam emancipação e livramento.

Bem pouco importa saber de que especie será esta felicidade ideal. Será a reunião final com a alma suprema, como promettem os Brahmines? Será ao contrario como querem os Bouddhistas, o repouso do Nirvana, a completa apathia, a existencia despida de todo attributo corporal e considerado como a suprema felicidade, uma cessação de todo movimento, uma negação de todo modo de existir e de sentir, um repouso absoluto que singularmente se assemelha ao somno do eterno nada?

Deixaremos aos indianos a discussão destas graves questões. Baste-nos saber para a materia de que nos

FOLHETIM.

ORIGINAL DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

A CARTEIRA.

18 DE JANEIRO DE 1857.

Historia dos Constituintes por A. de Lamartine.

« Paira um mysterio quasi impenetravel a' historia, diz Lamartine na sua historia da Russia, sobre o berço dos povos, assim como paira uma nuvem sobre as nascenças dos rios que descem das montanhas de gelo.

« Por maiores que sejam os esforços e systemas dos sabios para remontar as origens das nações, e depois seguir raça a' raça e passo a passo as migrações immensas e inexplicaveis dos trasbordamentos de homens, todos extravasados, segundo os mesmos sabios, das planicies da alta Tartaria, o espirito se perturba á vista das narrações hypotheticas desses historiadores do mysterio; apenas percebem-se clarões, não se distingue mais do que confusão, explica-se um enigma por outro enigma, e aquelle que he dotado de um espirito sincero e lucido que não se satisfaz com palavras, mas que quer caminhar a' claridade da verdadeira luz sobre um terreno solido, acaba por abandonar esses poetas das trevas, que se chamam eruditos, e por dizer humildemente a palavra do vulgo, que he tambem a palavra dos philosophos, *ignoro.* »

A opinião de Lamartine acerca dessa especie de mysterio que paira sobre o berço dos povos, póde ser igualmente applicada a' origem de todas as revoluções politicas, e com especialidade a esse immenso drama que em França se começara a representar em 1789, e que a historia denomina *Revolução franceza.*

O espirito se perturba a' vista da multiplicidade de causas, que varios historiadores hão assignado a este grande successo, que abalou o mundo occidental, e fez que a sociedade desse mais um passo; porém afinal o homem diz: *ignoro.*

Thiers encontra a origem da Revolução franceza na longa oppressão de todo o genero que a classe, privilegiada exercia sobre a maioria do povo.

Luiz Blanc remonta-se pelo pensamento ao anno de 1414, e o concilio de Constança em que se lavrara a sentença de morte contra João Huss, as reformas religiosas propostas por Luthero e Calvino, as theorias de certos publicistas do XVI seculo, Rabelais, Montaigne, os politicos da liga, as communas, os estados geraes, Richelieu, o jansenismo, Colbert, Luiz XIV, a regencia, Law, Voltaire, a encyclopedia, Buffon, J. J. Rousseau, os impostos, as corveias, as jurandas, economista Quesnay, Turgot, a luta entre o principio de autoridade e individualismo, todas as idéas, todas as doutrinas, todos os grandes homens, que precederam o anno de 1789, são considerados por Luiz Blanc, como a causa verdadeira da revolução.

Granier de Gassagnac, tomando outra direcção, e querendo glorificar a memoria de Luiz XVI, responsabelisa a classe aristocratica, e apresenta-a, como a causa exclusiva deste grande successo dos fins do seculo passado.

Ainda poderamos citar varios escriptores que assignam outras causas differentes á revolução franceza, antes de nos occupar com a nova obra do autor dos *Girondinos*; mas os tres que ficam apontados, e as respectivas opiniões, são sufficientes para testemunhar essa divergencia historica, filha do mysterio impenetravel, que parece pairar sobre o berço dos povos.

Em paginas mais profundas e mais philosophicas, do que as de Tacito, narrara Lamartine, com eloquencia epica e lyrica ao mesmo tempo, um dos episodios mais notaveis da historia da revolução, —esse episodio de que o hymno immortal de Rouget de Liste fôra a inspiração e o enthusiasmo, e Vergniaud o verbo e a encarnação.

A *historia dos Girondinos* ja lhe tinha grangeado uma das glorias mais esplendidas, que referem os annaes antigos e modernos, mas o seu espirito illuminado, sedento de immortalidade, inspirou-lhe a narração dos grandes feitos da assembléa constituinte,—desse cenaculo donde sahiram as bases da sociedade moderna, e a declaração sagrada dos direitos do homem.

« Depois de ter descido o curso do tempo até os nossos dias na historia dos *Girondinos* e na da *Restauração*, diz o autor das *Memorias Poeticas*, elevo-me hoje a esses annos tão cheios e tão rapidos para narrar a historia da primeira assembléa nacional franceza, que se chamou por excellencia a *Assembléa constituinte.*

« Esta reunião de homens deliberando sobre as ruinas de uma monarchia, que se enfraquecia, foi o concilio secular da razão, o foco das idéas, o echo da palavra, o braço da opinião para discutir e promulgar as crenças modernas sobre a sociedade e sobre o governo dos povos.

« Depois de ter respirado a philosophia politica do seculo XVIII no livro dos seus apostolos, a França recolheu esta philosophia n'um centro de força irresistivel para todos e para si propria, e n'uma explosão successivamente magestosa e terrivel, operou a maior transformação intellectual, social e politica, que tenha agitado o Occidente depois de Carlos Magno. »

Tendo estabelecido o objecto do seu novo trabalho, Lamartine tenta narrar a Revolução sem lisongear-lhe as fraquezas, nem attenuar lhe os delictos. He este, segundo elle confessa, o meio de restaurar as verdades nas almas, elevar o povo á fé em si proprio, a intelligencia aos principios, e o coração dos homens deste seculo á esperança, esse dedo de fogo da Providencia, que mostra o alvo ás nações!

Segundo a sua opinião, a grandeza da Revolução franceza he não ser somente uma revolução da França, mas uma revolução do espirito humano; e sem remontar-se laboriosamente e por filiações obscuras a' sua origem, referem-nos esta origem em duas phrases: « a Revolução franceza nasceu no mundo no mesmo dia, que a imprensa. »

Para Lamartine a imprensa e a opinião publica foram a origem da revolução.

Diz que uma machina material, a imprensa, multiplicando o alimento da intelligencia, multiplicou o pensamento. Guttenberg foi o precursor da razão moderna.

Armados, continua elle, com o instrumento mechanico, que uma providencia occulta sob a apparencia do acaso e de uma industria acabava de dar-lhes, a consciencia e a razão trabalharam incessantemente para a sua duplice emancipação.

Uma procurou Deos nas revelações da natureza; a outra procurou a justiça nas instituições politicas.

Ambas se uniram algumas vezes para alluir em commum duas autoridades, a Igreja intolerante e o Estado oppressor, que a idade media coalisara contra si.

Ora victoriosas, ora vencidas, assignalaram com seu sangue todos os seus passos para o seu alvo de liberdade e de justiça.

Martyrisadas sobre as fogueiras da inquisição na Hespanha, opprimidas na Italia, assassinadas em França pela S. Barthelemy, arrenegadas por Henrique IV, proscriptas pela revogação do edito de Nantes no tempo de Luiz XIV, a consciencia e a razão immortaes por sua natureza, tinham sobrevivido.

Cresceram em força nestas provações; filtraram como as gottas do seu proprio sangue, ou como os raios da sua alampada funerarea atraves das paredes das masmorras, no espirito geral da Europa.

Chegaram no seculo XVIII a uma especie de maioridade latente sob o nome de philosophia, ou de racionalismo, duas palavras para exprimir a mesma cousa: a intervenção da consciencia livre na crença, e a intervenção da razão livre na reforma e no progresso da sociedade.

Proseguindo na estatistica dos phenomenos que occasionaram a revolução, Lamartine declara que a philosophia do seculo XVIII, no sentido mais elevado e mais moral, era o codigo, redigido ainda, da liberdade religiosa e da liberdade civil.

Compunha-se ella, na sua generalidade confusa e diversa, de todos os progressos racionaes que dous seculos de pensamento tornado mais activo e communicativo pela descoberta da imprensa, tinham proporcionado ao espirito humano.

Quando era decomposta, encontrava-se nella o espirito escrutador de Bacon, o espirito methodico de Descartes, o espirito discutidor de Luthero, o espirito evangelico de Fenelon, o espirito generalisador de Montesquieu, o espirito conjectural de Buffon, o espirito antisuperticioso e profanador das tradições de Voltaire, o espirito proletario de J. J. Rousseau.

Estes grandes tribunos do mundo intellectual, possuidores pelos seus livros do ouvido, da alma e do coração dos povos, lhes tinham successivamente ou ao mesmo tempo, trazido todos os elementos de uma ordem nova de ideas e de instituições: a vontade de pensar antes, do que de crer, o exemplo da revolta contra certa especie de verdades, os factos historicos para contradizer os direitos dos principes á posse divina do poder absoluto, os factos scientificos para confundir as ignorancias tradicionaes da multidão, a critica para soprar sobre as credulidades populares, os modelos verdadeiros ou imaginarios de civilisação, para envergonhar os povos pela comparação da sua organisação servil com esses typos historicos ou fabulosos de perfeição, como no *Telemaco* ou no *Contrato social*, o risojia incredulidade, ou do despreso contra as instituições, para animar o seculo a por a mão sobre as cousas velhas, a eloquencia para indignar o povo contra as superioridades, a propria illusão e a chimera para dar-lhe como mira a impaciencia de alcançar, desmoronando os obstaculos, esse modelo de razão, de perfeição e de justiça a que o homem tende incessantemente e que nunca alcança.

Eis a philosophia do seculo XVIII, ainda melhor denominada a philosophia revolucionaria.

Quanto a opinião publica, outra origem que o autor assigna a revolução, e que he considerada por elle como uma potencia nova sob as monarchias moderoas, excepto sob a monarchia republicana da Inglaterra, era ainda invisivel, impalpavel e muda na Europa. Nenhuma tribuna, excepto a cadeira sagrada, lhe dava a voz.

As proprias leis lhe prohibiam fallar nos livros, sem a autorisação da censura ecclesiastica, da censura dos parlamentos e da censura da policia.

Eram estes os tres sellos do espirito.

A opinião era legalmente condemnada ao silencio, ou a fallar sómente segundo a vontade dos pontifices, ou dos reis.

Mas a invenção da imprensa, que condensa em uma pagina de papel occulta na mão de um menino bastantes pensamentos para fazer que o mundo exploda, que circula como o ar, que allumia como a luz, que falla no silencio, e que por assim dizer participa da immortalidade e indivisibilidade do proprio pensamento, illudira as precauções do sacerdocio, da magistratura, da aristocracia e do despotismo.

Digamos mais, os padres, os magistrados, os cortesãos, os principes, as princezas, os proprios reis tinham sido os complices desses subterfugios do pensamento para se espalhar sob todas as formas no commercio de livros.

A igreja e o Estado espalhavam com uma das mãos os escriptos, que fingiam repellir com a outra. Toda a França nadava em um diluvio de pensamentos escriptos.

Estes livros se tornavam, pelo genio, que os animava, ou pelo proprio escandalo, o entretenimento continuo de uma nação, em que a conversação he a segunda necessidade da existencia e por assim dizer uma instituição social.

Entretendo-se com obras prohibidas, e tanto mais procuradas, quanto eram mais prohibidas, tratavam-se das questões religiosas, philosophicas, politicas, sociaes, agitadas pelo escriptor.

Todos se interrogavam reciprocamente, respondiam, enthusiasmavam-se, ou se indignavam; nenhuma tyrannia era bastante universal, nenhuma policia bastante presente em toda a parte para se interpor entre os interlocutores.

Formava-se uma impressão commum, trahia-se, concertava-se, no theatro, nas academias, nos salões, nos jardins publicos, nos cafés, assim como aconteceu em Athenas.

Applaudiam, ou se sublevavam juntos, revelavam-se uns aos outros pelo contacto dos sentimentos semelhantes, contavam-se, sentiam a propria força, calculavam o numero, exaltavam-se unanimemente. O sentimento de um pensamento collectivo dava audacia ao pensamento individual, confiança aos inovadores, timidez ao governo.

A opinião publica, diz o autor, pode-se definir da maneira seguinte: — a certeza que cada um tem de encontrar o seu sentimento proprio em todos; o sentimento mutuo de espiritos, que duvidam de si proprios, emquanto estão isolados se prestam pela contiguidade das idéas.

Deste pensamento commum a uma vontade omnipotente, não ha mais que um instante, um signal, um grito.

Mas para que a opinião, esta força executiva da philosophia do seculo XVIII, se tornasse vontade, e adquirisse a energia necessaria para abater o velho edificio e construir novos planos, era mister outras duas condições.

Primeiramente que a opinião se tornasse paixão;

Depois que o governo offerecesse occasiões de transtorno.

A juventude, a inexperiencia, as tentativas, as hesitações, as proprias virtudes de um rei joven, inspirado successivamente por uma corte estouvada, por uma esposa adorada, mas futil, por velhos caducos, ou por aventureiros de idéas, não tardaram a fazer nascer as circumstancias e as agitações.

E quanto ás paixões, nasciam ellas mui naturalmente do antagonismo dos interesses e das vaidades, que a situação reciproca das classes da sociedade franceza ia collocar frente a' frente na primeira crise das instituições.

O direito, o privilegio, a justiça, a injustiça, a posse, a cobiça, a necessidade de conservar, a sede de adquirir, a inveja no povo, o orgulho na aristocracia, o predominio na igreja, a ambição no terceiro estado, a avidez na corte, o gemido no povo, a popularidade nos tribunos de todos estes interesses em presença, davam a philosophia revolucionaria um exercito de paixões sufficientes para nivelar o velho mundo e dar lugar a uma nova geração de idéas.

Mas sobre todas estas paixões interessadas, ou perversas, he força dizer para gloria da humanidade, uma paixão grande e unanime prevalecia nas almas, assim como em todas as condições: era a paixão do bem publico.

O enthusiasmo do futuro se tinha apoderado da França, e a precipitava, com o prazer e com o desinteresse de uma virtude publica, no cadinho em ebullição, em que ia consummar-se, generalisando-se, victima voluntaria, calculando em nada os seus sacrificios, as agitações, os perigos, as proprias supplicas, comtanto que estes perigos, estas agitações, estes sacrificios fossem proveitosos ao triumpho da razão, da justiça e da humanidade!

Depois de estabelecer os dous principios, a imprensa e a opinião publica e o estado da sociedade franceza, que Lamartine dá como causa a' revolução, entra na narração dos acontecimentos e no desenho das principaes figuras, que representaram os primeiros papeis do drama, que se intitula Revolução franceza: e o resumo desta parte da sua nova obra constituira o objecto de outro artigo de nosso trabalho hebdomadario.

Abdalah-el-Kratif.

ILEGÍVEL

occupamos, que a doutrina do livramento, isto he, da morte final do individuo, absorto no grande todo, he o fundo de toda theogonia e moral Indu, que, das margens do Ganges, se propagou por entre as numerosas populações asiaticas. Melhor se comprehenderá, então, como o suicidio he o desfecho natural desta luta do principio individual, illusão do ser, contra o principio universal que contem em seu amplo seio todas estas existencias dispersadas e estas almas errantes.

Apanharemos o segredo de todos estes suicidios consumados com a mais completa calma, sob a pressão da exaltação interior, quando soubermos que a morte não he para o Indu o que he para nós, o tormento do desconhecido ou a incerteza do juiz supremo. Para elle, cançado da vida e impaciente pelo nada divino, a morte nada mais he do que o grato sacrificio de uma misera e soffredora personalidade, um desvanecimento mystico e um voluptuoso arrebatamento ao seio do infinito.

Transportemo-nos das margens do velho Indus, á outra extremidade do mundo conhecido dos antigos, aos nossos antepassados Gaulezes, discipulos dos Druidas. O caracter essencial que impressionou todos os historiadores da antiguidade he uma bravura sem igual, uma calma inaudita perante o perigo, um esquecimento completo da morte. « Felizes povos, exclamava Lucano em versos tantas citados, felizes em seus erros esses povos que habitam o Norte! O maior dos terrores, o terror da morte, os não atormenta. Dahi estes corações tão ousados a correr sobre o fio da espada, estas almas capazes da morte, esta idéa de que se não deve poupar a vida que ha de voltar. » A morte era apenas para elles um accidente. Compenetrados da idéa da mentepsycose e da esperança d'uma emigração ás explendidas regiões do firmamento, ja' povoadas de seus antepassados e de seus amigos, elles atiravam-se com um coração animoso para esta nova vida, que quasi só era a continuação da vida presente. Livremente se contrahiam emprestimos, cujo prazo de vencimento era no outro mundo. O dogma druida da immortalidade não era mais como na India, a crença em um repouzo eterno no seio do nada, ou então em uma apotheose na alma universal. Não, era o mesmo mundo prolongado, era a personalidade humana continuada em algum globo celeste. Facil he de comprehender que taes esperanças eram á tomar a morte como divertimento. Tambem vemos apparecer atraves dos imperfeitos documentos, que nos restam da antiga civilisação de nossos ascendentes, a tradição, o habito da morte voluntaria, como uma tradição e um habito profundamente nacionaes. Morria-se por acompanhar um amigo que expirara em margens longinquas. Outras vezes, morria-se por salva-lo d'uma enfermidade, e esses que voluntariamente iam substituir algum lugar no grande exercito da morte, partiam sem pezar, para a patria mysteriosa. Na Grecia e em Roma, a doutrina do suicidio houve diversa origem. Ella propagou-se no mundo antigo antes como um ensino philosophico, do que como um dogma religioso. Platão interdiz o suicidio por um modo elevado. Foi elle o primeiro á comparar o homem ao soldado que deve guardar o posto em que o collocara a vontade dos deoses. Mas, em outros lugares de seus escriptos, parece arrefecer-se sua severidade, e no livro das *leis*, tantas circumstancias attenuantes elle admitte que parece suspender, em nome da philosophia, a interdicção que lançara sobre a morte voluntaria, em nome da vontade dos deoses. Em sua opinião, que he tambem a de Aristoteles, ha como um grande enfraquecimento de doutrina, que só podia ser mui favoravel ao dogma do suicidio. A duvida moderada das academias, o scepticismo absoluto de Pyrrhon e de sua escola levavam muito abertamente á indifferença em moral, e á incerteza da duvida futura, para deixar de enfraquecer o imperio da vontade humana e predispor a alma, cançada de si mesma, a' pedir repouzo ao nada. Crê-se que Arcesilão e Carneades, no declinar de uma longa vida, apressaram a hora da morte, que seu mao grado lhes tardava muito. A escola cynica, esta brutal e grosseira progenitora do estoicismo, formou Diogenes, este Socrates em delirio, como o chamava Platão, que terminou pelo suicidio sua existencia orgulhosamente excentrica. Conhecemos a historia deste vaidoso descendente de Diogenes, o cynico Peregrino, que no segundo seculo da era christãa, sabio solemnemente á fogueira, em presença de toda Grecia reunida nos jogos olympicos, parodiando a' seu modo os martyres christãos, de cuja humildade e fé elle carecia: impio e triste espectaculo representado por um nescio orgulho. Os philosophos de Cyrene, eloquentes sectarios da voluptuosidade, foram os primeiros a' fazer uma apologia ao suicidio regular e doutrinal. Tem-se conservado algumas passagens das apologias d'Hégésias, um dos mais arrebatadores mestres desta escola. Considerando a felicidade como o unico fim da acção humana, elle indagava porque meios se podia attingi-la, e chegava a' esta conclusão, que desenvolvia com rara habilidade: — a felicidade he uma cousa imaginaria que escapa a' todos os nossos esforços; os males excedem aos bens e estes mesmos, os raros gozos que sentimos, nada tem de real nem de duravel, pois que o habito os enfraquece, e a sociedade no-los pode roubar. Esta maxima resumia toda sua doutrina. « A vida só parece um bem ao insensato; o sabio só tem por ella indifferença, e a morte lhe he igualmente desejavel. » He por este modo que elle percorria com um scepticismo desolador, todos os bens da vida, as virtudes, os sentimentos, os gozos do coração como as vantagens do corpo e a fortuna. Elle queria que o sabio se habituasse a desprezar o reconhecimento e a amizade, a beneficencia e o amor do proximo, finalmente sua liberdade, todos estes bens illusorios, cujo gozo precario so pode fascinar espiritos vulgares ou enganados. Elle tinha de pintar a existencia humana com tão tristes cores, que grande numero de seus ouvintes, possuidos d'um invencivel desgosto pela vida, mataram-se ao acabar de ouvir estas dramaticas lições; daqui lhe vem o nome de Pisithanate (que aconselha a morte.) A influencia deste apostolo da morte fez-se um verdadeiro perigo, e o rei Ptolomeo aterrado pelo contagio de sua palavra, mandou fechar sua escola, que se havia tornado uma escola publica do suicidio. Uma doutrina mais elevada, o estoicismo, poz a liberdade humana sob a salvaguarda da morte. Encontraremos esta philosophia, e ahi veremos seus resultados. Baste-nos aqui recordar somente, que o fundador desta seita, Zeno, ja' velho e alquebrado pela idade, suicidou-se, legando a' seus discipulos um nefasto exemplo, que teve numerosos imitadores.

Em Roma, não havemos de occupar-nos com os innumeraveis suicidios que tiveram sua origem em circumstancias especiaes, quer a dedicação a' patria que se ostentou na morte de Decio, quer a altivez do amor conjugal que com tanta força se vio brilhar na coragem de Porcia, da mulher de Bruto, de Arria, a mulher de Pæctuz, de Paulina, a mulher de Seneca, quer emfim o sentimento da castidade violada, que se desatou na heroica morte de Lucrecia. Aqui nos não queremos occupar senão do suicidio philosophico, inspirado por doutrinas e pondo em relevo certos principios. Em Roma, com effeito, o suicidio tornou-se uma philosophia, inteira, uma politica, um systema completo.

Eu quereria reunir em poucas palavras esta doutrina, falsa sem duvida, mas não destituida de prestigio, que servio de refugio a tantas almas incapazes de lutar com fructo, mas incapazes de se submetterem.

He principalmente em Seneca que se encontra a reivindicação deste pretendido do homem sobre si mesmo. Elle se esforça por estabelecer que o homem pode morrer, quando lhe não agrada viver. O suicidio he o acto energico pelo qual o homem se possue, liberta-se das inevitaveis servidões e affirma solemnemente sua liberdade em face da humanidade que arca sob o jugo humilhante da fortuna.

O sabio nunca pode ser escravo; tem nas mãos a liberdade. Elle emprega todos os seus esforços por manter sua independencia e sabe, quando he mister, procurar um abrigo em que nenhuma tyrannia pode attingi-lo. Elle conserva por este modo sua inalteravel felicidade, prompto para morrer por mante-la intacta e elevando-se por sua virtude acima dos deoses; porque a felicidade dos deoses he o privilegio de sua natureza, a felicidade do sabio he uma conquista de sua liberdade. Eis o essencial da demonstração, o mais he puramente declamatorio. Esta altiva doutrina teve, em Roma, duplo prestigio: o prestigio da opposição republicana e a celebridade dos grandes nomes que a receberam. Este pretendido direito do homem sobre si mesmo, Catão o reivindicou em Utica, Bruto em Filippes, Seneca e Thrazeas em Roma. Ella propagou-se sob os auspicios a estes nomes consagrados e tornou-se o dogma favorito da' esta minoria ameaçada do senado romano que soube ao menos defender com honra, por illustres mortes, a tradição de sua republica moribunda. Não defendiam mais que uma sombra, esses republicanos da ultima hora; não cobriam com sua gloria mais do que um principio abstracto; mas não he alguma cousa saber morrer por tal sorte, ainda por uma chimera? O estoicismo romano teve o erro de aspirar demasiado ao grandioso e de offerecer-se em espectaculo ao mundo, como sobre um palco. Teve o erro mais grave ainda de declamar. Mas he isso razão para declamar contra elle? Defendendo os estoicos contra excessivas accusações, não pretendo, e de tal me livre Deos, associar-me a' suas apologias do suicidio. Esta doutrina he inspirada pelo orgulho e em todo tempo sera' verdade que a vida que se pode tornar util aos outros he infinitivamente superior a' aquella que se procura honrar-se por um esteril e orgulhoso sacrificio. Entretanto he preciso convir que em falta de uma mais nobre doutrina, que devia ensinar a' humanidade e elevado conhecimento da dedicação, ha certa grandeza e alguma força nestas mortes voluntarias, que eram antes um protesto do que um suicidio. Doutrina falsa, ainda uma vez eu o concedo, porém taes erros não chegam a' corações vulgares nem a' almas efeminadas.

Não foi somente o dogma estoico da liberdade que armou o braço dos Romanos contra si proprios, tambem o dogma da voluptuosidade.

A seita de Epicuro não mercadejava suas victimas. Depois de haver repetido por muitas vezes que a morte he boa quando não ha mais alegria na vida, ella deu um vivo exemplo em alguns de seus mais illustres mestres. He bem esperar a morte e não vale mais preveni-la? De que serve deferir a hora inevitavel, de que serve disputar alguns dias precarios a' fortuna quando estes dias são cantados por afflicções ou soffrimentos? Emquanto a escola estoica dizia a' seus altivos adeptes: « A força te esmaga; mas ninguem he senhor de ti; tens na mão a liberdade, » a doutrina de Epicuro excitava a embriaguez da morte a' seus sectarios: « Tu exgotaste a vida até em seus ultimos gozos; nada mais tens a' esperar della do que a dôr, as enfermidades a velhice. Uma ultima libação; mas por esta vez saiba-se mesclar-lhe um veneno subtil. Bebe a morte; não he tambem felicidade o repouso no seio do nada? » Tal era a ultima e a suprema sabedoria da voluptuosidade antiga. Deste as duas mais celebres doutrinas de moral pagãa levavam ao mesmo termo, a morte, unico remedio de uma vida aborrecida de si mesma, ou de uma coragem exhausta pela luta. E morria-se assim, sem esperança e sem pezar. Seria sem duvida uma temeridade classificar o suicidio de Antonio entre os suicidios epicuristas. E todavia, se a causa de sua morte foi toda politica, ao menos a forma foi a de uma morte epicurista, preparada friamente com todas as precauções para apartar o soffrimento, aceita depois com a resignação de voluptuoso fatalismo, quando chegou o momento. He sabido que Antonio e Cleopatra formaram no Egypto uma academia da morte (*les comourants*,) cujos membros se haviam todos empenhado a' morrer ao mesmo tempo e cuja unica occupação era a pesquiza dos meios mais brandos para acabar alegremente a vida, Cleopatra faltou ao *rendez-vous* funebre e só cumprio o seu compromisso mais tarde, quando o urgio a necessidade. Lucrecio, este verdadeiro poeta, que soube cantar em versos energicos e ardentes o arido dogma de Epicuro, deu a' sua vida o desfecho de um suicidio consummado em uma especie de delirio amoroso. Petrone, o pintor da orgia romana, divertio-se até o ultimo instante com o suicidio, rasgando successivamente e atando veias, como para gozar mais pacificamente da amarga voluptuosidade da morte. A medida que os tempos declinavam, os suicidios se multiplicavam innumeravelmente. Estranho contraste, a' que nos devera' habituar a historia de todas as civilisações, gastas pelos seus proprios excessos! No seio da voluptuosidade, nasce um gosto extravagante, desordenado pela morte. Corre sangue no termo de todas as orgias. Quando se exgotaram todas as sensações da vida, desperta-se um novo appetite por uma sensação suprema, a que a termina. Tem-se observado que as almas impuras tem não sei que maligna alegria em soffrer, ou em ver soffrer que o suicidio foi o ultimo delirio do deboche.

Os Romanos da decadencia, gastos de voluptuosidade, cançados de não encontrar nunca ao cabo de seus desejos senão os mesmos prazeres eternamente previstos, atiravam a' uma ultima festa sua vida fatigada de gozar e abysmavam-se com uma especie de impaciencia neste desconhecido da morte que elles julgavam ser o nada.

Pelos ultimos tempos do paganismo moribundo, n'este grande declinar das cousas antigas, via-se a vida humana prodigalisada com uma especie de desprezo furioso.

O desprezo da vida; eis um singular phenomeno que nos apresentam invariavelmente todos os seculos de decadencia. Parece que a existencia não tem preço quando não ha mais um nobre fim a que ella possa tender.

A humanidade, cançada de si mesma, fatigada d'intereminaveis voluptuosidades, deixava correr a vida com o sangue de suas veias abertas. Deixava-se morrer por não haver mais força para viver. Era tempo que uma doutrina austera viesse reter a mão violenta da humanidade, voltada contra si mesma; era tempo que o christianismo viesse esbarrar esta indifferença da vida, este abandono da morte e dar sua vida alta significação, a provação, dando o dever por fim a liberdade humana, a alma, emfim, o segredo perdido de seus immortaes destinos.

He Santo Agostinho que primeiro formulou em uma argumentação subtil e inflexivel, por um modo absoluto e dogmatico a reprovação do suicidio. Resumo os principaes argumentos que o illustre bispo desenvolve em uma serie do capitulo na Cidade de Deos.

« Não he sem razão, diz elle, que nos livros santos, não se encontra uma só pássagem em que Deos nos ordene ou permitta dar-nos voluntariamente a morte, quer evitar algum mal, quer para adquirir a vida eterna. Ao contrario, isto nos he interdito pelo preceito: Tu não mataras... Estes termos são absolutos, e a lei divina nada lhes acrescenta que os limite; donde se segue que a prohibição he geral e que d'ella não está exceptuado ainda aquelle a quem se ordena que não mate. Pode-se admirar a grandeza d'alma dos que atentaram sobre si mesmos, mas certamente não se poderia louvar sua prudencia.

E sera' mesmo justo, para examinar as cousas de mais perto e rasoavelmente, chamar grandeza d'alma esta fraqueza que torna impotente para supportar seu proprio mal ou as faltas d'outrem?

Nada denuncia mais uma alma sem energia, do que a impossibilidade de resignar-se a escravidão do corpo e a loucura d'opinião.

Ha mais força em levar uma vida miseravel de que em deixa-la e os duvidosos clarões da opinião, sobretudo da opinião vulgar, não devem prevalecer sobre as puras clarezas da consciencia... Cita-se Catão que se suicidou em Utica. Esquece-se que seus proprios amigos, homens tão esclarecidos como elle esforçaram-se por dissuadi-lo de seu projecto, o que muito bem prova que elles viam mais fraqueza que força d'alma nesta resolução. E o proprio Catão deixou-se trahir pelo conselho dado a morrer a seu filho muito amado. Se com effeito era vergonhoso viver sob a dominação de Cesar, porque he que o pai aconselhou ao filho que supportasse essa vergonha, recommendando-lhe que tudo esperasse da clemencia do vencedor? Por que o não obrigou a parecer com elle?

A verdade he que Catão amou seu filho, sobre quem seus votos e sua vontade chamaram a clemencia de Cesar, que remetteu a Cesar a gloria de perdoar-lhe. — Nesses adversarios não querem que prefiramos a Catão o santo homem Job, que antes quiz soffrer em seu corpo as mais crueis dores que livrar-se d'ellas pela morte.

Pois bem! tomemos em seus proprios livros o exemplo de Regulo. Vencido depois de haver sido vencedor, preferio resignar-se e ficar captivo, a libertar-se e tornar-se assim assassino de si mesmo. Inabalavel em sua paciencia para soffrer o jugo de Catago e em sua fidelidade em amor Roma, elle não consentio em roubar seu corpo vencido aos inimigos nem a sua patria seu coração invencivel: Que lição para os christãos, adoradores do verdadeiro Deos e amantes da celeste patria? » Depois desta refutação viva e cerrada do estoicismo, Santo Agostinho examina os diversos pretextos que se pode allegar em favor da morte voluntaria. Em que corre perigo uma mulher de soffrer os ultimos ultrages? Mas onde reside a castidade? n'alma ou no corpo? Evitar-se-ha, por um crime certo, a falta incerta de outro?

Se a morte voluntaria fosse desejavel como um refugio contra o peccado, vós serieis levados aconselhar aos homens a morte no momento em que a agua do baptismo os acabasse de regenerar.

Não seria criminosa semelhante linguagem?

— Allega-se o exemplo d'alguns santos em certos casos em que a fé nos certifica que elles obraram por uma permissão expressa do Creador. Mas esta permissão só respeita a aquelle que sabe que lhe he prohibido attestar contra sua propria vida e só he por obedecer a aquelle cujas ordens não se podem desprezar; mas he preciso que haja certeza de que a ordem não he duvidosa. Não pretendemos ao juizo das cousas occultas. O que 'dizemos, o que affirmamos, o que approvamos por todos os modos, he que ninguem tem o direito de matar, nem para evitar as miserias do tempo, pois arrisca-se a precipitar-se nas da eternidade; nem por causa dos peccados de outrem, porque, para evitar um peccado que o não manchava, elle começa por se sobrecarregar com um peccado que lhe he proprio; nem por seus peccados passados, por que se peccou tanto maior necessidade tem de viver para fazer penitencia; nem finalmente pelo desejo de uma melhor vida, porque não ha vida melhor para os que são culpados de sua morte.

Citamos alguns passos desta decisiva argumentação porque ella sempre com as doutrinas antigas fixa por um modo definitivo a idéa christãa sobre o suicidio.

Os concilios fizeram logo passar essa nova doutrina para a legislação canonica. He preciso seguir esta curiosa historia nas sabias pesquizas de M. Bourquelote. O concilio d'Arles em 452, declara que a morte voluntaria não pode ser senão o effeito de um furor diabolico.

Os concilios de Braques, Auscerre, Treyes das instrucções pastoraes do papa Nicoláo I. recusam aos suicidas as supplicas da igreja e a sepultura christãa. Estas severidades passaram da lei religiosa para as leis civis da idade media, que perseguiam o crime do suicidio na honra e na fortuna das familias e faziam deste modo sobreviver o castigo ao criminoso.

Não temos que proseguir este historico em minudencias. O que queremos assignalar, são as grandes influencias religiosas, philosophicas ou sociaes sobre o suicidio. O que queremos notar, no caso especial de que se trata, he a autoridade decisiva do christianismo nesta grande questão, em que a philosophia antiga errou deploravelmente. He pelo effeito do ensino christão, que a idéa de um crime associou-se irresistivelmente a idéa da morte voluntaria e apoderou-se tão fortemente da consciencia moderna. O christianismo chegou assim a restabelecer o sentimento da dignidade da vida nas almas, em que este sentimento se perdera completamente.

Ensinou o homem a respeitar em si este principio mysterioso da existencia que nos foi dada como um instrumento não de voluptuosidade ou de orgulho, mas de luta salutar e de provação. A vida tinha desde então um grande fim, o aperfeiçoamento da alma e a propria alma, que a corrupção romana entregara aos delirios mais desenfreados do deboche, readquiria aos olhos da razão christãa um preço infinito, resgatado como ella o havia sido pelos soffrimentos pela morte a um Deos. Tal era o ensino da igreja, e não era mister menos que esta doutrina para deter a tentação universal do suicidio de que o mundo parecia possuido.

Foi mister uma legislação rigorosa para transtornar violentamente sob esta relação, os habitos pagãos, e não foi uma das menores conquistas do dogma novo, ter reconduzido a alma ao respeito da vida, ter reprimido este furor do homicidio pessoal, que não era senão uma das formas do aviltamento e desprezo da humanidade.

Enganar-nos-hiamos todavia, se suppozessemos que estas prescripções severas, terriveis da igreja bastaram para supprimir completamente esta enfermidade nas almas. Uma enfermidade moral, como a do suicidio, pode ser combatida, reprimida, mas nunca desapparece completamente e sempre deixa vestigios no mundo, porque ella não he senão o effeito extremo das paixões e por que em quanto houver paixões, isto he, homens, havera' violentos desesperos e coleras furiosas contra a vida. Gregorio de Tours refere-nos com horror alguns exemplos de suicidio, em que vê não somente a inspiração, porem o dedo do demonio. Basta-nos recordar o desespero de Meroved, filho de Childerico, preso pelos soldados de seu pai e que obrigou seu amigo Galleno a dar-lhe uma punhalada. Citemos ainda o exemplo do conde de Palladio, que despojado de sua provincia e ameaçado com a morte, cahio em uma especie de delirio e duas vezes lançou-se sobre a espada.

São suicidios politicos, guerreiros, leigos, se assim me posso exprimir. Mas he curioso e triste ver a morte voluntaria penetrar até ao seio dos mosteiros e no santuario da igreja. A mesma vida religiosa não defendia desta tentação certas almas inquietas e enfermas. O demonio da tristeza, tão vigorosamente combatido por S. Chrysostomo na alma enfraquecida de Stagyre, baixava de tempos a tempos sobre pobres monges perdidos no fundo de sua cella e desconhecidos do mundo.

He preciso ler em Cassiano, em Vicente de Beauvais e em Cesario, a descripção desta terrivel enfermidade que em certas epocas, desolava os piedosos e sabios retiros em que se abrigava a vida intellectual e moral destes tempos profundamente perturbados. Os escriptores ecclesiasticos derão um nome grego a esta molestia e a chamaram acedia.

O excesso deste morboso enfado levava direito ao suicidio e he com uma emoção de terror que os piedosos chronistas nos referem alguns exemplos dolorosos.

He uma religiosa, de idade avançada, de virtude exemplar, e que se sente de repente perturbada pelo mal de tristeza e atormentada com o espirito de blasfemia, de duvida e incredulidade. Ella crê-se damnada, desespera, precipita-se no Moselle (2), donde a tiram viva.

He um converso que se afoga em uma hora de delirio.

He uma religiosa seduzida pelos — magicos artificios de um monge — e que, louca de amor, incapaz de resistir a' tentação, quer sahir do convento. Impedem-na, e ella precipita-se n'um poço e morre.

He Baudoin, monge de Brunswick que, com a cabeça enfraquecida pelas vigilias e pelo trabalho, enforca-se na corda do sino de seu convento. Heron que de repente dominado pelo demonio da tristeza, se afoga.

Dest'arte havia um sentimento mais forte que a propria doutrina do christianismo, mais forte que a fé, mais forte que a esperança da salvação, e que, em certas horas assignalava sua presença por terriveis victorias; era uma insupportavel tristeza, um incuravel enfado.

De balde certas almas, abhorridas da vida, procuravam no fundo dos asylos sagrados um refugio contra si mesmas.

Nem todas achavam lenitivo no repouso mystico da contemplação e da supplica; muitas desfalleciam em mortaes tristezas; algumas soffriam até preferir a morte, e a fé vencida cedia bramindo a' alegria da morte.

Quanto era mister soffrer para que, nesta idade da simplicidade na fé, a' sombra dos tabernaculos em que residia o Deos vivo, o pensamento do suicidio triumphasse do temer das penas eternas! Quem nos produzira' o gemido destas pobres almas feridas de morte? Porém estes velhos muros mysticos guardaram seu segredo e he só com penivel trabalho que se pode seguir pelo traço de sangue estas historias dolorosas sepultadas no passado.

A' despeito da *acedia* e de suas destruições, a' despeito da allucinação diabolica que tantas victimas fez durante a meia-idade, he preciso dizer que em summa, sob o imperio da lei christãa, o suicidio he raro nesses tempos em que a crença era natural e forte, a vida laboriosa, o soffrimento real, a luta quotidiana contra a fome, a peste, e os males da guerra.

O que mostra melhor que outra qualquer prova, a raridade destes factos he que elles impressionam, contemporanea com uma especie de terror mysterioso.

Cada suicidio he para os chronistas o crime inexpiavel de Judas. Elles não os narram senão com piedoso horror. Póde-se dizer que a idade-media foi, relativamente as outras épocas, como um ponto de repouso na historia do suicidio.

Durante toda essa época, a doutrina catholica do suicidio reina incontestavelmente sobre as consciencias.

A morte voluntaria apparece ainda de tempos a' tempos, mas não he como outr'ora uma doutrina, he uma revolta contra a lei recebida. Quando chegou o protestantismo, elle teve condemnações severas contra o suicidio. Luthero declara formalmente que Deos he o senhor unico, absoluto, da vida e da morte.

Calvino e Theodoro de Beze não são menos explicitos.

Conhece-se essa carta admiravel de Jany Grey ao doutor Aylmers, escripta na vespera de sua morte, em a qual esta pobre rainha dos nove dias, esta mulher, quasi uma criança, refere que piedoso raciocinio oppoz as tentativas de um seu fiel servidor Asham, que queria poupar-lhe por meio do veneno as ignominias do ultimo supplicio, e que a excitava a' morte voluntaria, propondo-lhe os exemplos antigos;

« Os antigos, disse ella, elevavam sua alma pela contemplação de suas proprias forças, os christãos tem uma testemunha, e he perante ella que devem viver e morrer; os antigos queriam glorificar a natureza humana e collocavam na primeira classe das virtudes a morte, que subtrahe ao poder dos oppressores; os christãos prezam mais a dedicação que nos submette aos decretos da Providencia. »

Assim pensava, assim morreu esta amavel e terna rainha que soube commover o coração da posteridade pelo que ha de mais tocante no mundo, a graça no infortunio.

Porém em face do catholicismo, que renova suas sentenças, e do protestantismo que proclama que so a' Deos pertence o terrivel direito sobre a vida, eis-aqui o renascimento que reivindica os altivos privilegios do estoicismo e renova a escola philosophica do suicidio.

O brilhante renovo das sciencias e das lettras, a admiração da sabia antiguidade, o estudo do direito romano, a paixão servil da imitação, o prestigio dos grandes nomes e das mortes illustres, este gesto renascente pelo paganismo, o grande abalo das crenças, produzido pela reforma, eis outras tantas causas energicas que poderosamente contribuiram para modificar as idéas da idade media sobre a morte voluntaria. Então produzem-se de todas as partes apologias philosophicas. Thomaz Morus, em sua Utopia, admitte, em certos casos, a legitimidade do suicidio. Outro Inglez, João Donne, compõe sob a dupla inspiração do renascimento que exalta seu espirito e da miseria que o opprime, um livro intitulado: « Suicidio, demonstração desta these — o suicidio não he tão naturalmente um peccado que não possa ser considerado d'outra sorte —, em que a natureza e a extensão de todas as leis que parecem serviladas por este acto, são cuidadosamente examinadas. » Em França, Montaigne he um enthusiasta apologista da morte estoica e exprime sua decidida sympathia pela morte de Catão, a quem glorifica á cada instante, á quem divinisa. « Este personagem, diz-nos elle, foi verdadeiro modello que a natureza escolheu para mostrar até que ponto podem chegar a virtude e firmeza humana.... Sua morte procurou-lhe não sei que alegria d'alma, e uma emoção de prazer extraordinario e de uma civil voluptuosidade. » — E em outra parte: « O saber morrer nos liberta de toda sujeição e violencia..... A morte mais voluntaria he a mais bella. A vida depende da vontade d'outrem, a morte da nossa. Em cousa alguma nos devemos tanto accommodar á nosso genio como nesta. A reputação não toca uma tal empreza, he loucura respeita-la. Os meios communs da cura fazem-se á custa da vida; faz-se-nos incisões, cauterisa-se-nos, aniquillam-nos os membros, tiram-nos o alimento e o sangue; mais um passo e estaremos perfeitamente curados. » Como vemos, Montaigne he Seneca ressuscitado em sua pittoresca e viva linguagem, e na mais pura tradicção da escola estoica do suicidio. Dest'arte vemos multiplicar-se, nesta época, as mortes voluntarias e quasi todas cunhadas com a effigie antiga. M. Bourquelot, cujas curiosas pesquizas he para sentir que abreviamos, cita entre outros o sobrinho do conde de Peterborough, Philip Mordaunt, que se matou no seio da felicidade, Ricardo Smith, que se suicidou depois de haver perdido toda sua fortuna; Carlos Bloont, traductor da vida de Apollonio de Thyanes, que se furou com uma facca para não succumbir á uma paixão criminosa; Boaventura des Periers, o autor do *Cymbalum mundi* que *se traspassou com sua espada* em um momento de desespero; Jeronymo Cardan, mathematico e célebre philosopho, que predissera a época de sua morte, e que para não receber um desmentido da natureza, obrigou-a a obedecer-lhe morrendo de fome. Uma morte quasi antiga he a de Filippe Strezzi, este Romano perdido no XVI seculo. Feito prisioneiro pelo grão-duque Côme I., seu inimigo, e accusado de complicidade no assassinato do duque Alexandre I, preferio matar-se á expôr-se á revelar, na tortura, o nome de seus amigos: « Se não sube viver, disse elle, ao menos saberei morrer. » Seu testamento respira a altivez republicana e classicas reminiscencias: « Ao Deos libertador! Para não ficar por muito tempo em poder de meus inimigos que injusta e cruelmente me prenderam, e que podem obrigar-me, pela violencia dos tormentos á revelar cousas prejudiciaes á minha honra, á meus parentes, a meus amigos; eu, Filippe Strezzi, tomei a unica resolução que me restava, por funesta que me pareça a alma, de pôr fim a minha vida por minhas proprias mãos. Recommendo minha alma á soberana misericordia de Deos e lhe rogo humildemente que lhe conceda em falta d'outra graça, por ultimo asylo, a morada em que habitam as almas de Catão de Utica e dos homens virtuosos que houveram igual fim. » Todo o espirito do XVI seculo revela-se nestas duas ultimas palavras.

O XVII seculo he uma época relativamente calma, em que a vida se regularisa e em que se aplacam os febris ardores do seculo precedente. As crenças, um instante abaladas, se restabelecem nas almas. A philosophia espiritualista accrescenta, as nobres esperanças da fé, as luminosas certezas da razão. As inquietações do XVI seculo pacificam-se: he um seculo organico e estas épocas privilegiadas da historia tem um caracter de solida grandeza e de paz animada que mal se concilia com as enfermidades moraes, cujo termo he o suicidio. He no XVIII seculo e principalmente no fim do seculo que ao nascer de um novo mundo, as inquietações se despertam, agitados presentimentos percorrem a Europa, e a consciencia humana, tocada de uma indefinivel enfermidade, atormenta-se nas impaciencias e desfallecimentos de uma apaixonada esperança. Este mal sem nome, e que não he senão o despertar confuso do espirito moderno, vai produzir uma escola nova de suicidio.

Começa a idade de Wather.

E. Caro.

(Continuar-se-ha.)

Revue Contemporaine.

O ROMANCE EM 1855.

(Conclusão.)

Achamos na *Helena*, e no mais bello momento, a phrase seguinte:

« Fazendo de repente appello para todas as suas forças viris, ella sentio-se revestida de uma couraça de placidez, que dava ao seu pensamento toda a liberdade de acção. »

Nos *Bebedores d'agua* ha aqui e alli alguns restos desse estylo atormentado, que tinha assignalado ja nas *scenas da vida da Bohemia* Mr. Munger, que conseguio tambem purificar e elevar sua inspiração, limara tambem sua linguagem, e então ninguem tera mais que pedir-lhe, senão que dê logo a' sua Helena uma irmãa.... ou um marido.

Se desejamos que o romance se pronuncie pelo ideal contra a materia, não convem entretanto que passe alem dos justos limites; porque nossa pobre natureza humana he feita de modo que o velho proverbio, *os extremos se tocam*, lhe he quasi sempre applicavel, sobretudo nestes perigosos assumptos, onde ella procura pedir mais, quando se lhe nega pouco. Sentimos este receio, lendo a interessante obra de Mr. Luiz Ulbach, Suzana Duchemin.

Parece a principio que ahi tudo he sacrificado a esse amoroso mysticismo que he para o amor verdadeiro, o que a pequena igreja era para a orthodoxia. Depois vê-se pela reflexão que debaixo dessas austeridades aparentes, pode muito bem occultar-se uma revolta dos sentidos, e que não deixaria de haver perigo para os leitores ingenuos. Suzana Duchemin he uma destas novellas, que se pode analysar em algumas linhas. O autor escolheu a forma do romance por cartas, que seria bom admittir-se como a mais favoravel, se não á rapidez da acção e á variedade dos incidentes, ao menos ao desenvolvimento dos caracteres e ao estudo dos sentimentos.

Valentim de Rionval he um joven enthusiasta e aromanesco; não comprehende, não quer comprehender o amor, se não como a união etherea de duas almas, affeiçoando-se uma a outra neste mundo para irem continuar no ceo o hymno das immortaes ternuras. A' primeira esperança frostrada, Valentim confia sua dôr a seu amigo Armand de Fongère, sceptico sensual chocarreiro, que zomba com espirito — e um pouco e ah! com razão — de suas chimeras e de sua decepção. Valentim vai consolar-se em Provin, na casa de um velho amigo de seu pai, e encontra alli uma joven, que Mr. de Rianval lhe tem de antemão designado, como podendo vir a ser sua mulher.

Emée de Saint Aure he admiravelmente bella; mas o que se esconde debaixo desta forma esplendida? He a ingenua innocencia de um coração que se desconhece? He a fineza systematica de um hypocrita? O desacerto antiquissimo de um pensionario? O contentamento facil de uma intelligencia limitada, votada ao positivo pão pão, queijo queijo? Valentim não he homem de passar adiante sem ter resolvido estas delicadas questões. Os pais da moça Mr. e madama de Saint-Aure, pessoas tão individadas como podem ser os fidalgotes de provincia, admittiram em sua intimidade uma mulher de vida um pouco mysteriosa. Suzana Duchemin, não he mais nem moça, nem bella; he viuva de um desses falsos artistas, junto dos quaes as almas poeticas encontram de ordinario tantas decepções, e estragou sua vida nas amarguras e nas mortificações desse laço desigual: o que ella veio procurar em Provins, he o repouso.

Mil vezes mais intelligente que os Saints-Aure e mesmo que sua filha, Suzana traz um pouco de movimento e de vida a este lar adormecido. Tal he a situação, quando Valentim chega a Provins. Encantado da belleza de Edmée, resolvido a casar com ella, se porventura encontrar uma alma capaz de responder a sua, Valentim da pouca attenção a pobre Suzana, cujo rosto emagrecido, rugas precoces, e olhos vermelhos pelas lagrimas, não tem mais nada que se preste as illusões do romance. Todos os incendios, todas as poesias da paixão debaixo de um involucro digno de Phidias ou de Corregio, eis o que falta a Valentim, que não vê que por esta dupla exigencia, da a si mesmo o primeiro desmentido, e justifica os sarcasmos materialistas de seu amigo Armand. Para acabar com suas incertezas, resolve-se a escrever a Edmée. Oh felicidade! respondeu-lhe com uma carta tão eloquente, tão apaixonada, tão poetica como a sua.

Não ha mais duvida, Edmée he a mulher dos seus sonhos: a belleza he nella a expressão visivel dos dons mais preciosos da imaginação e do coração: desde então estabeleceu-se entre elles uma correspondencia, que acaba de exaltar a Valentim, e cuja inverosimilhança parece attenuada pela cegueira voluntaria dos pais de Edmée e pela embriaguez mesmo do mancebo que, absorvido em seus extasis epistolares, não se inquieta de saber se a conversação de sua noiva he igual ás suas cartas. Soube-se finalmente que estas cartas cheias de paixão e de amor não eram escritas por Edmée, ou pelo menos eram dictadas por Suzana, que atirou-se nessa intriga, de que ella não comprehende a principio toda a imprudencia com um dezar que lhe accarretam as justas censuras de seu irmão, o abbade Ricardo. Ah! ella reconhece logo que emprestando a fria e pacifica Edmée ardentes suspiros e palavras abrasadoras, revolve as cinzas mal resfriadas de seu proprio coração; ella diz a si mesma que, se tivesse encontrado este bello e poetico mancebo vinte annos mais cedo, era a ella que Valentim tivera amado; d'ahi a ama-lo ainda, a reviver todos os dias suas chagas sangrentas, a debater se com agonia nessa rede, cujas malhas ella mesmo apertou, só ha um passo e Suzana o deu, não obstante as rogativas e as ameaças do cura seu irmão.

Mr. Luiz Ubach tirou um grande partido desta situação, deste ultimo despertar de uma alma que sente-se ainda joven, que não teve neste mundo sua parte de felicidade e de amor, que a encontra alguns annos depois e a quem, para consegui-la, só falta poder antidatar se. Aqui uma alma, alli uma forma, e entre ambas, um romanesco amante do idéal, que crê te-las encontrado reunidas no mesmo ser; e quando ellas se separam, não sabe mais de que lado se incline; he este um dado ousado, paradoxal, que se pode discutir e contradizer; mas que ao menos annuncia a intenção louvavel de substituir no romance a analyse attenta dos phenomenos internos ao motim ensurdecedor dos acontecimentos de grande alcance.

O desenlace he facil de prever. Valentim descobre o embuste, foge desesperado, volta depois de ter comprehendido com grande vergonha sua, que a fresca belleza de Edemé tinha em seu amor uma parte maior do que elle mesmo não acreditava. Suzana expia sua illusão retrospectiva pelo unico meio que póde tudo reunir e resolver, morre legando a Edmeé, a quem este triste drama revella um horisonte inteiramente novo, um pouco desta mystica chamma, que lhe servirá para fazer Valentim mais feliz. Assim seu desespero, seu arrependimento, e sua morte, dão razão ao amigo materialista. He nesta simples observação que vamos resumir toda a nossa critica.

Nem tão alto, nem tão baixo! Deve-se attender sempre a este principio, quando se quer trazer ao justo e ao verdadeiro, quêr a inspiração moral da vida, quêr a das obras de imaginação, onde a vida deve reflectir-se. Assim como na ordem philosophica ha um mysticismo, que se fosse mal dirigido, poderia ir ter a um sensualismo refinado, tambem na ordem das paixões ou dos sentimentos, ha um platonismo de quinta essencia e levado ao extremo, o qual poderia vir a ser tão perigoso como as mais grosseiras suggestões da materia e dos sentidos: não he somente porque esta theoria enganosa seja de natureza tal que póda desviar os corações juvens e ingenuos, mas ainda porque ella traz em si, como todas as doutrinas exageradas, não sei que de enfraquecedor e dissolvente, mortal para as faculdades varonis da alma humana, a vontade, a consciencia, a idéa reflectida do dever.

A forma que elle Luiz Ulbach deu ao seu romance, he quasi a de um arrazoado; seus actores são argumentos mais ainda do que personagens. Pois bem, acontece muitas vezes que seu leitor — e devemos pensar que não era esta a sua intenção — indispõe-se contra os seus dous heroes em favor do padre Richard, isto he, pelas conclusões rigorosas da ortodoxia catholica, e mesmo em favor de Armand, de Fouguezes, queremos dizer, pela inflexivel logica de um libertino espirituoso. E até acontece as vezes que estes dous seres separados por um mundo, o libertino e o padre, parecem ligar-se e fazer causa commum contra as chimeras de Valentim e de Suzana e em segredo se diz que, se suas emprezas romanescas não fossem julgadas por um christão como o padre Richand, o seriam por um materialista como Armaud.

Donde procede esta bizarria? De que o autor de *Suzana Duchenin*, creando para seus heroes uma situação de uma temeridade assustadora, dando-lhes para advogar um paradoxo evidente, não teve resolução e proposito firme. Querendo reagir contra o materialismo na arte, desejando elevar o romance ás regiões idêaes, pouco cuidadoso, como receiamos, de chegar ás soluções e conclusões christãas, interessando-se além disto por Valentim e por Suzana, que representavam para elle as mais nobres aspirações d'alma, Mr. Wlbach não consentio em lhes fazer mal; não quiz que o desenlace fosse uma lição.

Ora, era uma lição e uma lição severa, que convinha tirar desta imprudente tentativa, pedindo-se á vida o que não se podia encontrar nella, zombando de dous jovens destinados a começarem de novo um velho sonho e inflingindo um desmentido em acção a celebre expressão de Pascal: « Nem anjo nem besta. O espiritualismo christão, com seus decretos e suas consolações supremas podia só terminar dignamente este drama singular, esta partida, onde os dous jogadores tem o impossivel por parada. Taes são as objecções que submettemos a Mr. Wlbach e que nos impedem de reconhecer tudo quanto ha de interessante, de original e de pathetico em *Suzana Duchenin*.

Nossa revista fica sem duvida muito incompleta; e o seria ainda mais, se omittissemos mencionar estas *Novellas* de madama de Arbonville, de que ja fallamos; estas maravilhas de sentimento e poesia, que acabam finalmente de entrar publicamente em nossa litteratura. De mui boa vontade diremos das novellas de madama de Arbonville o que um critico engenhoso, Mr. de Feletz, dizia dos Natchez de Mr. de Chateaubriand: he uma obra que não tem nem deve servir de modelo. Uma penna viril, se procurasse suas inspirações e seus assumptos neste mundo, que está mais perto do céo que da terra, e onde a alma, á força de triumphar das paixões humanas, acaba por aniquila-las, arriscaria desvairar-se e tropeçar, grande infelicidade, de que os espiritos muito distinctos devem naturalmente receiar.

Para escapar deste perigo he mister condições particulares, uma organisação de uma delicadeza incrivel, uma melancolia instinctiva ou reflectida, uma imaginação dotada da faculdade bem rara de crear, sonhando, uma luz pallida e doce, vellando constantemente debaixo do alabastro e esclarecendo os phenomenos internos, como os molles fulgores do astro de fronte argenteas clarecem a paisagem. Limitamo-nos pois a observar com prazer que as bellezas e os successos destas admiraveis narrações são um brilhante testemunho em honra das doutrinas, que temos inscripto em nossa bandeira litteraria: limitanos a accrescentar que « Resignação » e o « Medico da Aldeia » viverão tanto como os primores d'obra mais exquisitos do romance francez, tanto tempo como a lingua franceza.

Tambem seria preciso para ser completo dizer uma palavra dos *Simples Contos* de Mr. Paulo Nibelle, livro amavel, onde não falta nem a frescura, nem a sensibidade, nem a graça; onde respira um sincero amor dos campos e da natureza, mas se seu autor quizer tomar um lugar mais significativo, deve lembrar se de que a elegia não he o conto, a chimera, o romance, a descrição, o drama; que não se pode dispensar a invenção sob o pretexto de termos abusado muito della, e finalmente que não se pode dar interesse aos personagens, sem os fazer viver, caminhar e obrar. Teriamos de fallar ainda nos *Contos de hontem e de hoje* de Mr. de Valbezen, no *Tapete Verde* de Mr. Leon Gozlan e alguns outros volumes, nos quaes se revela, por gradações differentes, o desejo de dar ao romance e a' novella o valor de uma obra de arte, de litteratura ou de historia.

Esta ennumeração seria forçosamente muito superficial ou muito longa. Além disto teriamos preferido procurar dar ao nosso estudo mais unidade, concentrando-a em quatro obras, que resumiam para nós as novas tendencias do romance moderno entre os homens de talento; *Tolla*, isto he, a exactidão photographica, escapando a' vulgaridade a' força de natural e de espirito; *os Bebedores d'agua*, isto he, o realismo convertido, conservando de sua primeira forma o sentimento do verdadeiro, e elevando-se em *Helena* até a mais pura belleza; *Suzana Duchemin*, isto he, o idéal triumphando e correndo o risco de perder-se por excessos de affectação e offerecendo-nos em lugar de uma lição concludente e fecunda, o triste espectaculo de duas chimeras vencidas pela realidade; *Stella e Vanessa*, isto he, a execução de um escriptor francez em um genero, onde se reconhece a influencia da litteratura ingleza e que, por maneiras mais discretas e mais lentas, por cores mais amortecidas e mais pallidas, mais familiaridade e pormenores nos quadros internos, afasta-se ainda mais das pinturas a tempera, cuja voga nos tem humilhado e compromettido tanto tempo.

O contacto dos romances estrangeiros, dos romances inglezes e americanos, propagados e acreditados entre nós pela «Bibliotheca dos caminhos de ferro,» deve trazer neste sentido um resultado feliz e fazer que nos seja mais facil esse melhoramento moral, sem o qual o talento he uma chaga e o successo uma vergonha.

Temos debaixo dos olhos algumas dessas bellas historias: a — Batalha da vida, por Ch. Dickens; — Jane Eyre — de Currer Bell; o — Casamento de meu avô; as — Novellas escolhidas —, de Edgar Poê; o — Diamante de Familia —, de Tackeray; Oppulencia e miseria —, de Mss. Anna Stephen; o — Accendedor de lampeões —, de Mss. Cuming, e estas diversas leituras nos sugerem uma reflexão e uma recordação.

Tem-se podido verificar um — vai-vem — bastante notavel nas influencias reciprocas da litteratura estrangeira e da nossa.

Ha trinta ou quarenta annos, em um momento de penuria e de lacuna, o romance francez recebeu do genio de Walther Scott esse *choque* que imprime nas intelligencias de uma época uma direcção nova.

Em nossa litteratura elle matisou de suas cores não só o que se amolda e se transforma, segundo as variações da moda, mas tambem os serios estudos do passado applicados a' ficção ou a historia. Se este campo for menos fecundo do que tinhamos esperado, se não der uma ceifa mais rica de grandes e bellos romances historicos, he primeiramente porque a imitação inspira raras vezes obras primas, e depois porque nossa vivacidade de impressões e maneiras, exagerando logo esse gosto de archaismo e de meia-idade, apresenta bonecos e gibões, onde Walter Scott tinha empregado typos e caracteres.

Felizes ao menos, se tivessemos imitado mais tempo, e conservado melhor em nossas invenções originaes essa castidade de sentimentos e de idéas, essa rectidão e elevação moral, esse gosto do bem e da honestidade, de que o immortal chronista nos tinha dado tão admiraveis exemplos! Depois, o romance inglez tornando-se por sua vez pobre e esteril, foi o nosso que, em seu brilhante e tumultuoso desenvolvimento de 1831 e dos annos seguintes, derramou-se fora, agitou vivamente as imaginações contemporaneas, e dizem que obteve na Inglaterra e na Europa uma popularidade mais completa ainda, e mais universal do que em França.

Hoje, os romances estrangeiros, em consequencia de nossos excessos e infortunios que nos acarretaram, voltam e ladeiam novamente nossa litteratura, não com o brilho incomparavel de « Invahoé » e dos «Puritanos da Escossia,» mas com algumas qualidades, differentes das nossas, e ensinos de que fariamos bem em aproveitar.

Graças a essas communicações, que aproximam em uns dias os romances como as distancias, podemos ter amplo conhecimento dessas ficções engenhosas, onde a moral mais severa tem raras vezes uma linha que riscar.

Esta vizinhança nos deve ser util, não porque procurassemos jamais pedir aos nossos autores esse matiz um pouco dogmatico, esse ar de pregador ou pedagogo, que voluntariemente tomam os narradores americanos ou inglezes. Nas obras de imaginação preferimos o sermão methodista ou puritano, que amavamos no bello tempo de madama Sand, o sermão socialista ou humanitario as invenções romanescas.

Mas debaixo deste ponto de vista, pode-se estar desassombrado, porque ha no espirito francez alguma cousa de claro, vivo, um pouco faceto, rebelde sobretudo ás digressões e ás prolixidades, que se negara' sempre a introduzir no romance uma moral importuna insistir muito sobre os pontos de doutrina, parar no caminho para pregar aos leitores e compromettier seu successo com excessos de apostolado e virtude. O que he para desejar, he que nos sos romancistas, em lugar de formarem uma casta a parte, serem para os homens honestos um objecto de curiosidade inquieta, e verem-se constantemente forçados a pintar seu mundo, que não he nem o verdadeiro, nem o bom, ou desfigurar a sociedade verdadeira que desconhecem, sejam como na Inglaterra e na America, os frequentadores, os confidentes da familia, os pintores autorisados de costumes, de sentimentos, de personagens reconhecidos, e que vivem nivelados com seu publico, seus originaes e seus modelos. Vede o que se passa na exposição das Bellas-Artes! conservando sua superioridade incontestavel, nossos artistas declaram, que não estudarão sem proveito as cousas encantadoras, que nos tem enviado a escola ingleza. Pois bem, desejariamos ver em nossa litteratura um trabalho e um estudo analogos; quereriamos ver esses toques finos e delicados, esses castos quadros de costumes privados, essas placidas pinturas da vida campestre e da vida domestica, naturalisar-se em nossos romances, esclarecer seus horisontes, suavisar a sua phisionomia.

Antes de terminar, tornamos a dizer que o romance teve muito tempo entre nós esse sello de inferioridade moral, de que se espanta com razão a dignidade das lettras e que na litteratura como na sociedade tem isto de funesto; e vem a saber levar os que o soffrem a preservar no mal e mesmo aggrava-lo. Todo contribue para manter essa prevenção desfavoravel, que tem passado para nossos costumes e quasi para nossa lingua.

Escrever romance parece que he aceitar essa situação secundaria, se não suspeita, que não podem melhorar nem os applausos nem a voga. Lêr romances he declarar-se incapaz de ter gosto por leituras mais solidas, he fazer acto dessa futilidade persistente, que se desculpa a mocidade, mas que depois acaba por assemelhar-se a uma fraqueza de espirito, a um disparate de rapagão. Romantisar a vida he sacrificar o verdadeiro ao falso, o positivo ao chimerico, a pratica leal de seus deveres reaes á ficção de deveres imaginarios, que aconselham o heroico e dispensam a honestidade.

E porque isto? Ah! he porque o romance com effeito tem sido em suas ultimas phases a expressão litteraria desse estado doentio d'alma, que faz as sociedades frivolas e as existencias inuteis, o codigo ou o cathecismo desses innumeraveis sophismas, sempre promptos para pôrem em questão as grandes leis, que nosso orgulho quereria abrogar, depois que nossos vicios as tem infringido. Não ha affectação insensata ou futil, attentado audacioso ou perfido contra a consciencia humana, que não tenha podido achar no romance moderno um complice, um conselho ou um exemplo.

Que tem resultado dahi? Que no eterno combate entre a verdade e a mentira, entre a imaginação e a razão, entre a paixão e o dever, entre o sonho e a vida, entre o vicio e a virtude, todos se tem habituado a considerar o romance, como o alliado natural de tudo quanto perturbava a ordem e a trata-lo como inimigo.

Segue-se por ventura que se devia despedaça-lo condemna-lo á morte, impôr uma abstinencia indefinita a essas faculdades do homem, que não vivem somente do pão secco da vida real, que pedem um alimento mais agradavel e mais delicado, mais apropriado ás fraquezas da nossa natureza? Não; devemos fazer aqui uma distincção.

Existem duas sortes de verdadeiro, duas especies de real; aquella de que ninguem pode nem deve fugir, porque a propria lei do mundo moral, a regra infallivel dos individuos e dos povos, e aquella de que he permettido distrahir-se, porque representa esse lado arido, glacial e baixo das sociedades positivas e das civilisações extremas; realidade offensiva, verdade cruel ás almas ternas e aos espiritos delicados. Em outros termos, existe o verdadeiro que he a igreja, a casa, o lar, a familia, o paiz, a lei; e ha o verdadeiro que he a rua, a officina, a Bolsa, o negocio, a cifra. Existem pois por isto mesmo duas especies de falso, de ficção, de chimera a que se declara contra a boa verdade e a que se distrahe da ma; aquella que trabalha contra a lei e a que faz diversão a cifra; em outros termos, ha o falso que he a mentira, a rebellião, a demencia, a blasphemia e o insulto, e ha o que he o ideal, o infinito, o sentimento, a poesia, o encanto, a gotta d'agua cahida nos labios e nos corações.

O romance tem confundido até hoje estes dous generos de falso e estas duas especies de verdadeiro; a pretexto de defender seu campo das invasões da vida positiva, he elle que entrou como conquistador no dominio da vida moral; a pretexto de defender-se contra a má verdade, foi elle que declarou guerra a boa verdade. Seja elle outra vez o que deve ser, represente na sociedade moderna, não o elemento de desordem em luta com a harmonia universal, mas o sentimento do ideal, procurando seus recursos e alimentos no meio dos frios e duros trilhos da civilisação moderna.

Em lugar de permanecer debaixo de nomes mais ou menos pomposos e maneiras mais ou menos soberbas, o alliado hypocrita e desfarçado da materia, que acha sempre o que deseja, na deslocação orgulhosa das noções do mal e do bem, seja o auxiliar querido e forme por assim dizer as tropas ligeiras desse espiritualismo que só pode hoje erguer a arte de seu abatimento, que tem de fazer seu papel em um mundo votado ao positivo e ao util, e cuja derrota definitiva seria para a sociedade activa como para a sociedade pensante o mais irreparavel dos males, a mais mortal das agonias. Offereça uma compensação e um refugio a essas misteriosas ternuras, a essas aspirações occultas, a esses vôos para alguma cousa de mais puro, mais divino, mais livre dos interesses terrestres do que nossa vida miseravel hospedes assiduos do coração humano, que ninguem pode esfomear ou irritar impunemente, e que, se lhe negarem satisfações permittidas, procurarão os criminosos.

Eis aqui o que se deve propor de hoje em diante o romance, advertido por seus defeitos e pelos nossos por nossas infelicidades, que foram a consequencia dos seus successos e o começo de sua decadencia. Em summa, depois de nos havermos apartado delle como de um corruptor, voltemos para elle como para um amigo; e depois de termos tido a injustiça de tentar muitas rehabilitações insensatas, o romance cumprirá uma tarefa mais difficil e mais meritoria: elle se rehabilitara' a si mesmo.

(Revue Contemporaine.)

Variedade.

CARACTER E ORIGEM DA LEI DE LINCH.

A occasião he propria para discutir a origem e os caracteres desta lei extraordinaria, cujas applicações recentes teem estado a ponto de causarem graves perturbações n'um paiz importante. O bom senso politico dos habitantes, e a prudencia do poder executivo souberam prevenir essas calamidades.

Supponhamos porem que o governo da União interviesse nos negocios politicos da California, oppondo-se ás medidas adoptadas pela commissão de vigilancia, o que succederia? O desmembramento da confederação americana, ou uma guerra civil, que por ventura, se houvera espalhado desde as praias do Pacifico até ás do Atlantico? Nenhuma destas tristes eventualidades se realisou. O poder federal não tolheu a liberdade da California no que respeita a' administração interior, e a commissão de vigilancia demittio-se das suas funcções dictatoriaes, quando entendeu que o bem publico as dispensava.

Os ultimos successos de S. Francisco serviram-nos como de facho no estado desta lei. Parecem-nos bastante significativos para determinar o caracter especial da lei que, substituindo os codigos vigentes, he depois abandonada como um instrumento inutil e perigoso, e serve afinal de base de accusação contra aquelles que a haviam declarado urgente.

A lei de Linch não procedeu da democracia, he filha das necessidades sociaes que surgiram nas colonias inglezas da America do Norte, quando ainda nascentes.

Nos estabelecimentos da Nova Inglaterra, assim como nos da Virginia e das Carolinas, sentio-se a necessidade da lei de Linch, quasi na mesma epoca, mas por causas differentes. Aqui era necessario para defender a ordem politica e religiosa, baseadas n'uma theocracia desconfiada; acola', para proteger a ordem puramente social, que ainda não tinha o apoio de uma autoridade legal. No Massachussets e no Connecticut applicava-se esta justiça summaria aos hereges, aos quakers e depois aos recebedores dos impostos; nas colonias ao sul do Potomac, era applicada aos escravos fugitivos e rebeldes e aos salteadores, que a riqueza do solo e a desenfreada liberdade para ahi attrahiam com preferencia a' Nova Inglaterra, onde dominava a austeridade dos puritanos.

Era natural que a lei de Linch vigorasse nos estabelecimentos meridionaes. Esses terras incultas, mas fecundissimas, eram concedidas aos fidalgos inglezes, que não tratavam de constituir nos seus senhorios a autoridade administrativa e judicial. Para as povoar, chamavam toda a casta de gente, sem lhes importar donde vinham, quaes eram os seus recursos, nem a sua moralidade.

Ora, addicionem-se as grandes distancias que mediavam entre os povoados, entre os terrenos cultivados e as cidades, e facilmente se conhecera' que os habitantes viam-se obrigados a fazer justiça por suas proprias mãos, e que os principios da lei de Linch deviam dominar logo desde a fundação das colonias meridionaes. Quando se commettia algum crime n'uma roça, o proprietario não se atrevia a tomar sobre si unicamente a responsabilidade do julgamento e da applicação da pena; por isso reunia os colonos visinhos. Estes homens, constituidos em tribunal criminal por autoridade propria, julgavam o facto summariamente, e logo faziam executar a sentença. Desejando voltar immediatamente para as suas roças, e resolvidos a aterrarem os criminosos pela prompta e expedita repressão e castigo dos que dilinquiam, não tinham vagar para se sujeitarem ás procrastinações do processo ordinario, e para concederem ao réo as garantias necessarias e proprias do julgamento regular.

Com tal gente e em taes tempos só havia um processo possivel, o da lei de Linch, e a elle recorriam sem escrupulos.

Muito mais admira encontrar a « linch law » em uso nas colonias da Nova Inglaterra. Ahi estabeleceu-se logo no principio um governo solido; as leis da mãi patria eram adoptadas como o codigo nominal pelos emigrados, os quaes se agruparam ao longo das costas do Atlantico para commerciarem, mais do que para arrotearem as terras virgens. Que necessidade havia neste caso de recorrer a' lei de Linch?

Os peregrinos que colonisaram os estados de Nova Inglaterra tinham sentimentos religiosos mui arraigados. Para elles, a autoridade dos anciãos da igreja valia muito mais que nenhuma lei positiva da Inglaterra. De resto estas leis perdiam uma grande parte da sua força por causa das distancias, e particularmente porque haviam servido de meios de oppressão. A pequena communidade puritana da Nova Inglaterra governava-se mais por um accordo mutuo do que por alguma lei escripta, a não ser aquella que os sacerdotes indicavam como o melhor caminho para a salvação eterna. A Biblia apresentava-lhes exemplos de um meio de repressão facil e prompto, o dos açoites; e não havia razão para que os seus legisladores quizessem ser mais sabios do que Moysés. Era a lei de Linch da antiguidade patriarchal, tendo por divisa o dito de Salomão:

« Não poupeis os açoites. »

O costume adoptado e considerado eficaz, foi gradualmente requintando no rigor, a' proporção que a austera moral dos puritanos se relaxava. Na época da revolução americana os abusos tinham chegado ao seu auge, e os açoites foram substituidos pelo alcatroamento e emplomação.

Os primeiros que experimentaram estes novos castigos, foram seus recebedores de impostos em Boston, e logo depois as outras provincias seguiram os mesmos exemplos. Empregado ao principio por motivos patrioticos, este methodo adquirio grande voga. Veio a ser um costume nacional, e foi limitado aos casos que interessavam a' communidade mais ou menos directamente.

Assim he que, quando um individuo commettia algum crime de lesa-magestade, ou pelo seu modo de proceder compromettia a paz e o bem-estar do povo, recorria-se a esse costume, como a um remedio caseiro, mas sem intenção de ir de encontro ás leis regulares.

« Era apenas interinamente, diz um autor americano, até que se podesse chamar o medico ordinario; e em muitos casos operou-se a cura radical sem a intervenção do facultativo. »

Assim he claro, que nas colonias da Nova Inglaterra, a lei Linch era mais como uma garantia da ordem publica estabelecida, os interesses geraes da communidade, do que como protecção á vida, e á fazenda dos individuos. Era mais uma medida de salvação publica, que de egoismo pessoal, como nas Carolinas e na Virginia. Por um lado, a lei de Linch he quasi uma mutilação politica, pelo outro he um facto particular.

Estes dous caracteres da lei de Linch, encontram-se na historia da California. A commissão de vigilancia de 1851, estabelecida em S. Francisco, propunha-se directamente á repressão de crimes particulares, ao castigo de attentados isolados, e não a' extincção geral dos crimes, ou ao estabelecimento de uma nova ordem politica ou moral. A commissão de 1856 audaciosamente se constituio em poder publico, e tendo em vista particularmente o interesse geral do Estado, intentou levar ao cabo, e assim o conseguio, o que os Americanos chamam com razão, a grande revolução moral de 1856. Se houve alguma revolução necessaria foi esta, mais do que qualquer outra. Nos ultimos sete annos tinham-se commettido 1,400 homicidios em S. Francisco e nos seus arredores: a cidade foi sete vezes incendiada.

Procuramos expor a origem racional e philosophica da lei de Linch, fazendo ver as causas que tornavam necessaria a sua applicação. Qual he porém a primeira prova material da existencia desta lei? Quaes foram as circumstancias, e qual foi a época precisa em que foi posta em vigor? Neste ponto, como os proprios Americanos, estamos limitados a meras conjecturas e ás tradições.

Escriptores menos escrupulosos affirmaram nos diccionarios biographicos de Michaud e da Conservação, que a lei de Lynch foi applicada pela primeira vez no seculo XVII por um certo juiz por nome Linch, da Carolina. Os autores julgavam esta tradicção mais veridica do que as outras, porque Bancroft, fallando incidentalmente de um certo Thomaz Lynch que vivia nas colonias do Sul pelo anno de 1779, disse: « que os realistas o estimavam como um homem atilado e de uma firmeza inflexivel. »

Por ventura attribuiriam seu fundamento, a este Thomaz, um antepassado não menos energico, o qual teria sido o velho juiz Lynch de que resa a tradição? Seja como fôr, he certo que nem em Brancroft, nem em Grahame, nem nas historias bastante minuciosas das Carolinas por Wheeler Archdale, etc. nada en-

---

(2) Grande rio do departamento de Moselle.

contramos que nos autorisasse a dar mais credito a essa origem historica do que as outras. Alem de que a tradição a que nos temos referido não he a unica.

Quando estivemos em Nova-York, na época em que todos fallavam na primeira commissão de vigilancia estabelecida em S.Francisco, muitos Americanos nos disseram que a lei de Lynch, assim se chamava do primeiro criminoso a que foi applicada na Nova-Inglaterra. E como he possivel que os Americanos conheçam melhor a origem material dos seus costumes do que nós conhecemos a dos nossos? Se o seu estado actual esta' mais proximo do seu berço, do que entre nós succede, deve attender-se tambem ao seu dilatado territorio, á falta de homogeneidade material e politica que presidio á origem da sua nacionalidade.

O que mais importa he saber que a lei de Lynch teve a sua origem nos primeiros tempos do regimen colonial, e que esta terrivel lei procedeu da imperiosa necessidade de garantir ao mesmo tempo a ordem geral da communidade e os interesses individuaes n'um estado social constituido de novo.

O que de certo a muita gente admirará he ver ainda a lei de Lynch applicada na nossa época, quando todos os estados da União-Americana são governados por autoridades constituidas geralmente. E he natural que achassem nisso uma contradição com a theoria emittida acima. Mas não ha; porque os casos da applicação da « lynch law » limitam-se hoje a California, Arkansas, Wiscousin e Missouri, regiões que na verdade tem um governo nominal, mas que foram constituidas em estados, tendo por isso a sua população espalhada por um grande territorio, com poucas relações com a sède do governo, e obrigadas como os primeiros colonos, a serem muitas vezes juiz e carrasco.

He esta a historia da lei de Lynch. Importam-a, como um principio, os trabalhadores que vão arrotear as terras da America Occidental; affixada para assim dizer nas paredes das « log houses (choupanas dos primeiros colonos) que protege esta lei, providencia do « settler (colono) americano vai desapparecendo á proporção que os desertos se povoam e a civilisação progride. A arma offensiva e brutal do homem isolado que subjuga o deserto pelo trabalho, a lei de Lynch, some-se, como o deserto, com o crescimento da sociedade, que traz com sigo as formas regulares do progresso e as garantias judiciaes; e he esta a sua justificação.

A lei de Linch só pode ter desculpa pelas circumstancias em que se estabeleceu. Este despotismo juridico he uma anomalia, e seria um crime se o empregassem imperando as leis ordinarias.

Antes de a exprobrar aos cidadãos que a praticam compre investigar o estado do paiz e as necessidades a que esta' sugeito.

He mais uma questão de politica do que de direito.

Assim he que os Americanos empregam a lei de Lynh, quando não existe a autoridade judicial, ou quando, fraca e corrompida, não applica aos criminosos o condigno castigo e repressão. Neste caso se achou a California nestes ultimos annos.

Agora, facil he de responder a aquelles que perguntarem se a lei de Lynch esta' em vigor na America.

Os habitantes do « Self-government » (governo proprio) inherentes a' raça anglo-saxonia, fazem com que aos Americanos repugne menos o investirem-se em certos casos da autoridade judicial.

Alem disso, o immenso territorio que occupam, os laços sempre frageis de um governo federativo, e particularmente a qualidade de emigrados que ahi aportam da Europa, tornam necessaria na America, mais do que em outra parte, a repressão energica e prompta dos crimes.

Quaes são as excepções produzidas pela lei de Linch na legislação penal ordinaria em vigor na confederação americana? Vejamos em primeiro lugar qual he a situação de qualquer accusado perante os tribunaes estabelecidos conforme as leis constitucionaes.

O direito de segurança pessoal, diz Kent está garantido pelas disposições estabelecidas nas constituições deste paiz, em harmonia com carta magna e as mais leis fundamentaes do parlamento inglez, disposições confirmadas e reforçadas por ordens terminantes e positivas. A substancia dessas disposições he que ninguem, excepto no caso de flagrante delicto durante o serviço militar e naval, possa ser preso por qualquer crime capital ou que irrogue infamia, ou por qualquer delicto superior ao grau [illegible], por furto ou roubo, conforme a lei commum, sem que seja pronunciado por um grande jury e por este decretada a prisão. Ninguem pode [illegible] pelo mesmo crime, responder duas vezes perante os tribunaes, nem ser obrigado a depor contra si proprio. Em todo o processo crime, o reo tem direito a um julgamento breve e publico por um jury imparcial, um direito a ser acareado com as testemunhas de accusação, de chamar testemunhas de defeza, e de ter um advogado. Para prevenir os abusos e a opera[illegible] nos processos crimes, he prohibido exigir uma fiança exorbitante nem impor multas muito pesadas em castigos desusados. Não são attendidos nem qualquer bill d'attainder nem qualquer lei com effeito retroactivo. A constituição dos Estados Unidos e a de quasi todos os Estados da União contem em substancia ta declaração e quasi por identicas palavras. »

O processo da lei de Lynch não offerece nenhuma destas garantias. Os cidadãos constituidos em tribunal por inciativa propria, em geral, não determinam a prisão senão dos criminosos colhidos em flagrante delicto, ou que a voz publica accusar por tal modo que ha a maior presumpção de sua criminalidade, Todavia pode acontecer que alguns innocentes sejam presos, cousa tanto mais facil, quanto maior he a facilidade com que se despresam as garantias consignadas na lei constitucional. Os accusados pela lei de Linch tem de certo direito de serem acareados com as testemunhas de accusação, de chamarem testemunhas de defeza, de terem advogado, mas estes direitos a maior parte das vezes são illusorios pela rapidez do julgamento e da execução. Alem disso nunca se admitte fiança.

Portanto poucas garantias tem a vida do reo pela lei de Linch e muito seria para desejar que a esta terrivel lei rarissimas vezes se recorresse. A linch law não esta verdadeiramente em opposição com as leis do paiz, pelo menos não a consideram assim aquelles que a adoptam. He mais um supplemento a essas leis he uma especie de costume consuetudinario e que sem embargo da opinião dos jurisconsultos aferrados ao texto da lei commum, tem produzido alguns bons resultados.

(*Droit*).

(*Jornal do Commercio* de Lisboa).

Publicações a pedido.

A PEDIDO DO SR. THESOUREIRO DA IRMANDADE.

Tendo nós verificado pelo exame a que procedemos em presença de diversos reverendos sacerdotes, que a imagem que nos consta ter sido doada por José Caetano Vieira da Silva a' irmandade do Divino Espirito Santo, sob a invocação de N. S. da Soledade, era por suas formas pouco honestas, menos propria para receber o culto dos fieis, dando até lugar a conjecturar-se que poderia ter sido esculpida para em uso profano representar outro objecto; determinamos a vossa mercê, que mandando-a immediatamente retirar do altar em que se acha collocada, a faça conduzir ao hospicio de N. S. da Penha, para alli ser queimada pelo Rvm. prefeito, com quem, de viva voz ja' nos entendemos a respeito.

Deos guarde a vossa mercê. Palacio da Soledade 10 de setembro de 1856.—João, bispo diocesano.—Sr. Antonio Ramos, juiz da irmandade do Divino Espirito Santo

Exm. e Rvm. Sr.—Antonio Ramos, juiz da irmandade do Divino Espirito Santo, precisa a bem seu, que V. Exc. se sirva ordenar que o Rvm. padre prefeito do hospicio de N. S. da Penha, ou quem suas vezes fizer, certifique, se o supplicante cumprio o disposto no officio de V. Exc. Rvm.ª de 10 de setembro do anno proximo passado.

Isto posto, pede a V. Exc. Rvm.ª se sirva deferir-lhe.—E R. M.—Antonio Ramos, juiz.

Como pede, Palacio da Soledade 17 de janeiro de 1857.—João, bispo de Pernambuco.

Exm. e Rvm. Sr.—Em vista do requerimento do Sr. Antonio Ramos, juiz da irmandade do Divino Espirito Santo, despachado por V. Exc. Rvm.ª no dia 17 do corrente, certifico, que a pedido de V. Exc Rvm.ª, queimei uma imagem de N. S. da Soledade, que por se ter achado mui profana, V. Exc. Rvm.ª tinha ordenado ao dito Sr. Antonio Ramos, de inutilisa-a, e eu ja' a inutilisei e queimei: em fé do que me assignó. Hospicio de N. S. da Penha 17 de janeiro de 1857.—Obsequiosissimo servo, frei Sebastião, vice prefeito.

E mais se não continha em ditos documentos, que ficam aqui bem e fielmente copiados dos proprios originaes que me foram apresentados, para os reduzir em publica forma, que he a presente, a qual vai conferida e concertada na forma do estylo, por mim escripta e assignada nesta cidade do Recife de Pernambuco aos 17 dias do mez de janeiro de 1857. —Escrevi e assignei em publico e raso seguintes de que uso.

Em testemunho de verdade.—O tabellião publico, Francisco Baptista de Almeida.

Illms. Srs. — Accuso recebido o officio que Vv. Ss. se dignaram dirigir-me em data de 7 do corrente, remettendo-me por copia o relatorio das necessidades mais urgentes desse municipio, e que foram levadas ao conhecimento de S. Exc. o Sr. presidente da provincia, afim de que na parte que me for possivel e compativel com o lugar de deputado á assembléa geral legislativa, para o qual fui eleito por esse circulo, eu possa promover a satisfação dessas necessidades. Em resposta tenho a dizer a Vv. Ss. que muito me honra a confiança, que depositam em minha pessoa, e que farei quanto estiver a' meu alcance para promover os justos interesses de uma tão digna, quanto patriotica municipalidade.

Na qualidade de membro do conselho director da instrucção publica da provincia ja propuz na ultima sessão e foi unanimemente approvada a creação de cadeiras de primeiras letras para as povoações de Gravata', San Caetano da Ropoza, Bebedor e Capoeiras, e nutro bem fundadas esperanças de que essa proposta sera' attendida pelo governo provincial, e levada a consideração da assembléa provincial, que se tem de reunir proximamente. Não tenho a honra de ser membro dessa assembléa; mas tenho ahi amigos, e farei quanto em mim couber para que essa creação se realise.

Quanto ao mais, que Vv. Ss. pedem, he tudo objecto provincial, que por certo não póde ser tratado, nem providenciado pelo corpo legislativo geral, de que tenho de fazer parte, em consequencia do diploma que me fôra conferido pelos dignos eleitores desse districto eleitoral; mas procurarei entender-me com o Exm. Sr. conselheiro presidente da provincia, afim de que, tomando em consideração todas essas medidas, por Vv. Ss. lembradas, possa em seu relatorio a' assembléa provincial pedir a satisfação dellas.

Concluo agradecendo a Vv. Ss. as obsequiosas expressões com que me tratam, e pedindo que não poupem os meus fracos serviços em prol de um municipio, a quem tanto devo, e que mui voluntariamente me honrou com os seus votos para que eu occupe uma cadeira no seio da representação nacional.

Deos guarde a Vv. Ss. Recife 16 de janeiro de 1857.—Illm. Srs. presidentes e vereadores da camara municipal do Bonito. — Dr. Jeronymo Vilella de Castro Tavares.

Illms. Srs.—Tendo sido eleito deputado a' assembléa geral legislativa pelo districto eleitoral do Bonito, que comprehende esse municipio, onde por occasião de minha eleição recebi provas tão significativas de affeição, consideração e amisade, que eternamente me penhorarão, a Vv. Ss. me dirijo para que se dignem communicar-me quaes são as necessidades mais urgentes do mesmo municipio, afim de que eu possa, dellas sabedor, promover por todos os meios a meu alcance e por uma legal e justa intervenção, a satisfação dessas necessidades.

Deos guarde a Vv. Ss. Recife 16 de janeiro de 1857.—Illms. Srs. presidente e vereadores da camara municipal de Caruarú.—Dr. Jeronymo Vilella de Castro Tavares.

Illm. Sr. — Tive a honra de receber a felicitação que V. S. em seu nome e de seus amigos do Altinho me dirigio em data de 27 do mez proximo passado, por ter eu obtido o triumpho de minha candidatura a' deputação geral por esse districto, e agradecendo cordialmente a bondade e distincção com que V. S. me trata, posso assegurar-lhe e a seus dignos comparochianos, que empregarei todos os esforços que me forem possiveis, afim de corresponder a confiança que em mim depositaram os dignos eleitores do Altinho, concorrendo em grande parte para a minha eleição.

A minha posição politica foi definida da maneira mais clara e explicita pelos jornaes e periodicos desta cidade, dous mezes antes de se proceder a eleição de eleitores, e ainda de proximo com a franqueza e lealdade, que tanto préso, eu a expliquei em dous communicados, que foram publicados pelo *Diario de Pernambuco* de 31 de dezembro proximo passado e 4 de janeiro corrente: firme portanto nestes principios e convicções, que são no meu humilde pensar, os principios e as convicções do partido liberal de Pernambuco, do qual muito me honro de ser membro e alliado fiel, partido, que vive unido ao liberal de todo o imperio, adoptando e recebendo o pensamento que o liga e prende por todo o paiz, asseguro a V. S. que desempenharei o meu dever em ordem a que esse grande partido, tão justo, moralisado, generoso e tolerante possa conseguir o fim nobre a que se propõe.

Deos guarde a V. S. Recife 16 de janeiro de 1857. —Illm. Sr. Dionizio Rodrigues Jacobina, mui digno juiz de paz mais votado do primeiro districto da freguezia do Altinho. —Dr. Jeronymo Vilella de Castro Tavares.

Commercio.

CAMBIOS.

Sobre Londres, 28 1/2 d. por 1$.
« Paris, 340 a 341 rs. por fr.
« Lisboa, 95 por % de premio.
« Rio de Janeiro, 2 por 0/0 de desconto.
Acções do Banco, 40 a 45 de premio.
« « companhia de Beberibe 54$000.
« « companhia Pernambucana ao par.
« « Utilidade Publica, 30 por cento de premio.
« « Indemnisadora. —52 idem.
« « da estrada de ferro —20 por 0/0 de premio
Disconto de lettras, de 8 a 10.
Dito do banco—8 a 10.

Ouro.—Onças hespanholas . . .	28$ a 28$500
Moedas de 6$400 velhas . .	16$000
« « 6$400 novas . .	16$000
« « 4$000. . . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros . . .	2$000
Pesos columnarios . . .	2$000
» mexicanos . . .	1$860

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 16 . . .	246:862$054
Idem do dia 17	18:471$335
	265:333$389

Descarregam hoje 19 de janeiro.

Galera ingleza—Serafina—mercadorias.
Barca ingleza—Hindoo—gigos de louça.
Polaca belga—Orline—mercadorias.
Galera portugueza—Gratidão—pedras.
Patacho sueco—Julia—carvão.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 16	14:170$256
Idem do dia 17	1:003$896
	15:174$152

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 16	2:384$871
Idem do dia 17.	266$691
	2:651$562

DESPACHOS DE EXPORTAÇAO PELA MESA DO CONSULADO DESTA CIDADE NO DIA 17 DE JANEIRO DE 1857.

Liverpool—Galera ingleza «Medora», James Ryder & Companhia, 200 saccos assucar mascavado.
Buenos-Ayres— Polaca jerusamilitana «Julia II», Amorim Irmãos, 150 barricas assucar branco, 50 saccos dito.
Porto—Barca portugueza «Santa Cruz», Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, 4 pipas melaço.
Porto—Brigue portuguez «S. Manoel II», Manoel Joaquim Ramos e Silva, 14 cascos mel.
Porto—Barca portugueza «Duarte IV», Baltar & Oliveira, 14 cascos mel.
Lisboa—Palhabote portuguez «Rival», Amorim Irmãos, 50 cascos mel.
Idem—Brigue portuguez «Laia II», diversos carregadores, 72 cascos mel, 50 meios de solla, 200 couros salgados.

Exportação.

Parahiba, hiate nacional «Camões», de 28 toneladas, conduzio o seguinte: — 256 volumes generos estrangeiros, 320 caixas charutos, 7 saccos café, 5 ditos arroz, 1 machina para massas, 2 caleches, 2 taqoas de forro, 400 caixas sabão; generos nacionaes.

Marselha, barca franceza, «Sirene», de 399 toneladas, conduzio o seguinte: — 5,260 saccos com 26,300 arrobas de assucar mascavado.

Assú por Fernando, summaca nacional «Linda», de 153 toneladas, conduzio o seguinte: — 1 barril vinho, 1 caixa louça e vidros, 1 barril manteiga.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 16 . . .	7:310$107
Idem do dia 17.	333$934
	7:644$041

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 16.	35:381$420
Idem do dia 17	1:056$874
	36:438$294

PRAÇA DO RECIFE, 17 DE JANEIRO DE 1857, AS 3 HORAS DA TARDE.

Revista semanal.

Cambios - - - - Depois de se terem feito saques a 28 1/2 d, por 1$, retrogadou para 28 1/4, ao qual tomaram-se sommas importantes.

Algodão - - - - Principiou a semana de 6$800 a 6$900 por arroba, porém depois da chegada do vapor hamburguez, os preços melhoraram vendendo-se cerca de 700 saccas do superior a 7$100 por arroba. A entrada montou a 188 saccas.

Assucar - - - - Os finos não tiveram alteração, porem os baixos resentiram-se de baixa, regulando as vendas do branco quarta sorte de 4$ a 4$050 por arroba, somenos de 3$600 a 3$700; mascavados bons de 3$050 a 3$100, America de 2$950 a 3$, e nada se vendeu do chamado Canal.— Entraram 37,629 saccos.

Couros - - - - Continuam procurados, regulando-se as vendas de 327 a 330 rs. por libra dos seccos salgados.

Bacalhao - - - Chegaram quatro carregamentos, dos quaes o primeiro de 2741 barricas vendeu-se por 16$ para o Rio de Janeiro, o segundo de 1744 seguio para a Bahia, e os dous ultimos foram vendidos para consumo a preço occulto. O deposito regula por 11,000 barricas, retalhando-se de 13$ a 16$.

Carne secca - - - Vendeu se a do Rio Grande a 6$ por arroba, e a do Rio da Prata de 5$500 a 6$, ficando em ser 16 mil arrobas da primeira e 26,000 da segunda.

Farinha de trigo- Não houve entrada, e a existente regula por 10,000 barricas, das quaes, 2700 são de Trieste e a mais americana. Vendeu se de 20$ a 24 esta e de 26$ a 28$ a outra.

Frees - - - - Ha offertas para o Canal de 40 a 42 —6—, e para o Mediterraneo a 50, e pelo algodão a 9/16 por $.

Desconto - - - - De 9 a 11 por cento ao anno.

Tocaram durante a semana 3 vapores, 2 embarcações de bacalhão e 6 que vieram refrescar.

Entraram: 4 em lastro, 2 com carne secca, 2 com bacalhao, 3 de cabotagem, 3 com carvão, 5 com generos e fazendas da Europa, e 1 vapor de guerra inglez.

Sahiram: 4 com carregamento de assucar e outros generos para portos estrangeiros, 8 de cabotagem, e 1 com parte da carga de farinha de trigo que trouxe na semana antecedente.

Ficaram no porto 70 embarcações, a saber: 2 americanas, 1 belga, 19 brasileiras, 1 dinamarqueza, 6 francezas, 1 hamburgueza, 13 hespanholas, 18 inglezas, 1 jerusalemitana, 1 oldemburgueza, 9 portuguezas, 1 sarda e 7 suecas.

Movimento do porto.

Navios entrados no dia 17.

Terra Nova—35 dias, brigue inglez «Margarith Ridley», de 184 toneladas, capitão James Brown, equipagem 12, carga 2,115 barricas com bacalhao; a Saunders Brothers & C. Pertence a Liverpool.
Liverpool—30 dias, barca ingleza «Hindoo», de 260 toneladas, capitão W. Kelly, equipagem 15, carga fazendas; a Astley. Pertence a Liverpool.
Terra Nova—26 dias, barca ingleza «Miranda», de 314 toneladas, capitão W. Williams, equipagem 15, carga 3,200 barricas e 10 caixas com bacalhao; ao capitão. Pertence a Liverpool.
Liverpool—45 dias, brigue sueco «Activ», de 234 toneladas, capitão C. J. Hyarne, equipagem 12, carga fazendas e mais generos; a Saunders Brothers & C. Pertence a Gotenburg.
New-Castle—36 dias, brigue inglez «Lord Harding» de 270 toneladas, capitão Andrew Charles, equipagem 12, carga carvão de pedra; a ordem. Pertence a Dunder.
Havre—43 dias, brigue francez, «Alma», de 285 toneladas, capitão Pitt, equipagem 14, carga fazendas e mais generos; a Lasserre & C. Pertence ao Havre. Passageiros Madama Carie de la Charie.
Ceara—3 dias e meio, vapor de guerra inglez «Virago», commandante Hagend.

Navios sahidos no mesmo dia.

Marselha—Barca peruana «Petronilla», capitão Angelo M. Dassori, com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão.
Liverpool—Barca ingleza «Coarento, capitão Broude, com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão.
Parahiba—Hiate brasileiro «Camões», mestre Bernardino José Bandeira, carga farinha de trigo e mais generos.

Editaes.

--- Pela mesa do consulado provincial se ha de arrematar em hasta publica a porta da mesmo no dia 17 do corrente, o preto Clorindo, de nação Congo, de idade 40 a 45 annos, apprehendido pela policia como bens do evento, por terem decorrido 60 dias da lei e não ter apparecido dono como he expresso no art. 4 do regulamento de 17 de junho de 1852; e para que chegue a noticia manda fazer o presente edital aos 12 de janeiro de 1857. O administrador, Antonio Carneiro Machado Rios.

Declarações.

— A mala que tem de conduzir o hiate brasileiro Duvidoso, com destino ao Aracaty, fecha-se amanhãa (20) ao meio dia.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo tem de comprar os seguintes objectos:

Para o arsenal de guerra.

Panno azul para sobrecasacas, covados 3.139, dito dito para capotes, covados 6,582, dito preto para polainas, covados 398, esteiras de carnauba 670, casemira carmesim, covados 270, sapatos, pares 1,246, oleado para debrum, covados 10, gravatas de sola de lustre 122, mantas de lã 23, pennas de ganço 800, fio de algodão, libras 30.

Para o Rio Grande do Norte.

Panno azul para fardas e calças, covados 366, brim branco para calças, varas 610, algodãozinho para camisas, varas 610, casemira encarnada, covados 21, gravatas de sola de lustre 122, brim branco liso para fardas, varas 305, esteiras de Angola 244, panno preto para polainas, covados 91, botões pretos para fardas, calças e polainas 7,098, ditos brancos para calças 2,196.

Quem quizer vender ditos objectos apresente as suas propostas em carta fechada, na secretaria do conselho, as 10 horas do dia 23 do corrente mez.

Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 16 de janeiro de 1857.---Bento José Lamenha Lins, coronel, presidente.---Bernardo Pereira do Carmo Junior, vogal e secretario.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo, em cumprimento de art. 22 do regulamento de 14 de dezembro de 1852, faz publico que foram aceitas as propostas de Francisco Maciel de Souza, José Francisco Lavra, Guilherme da Silva Guimarães, Rodrigues & Ribeiro, Domingos Francisco Ramalho e João Caetano Coelho, para fornecerem: --- O 1.º 366 pares de sapatos feitos no Aracaty a 1$550 para o Rio Grande do Norte, 366 ditos feitos na provincia a 1$800 para o arsenal de guerra, 1,000 esteiras de carnauba a 26$000 o cento para o mesmo; o 2.º 95 mantas de lã para o arsenal de guerra a 1$900; o 3.º 800 covados de hollanda de forro para o mesmo arsenal a 100 rs.; o 4.º 366 oitavas de retroz azul ferrete a 115 rs., 513 novelos de linha para coser brim a 10 rs., 244 varas de fita preta de sarja a 70 rs., 244 pares de colchetes grandes a 10 rs., tudo para o Rio Grande do Norte, 16 duzias de limas meia canna de 8 pollegadas a 2$500, 5 ditas de limatões de 8 ditas a 3$000, 6 ditas de ditos de 6 ditas a 2$000. 6 ditas de lapis finos a 380 para o arsenal de guerra; o 5.º 122 bonetes para o Rio Grande do Norte a 1$100; o 6.º 1 portão de ferro para um cemiterio no Rio Grande do Norte, por 130$000 E avisa aos supraditos 4 primeiros vendedores que deverão recolher os referidos objectos ao arsenal de guerra no dia 19 do corrente mez, e aos 2 ultimos que assim o farão logo que lhes for determinado E para que as pessoas que tiverem negocios com o conselho não se chamem a ignorancia, faz o mesmo conselho publicar de novo o artigo do regulamento abaixo declarado. Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 16 de janeiro de 1857 ---Bernardo Pereira do Carmo, vogal e secretario.

Art. 25.--O objecto que não conferir em qualidade com a sua amostra sera regeitado, e ao vendedor que o houver apresentado serão restituidos todos os outros objectos identicos em especie e qualidade, que na mesma occasião tiver vendido, embora confiram com a respectiva amostra. Soffrera alem disto o vendedor a multa de 50 por cento sobre o valor dos generos que não forem semelhantes as amostras. As mesmas penas se imporão quando os generos não conferirem em quantidade, ou não forem apresentados nas épocas determinadas no art. 23. Se o contratador fornecer algum objecto que não confira com a respectiva amostra, ou não tenha a medida e peso estipulado, será obrigado a substitui-lo por outro, pagando alem disso a multa de 50 por cento do valor do objecto recusado. E quando não verifique immediatamente a substituição, ou não complete a quantidade, o conselho fara comprar o objecto no mercado por conta do mesmo contratador, que ainda neste caso pagara a dita multa.

THEATRO DE SANTA IZABEL.

QUINTA FEIRA 22 DE JANEIRO.

Recita concedida pelo Exm. Sr. presidente da provincia, a favor do ponto do mesmo theatro Julio e do actor Rozendo.

Depois que a banda de musica militar do corpo de policia tiver executado a brilhante ouvertura da opera

O CAVALLO DE BRONZE

subirá a scena pela primeira vez o interessante drama brasileiro, em tres actos e duas partes, ornado de musica

A CIGANA BRASILEIRA.

Os principaes papeis serão desempenhados pelas Senhoras D. Folrinda, Jesnina e Alexandrina, e os Senhores Lima, Rozendo e Coimbra, o qual tendo chegado do norte, onde tantos applausos recebeu, vem ajudar os beneficiados em seus trabalhos.

Os intervallos serão preenchidos com as melhores peças de musica do repertorio do insigne artista o Sr. Pedro Nolasco Baptista.

No fim do drama o mesmo Sr. fará executar com todo gosto, e com o panno erguido, as lindas arias do Tenor e

Miserere

Da opera

O Trovador

Dara' fim ao espectaculo com a muito jocosa comedia em um acto,

A RAINHA DE IVITOL.

He este o espectaculo que vai ser apresentado ao illustrado publico desta cidade, de quem os beneficiados esperam todo o acolhimento e protecção.

Os bilhetes acham-se a venda na rua estreita do Rosario n. 12, segundo andar.

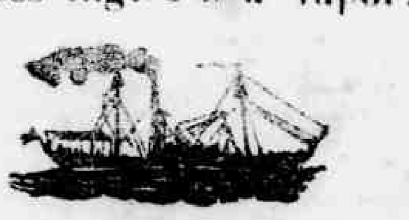
Principiara' as horas do costume.

Avisos Maritimos.

PARA A BAHIA.

O veleiro e bem cenhecido palhabote nacional «Dous Amigos» pretende seguir para a Bahia com muita brevidade: para o resto de seu carregamento trata-se com o seu consignatario Antonio Luiz de Oliveira Azevedo; rua da Cruz n. 1.

Real companhia de paquetes inglezes a vapor.



No dia 21 deste mez espera-se do sul o vapor AVON, commandante Rivett, o qual depois da demora do costume seguirá para Southampton, tocando nos portos de San-Vicente, Teneriff, Madeira e Lisboa: para passagens, etc., trata-se com os agentes Adamson Howie & C., rua do Trapiche Novo n. 42.

Para a Ilha de S. Miguel.

O muito veleiro patacho portuguez Alfredo, que deve chegar do Rio de Janeiro a todos os momentos, tem a maior parte da carga prompta: para o resto e passageiros trata-se com os consignatarios T. de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

Para a Ilha de S. Miguel.

O brigue portuguez Oliveira, que deve chegar a todos os momentos, tem a maior parte da carga ja prompta: quem pretender carregar ou ir de passagem, entenda-se com João Tavares Cordeiro, na rua da Madre de Deos n. 36.

— Para o Assú até 24 do corrente sahe o palhabote nacional «Piedade»: para carga e passageiros trata-se com o capitão a bordo ou na rua da Madre de Deos n. 2.

Companhia

TRANSATLANTICA DE VAPORES SARDOS

Por estes dias chega de Genova o vapor sardo COMT-CAVOUR, o qual depois da demora do costume seguira' para Bahia e Rio de Janeiro, para onde recebe as malas do correio, e para Montevideo e Buenos-Ayres, no escriptorio do consul de Sardenha; e os passageiros e seus criados, podem dirigir-se a rua da Torres n. 14, escriptorio de Lemos Junior & Leal Reis, agentes.

Ceará e Maranhão.

Segue no dia 25 do mez corrente o patacho Santa Cruz; para o resto da carga e passageiros, trata-se com Caetano Cyriaco da C. M., na rua da Cadeia do Recife n. 2.

— Para Lisboa pretende seguir com brevidade o hiate portuguez denominado Rival, por ter parte do seu carregamento prompto: quem no mesmo quizer carregar podera contratar com os consignatrios Amorim Irmãos, rua da Cruz n. 3.

Para o Rio de Janeiro

O veleiro patacho nacional Bomfim segue para o Rio de Janeiro até o dia 25 do corrente, só recebe carga até o dia 23, e escravos até o dia 24: trata-se com seu consignatario Antonio Luiz de Oliveira Azevedo, na rua da Cruz n. 1.

— Para o Rio de Janeiro ou outro qualquer porto do imperio, esta prompto a seguir viagem o brigue brasileiro Feliz Destino, de boa marcha, forrado e pregado de cobre: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, dirija-se ao escriptorio de Manoel Gonçalves da Silva, rua da Cadeia do Recife, ou ao capitão a bordo.

Leilões.

LEILÃO.

A. C. de Abreu fara' leilão, por intervenção do agente Oliveira, de um perfeito sortimento de fazendas inglezas, as mais porprias deste mercado: segunda-feira 19 do corrente, a's 10 horas da manhãa, no seu armazem, rua da Cadeia do Recife.

Leilões.

N. O. Bieber & Companhia farão leilão, por intervenção do agente Oliveira, de porção de fazendas avariadas de differentes qualidades, e de muitas outras em bom estado, que serão vendidas para ultimação de contas: terça-feira, 20 do corrente, as 10 horas da manhãa, no seu armazem, rua da Cruz do Recife.

TRANSFERENCIA DO Leilão de queijos

Não póde ter lugar o leilão annunciado para hontem, de queijos, e por isso fica transferido para terça-feira, 20 do corrente, as 11 horas da manhãa, à porta da alfandega.

Leilão.

O agente Pestana fara leilão, por conta de quem pertencer, de 17 barricas com cevada: terça-feira, 20 do corrente, as 11 horas da manhãa, na porta da alfandega.

— O agente Borja fara leilão em seu armazem, na rua do Collegio n. 15, de um grande e variado sortimento de obras de marcineria, como riquissimos guarda-vestidos de mogno com espelho na frente e sem elle, banquinhas portateis para jogo, mesas elasticas, sofás, cadeiras com braços e sem elles, mesas de meio de sala, carteiras para viagem, obras estas chegadas ha pouco de Paris pelo ultimo navio, um optimo sortimento de cadeiras hamburguezas e de outras muitas obras etc., objectos de ouro e prata, tapetes de novo gosto, para sala, diversas quinquilharias francezas, candelabros e lanternas de vidro, aparelhos de louça e de vidro para serviço de mesa, e uma infinidade de outros muitos artigos que fôra impossivel mencionar, os quaes se acham expostos no referido armazem. quinta feira 22 do corrente as 11 horas da manhãa. Neste mesmo dia ira tambem a leilão uma optima canoa de carreira de amarello, com bons commodos, a qual se acha patente ao exame dos pretendentes, no estaleiro do Sr. Thomaz, no oitão da igreja do Pilar.

Avisos Diversos.

—A Sra. D. Antonia Maria Rodrigues tem uma carta vinda do Maranhão: na praça da Independencia ns. 6 e 8, livraria

Folhinhas PARA 1857.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas, impressas nesta typographia, das seguintes qualidades:

FOLHINHA RELIGIOSA, contendo alem dos mezes, a bibliotheca do christão brasileiro, que se compõe de orações quotidianas, methodo de assistir a missa e confissão; canticos, psalmos, hymnos, officio de Nossa Senhora da Conceição e muitas outras orações de grande merito, preço. 320

DITA SIMPLES, contendo alem dos mezes, a lei dos circulos e varias tabellas de impostos geraes, provinciaes e municipaes, preço. 240

DITA DE PORTA, a qual alem dos mezes tem explicações das indulgencias e excommunhões, etc., preço. . . 160

DITA DE ALMANAK, a qual alem dos mezes, contem o almanak civil, administrativo, commercial, e industrial da provincia, por 500

Todas estas folhinhas são impressas em bom papel e excellente typo, e vendem-se em porção e a retalho: na livraria da praça da Independencia ns. 6 e 8.

--- Precisa-se de um amassador: na padaria do Forte do Mattos. Paga-se bem agradando.

--- Precisa-se de um forneiro e um amassador: na padaria da rua Direita n. 82.

--- Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia, que saiba cozinhar e engommar: quem pretender falle na rua da Praia de Santa Rita, sobrado n. 25, segundo andar.

--- Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar o diario de uma casa de pouca familia; quem pretender dirija-se a rua do Collegio n. 15, armazem.

--- Precisa-se de uma ama que saiba bem engommar: quem pretender, dirija-se a rua do Collegio n. 15, armazem.

--- Precisa-se de uma ama que tenha bom e bastante leite: no pateo da Santa Cruz n. 2, sobrado de um andar, ou na rua do Queimado loja n. 41.

-- Quem annunciou querer um conto de reis a premio, com hypotheca em um sobrado, dirija-se a esta typographia, que se dira' quem da.

— Pergunta-se a quem saiba responder, se as matas pertencentes ao engenho Burralho podem ser desfrutadas por ordem do administrador, consentindo que nellas se façam madeiras, ripas, carvão etc., achando se aquelle engenho e seus pertences embargados ou penhorados, segundo se diz.

Ao respeitavel publico.

RUA NOVA N. 18,

loja de fazendas e roupa feita de M. A. Cajú, onde encontrarão os bons freguezes as obras mais bem acabadas que se podem encontrar, de todas as côres e qualidades, e tem de aceitar menos obras de encommendas, por ter maior porção de differentes obras, assim como tem de augmentar o preço das encommendadas, e para mais bem servir a seus donos, será para todos um só preço a dinheiro.

Matriz do bairro

DE SANTO ANTONIO.

Festa do glorioso martyr San-Sebastião, advogado contra a peste.

No dia 20 do corrente havera' missa cantada a's 9 horas do dia e ladainha tambem cantada a noite, distribuindo-se no fim da mesma orações e versos do glorioso santo, ficando exposta a' veneraçao dos fieis até o dia 25. Consistorio da irmandade 17 de janeiro de 1857.—O escrivão, Tiburcio Valeriano Baptista.

— Precisa-se de uma ama para serviço de de uma casa de pouca familia: no aterro da Boa-Vista n. 60.

— Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia, quem pretender dirija-se a rua Direita n. 56.

— John Aped Ikin engenheiro, retira-se para Inglaterra.

— Arrenda-se um sitio no principio da estrada de João de Barros, o qual tem todas as commodidades para residencia de uma familia, tem cocheira e estribaria para 4 cavallos, tanque para banho ao pé de uma cacimba com bomba, tem excellente agua de beber, muitas fructeiras, etc.: quem o pretender entenda-se na distilação por detraz de Santa Rita.

— Precisa-se de uma ama para cozinhar em casa de homem solteiro: na rua da Praia n. 19.

--- Um guarda-livros arrumado em uma das principaes casas de negocio nesta praça, deseja mudar de lugar: quem precisar de seu prestimo, dirija-se em carta fechada a esta typographia sob as iniciaes D E.

— Antonio Joaquim de Souza Ramos vai a Europa.

--- Fosters Nask da casa de Paton Nash & Companhia, roga a quem tiver contra elle contas particulares, queira fazer favor apresenta-las.

BOTICA HOMEOPATHICA.
N. 13. RUA DO ENCANTAMENTO N. 13,
Dirigida
PELO DOUTOR
PIRES RAMOS JUNIOR.

A efficacia dos medicamentos homeopathicos depende de sua boa preparação, do zelo ou desvello que se emprega neste mister, e tambem dos conhecimentos pharmacodynamicos que se deve ter desta medicina. Portanto neste novo estabelecimento tem tudo quanto for necessario para seu uso, tanto em globulos, como em tinturas; e assim tambem carteiras de diversos tamanhos, tubos avulsos, etc., etc. Os preços são os mais modicos possiveis.

Bilhetes de visita.

Gravam-se e imprimem-se com perfeição bilhetes de visita, lettras de commercio e todos os objectos da arte caligraphica, registros, vinhetas e quaesquer desenhos. Abrem-se firmas, sinetes, tanto a talho doce como em relevo, ornamentos com objectos de ouro e prata. Fazem-se riscos lindos e originaes para bordados de labyrinthio. Admitte-se a recusa de quaesquer destes objectos no caso de não ficarem a contento das pessoas que os encommendarem: quem pretender dirija-se a qualquer destes lugares: no bairro do Recife, rua da Madre de Deos n. 32, primeiro andar; em Santo Antonio, na livraria classica do pateo do Collegio n. 2; nas Cinco Pontas, sobrado da quina confronte a matriz nova.

— Isabel Maria de Figueiredo, professora particular, tem de novo aberto sua aula na rua da Conceição da Boa-Vista n. 56, e ensina a ler, escrever, contar, coser e bordar de seda e de ouro, esmerando-se como sempre no adiantamento de suas discipulas.

-- Offerece-se uma mulher branca de meia idade e bons costumes, para o serviço de casa de um homem solteiro ou de pouca familia, ainda que seja para sitio e por todo preço: quem precisar dirija-se a rua de Aguas Verdes n. 49.

PEDRAS PRECIOSAS.

Adereços de brilhantes, diamantes e perolas, pulseiras, alfinetes, brincos a rozetas, botões e anneis de differentes gostos e de diversas pedras de valor.

Compram, vendem ou trocam prata, ouro, brilhantes, diamantes e perolas, e outras quaesquer joias de valor, a dinheiro ou por obras.

MOREIRA & DUARTE.

LOJA DE OURIVES

Rua do Cabuga' n. 7.

Recebem por todos os vapores da Europa as obras do mais moderno gosto, tanto de França como de Lisboa, as quaes se vendem por preço commodo como costumam.

OURO E PRATA.

Adereços completos de ouro, meiosditos, pulceiras, alfinetes, brincos e rozetas, cordões, trancelins, medalhas, correntes e enfeites para relogio, e outros muitos objectos de ouro.

Apparelhos completos, de prata, para chá, bandejas, salvas, castiçaes, colheres de sopa e decha, e muitos outros objectos de prata.

CONSULTORIO HOMEOPATHICO DO DR. P. A. LOBO MOSCOSO.

30 RUA NOVA 30.

Onde se acham sempre os mais acreditados medicamentos, tanto em tinturas como em globulos, e preparados com o maior escrupulo e por preços bastante commodos:

PREÇOS FIXOS.

Botica de 12 tubos grandes. . . .	10$000
Dita de 24 » »	15$000
Dita de 36 » »	20$000
Dita de 48 » »	25$000
Dita de 60 » »	30$000
Tubos avulsos a	1$000
Frascos de tintura de meia onça. .	2$000
Manual de medicina homeopathica do Dr. Jahr com o diccionario dos termos de medicina	20$000
Medicina domestica do Dr. Henry.	10$000
Tratamento do cholera morbus	2$000
Repertorio do Dr. Mello Moraes	6$000

ROB LAFFECTEUR.

O unico autorisado por decisão do conselho real decreto imperial.

Os medicos dos hospitaes recommendam o arrobe de Laffecteur, como sendo o unico autorisado pelo governo e pela real sociedade de medicina. Este medicamento de um gosto agradavel e facil a tomar em secreto, esta em uso na marinha real desde mais de 60 annos; cura radicalmente em pouco tempo com pouca despeza, sem mercurio, as affecções da pelle, impingens, as consequencias das sarnas, ulceras e os accidentes dos partos, da idade critica e da acrimonia hereditaria dos humores; convém aos catarrhos, a bexiga, as contracções e a fraqueza dos orgãos, procedida do abuso das injecções ou de sondas. Como anti-syphiliticos o arrobe cura em pouco tempo os fluxos recentes ou rebeldes, que volvem incessantas em consequencia do emprego da copahibe, da cubeba ou das injecções que representem o virus sem neutralisa-lo. O arrobe Laffecteur he especialmente recommendado contra as doenças inveteradas ou rebeldes ao mercurio e ao iodoreto de potassio.--Lisboa. --Vende-se na botica de Barral e de Antonio Feliciano Alves de Azevedo, praça de D. Pedro n. 88, onde acaba de chegar uma granporção de garrafas grandes e pequenas vindas directamente de Paris, de casa do dito Boyveau-Laffecteur 12, rua Richelieu a Paris. Os formularios dão-se gratis em casa do agente Silva, na praça de D. Pedro n. 82.--Porto, Joaquim Araujo; Bahia, Lima & Irmãos; Pernambuco, Soum; Rio de Janeiro; Rocha & Filhos; e Moreira, loja de drogas; Villa Nova, João Pereira de Magates Leite, Rio Grande, Francisco de Paula Couto & C.

C. STARR & COMPANHIA

respeitosamente annunciam que no seu extenso estabelecimento em Santo Amaro, continuam a fabricar com a maior perfeição e promptidão, toda a qualidade de machinismo para o uso da agricultura, navegação e manufactura, e que para maior commodo de seus numerosos freguezes e do publico em geral, tem aberto em um dos grandes armazens do Sr. Mesquita na rua do Brum, atraz do arsenal de marinha um

DEPOSITO DE MACHINAS,

construidas no dito seu estabelecimento.

Alli acharão os compradores um completo sortimento de moendas de canna, com todos os melhoramentos (alguns delles novos e originaes) que a experiencia de muitos annos tem mostrado a necessidade. Machinas de vapor de baixa e alta pressão, taixas de todo tamanho, tanto batidas como fundidas, carros de mão e ditos para conduzir fórmas de assucar, machinas para moer mandioca, prensas para dito, fornos de ferro batido para farinha, arados de ferro da mais approvada construcção, fundos para alambiques, crivos e portas para fornalhas, e uma infinidade de obras de ferro, que sera enfadonho enumerar. No mesmo deposito existe uma pessoa intelligente e habilitada para receber todas as encommendas, etc., etc., que os annunciantes contando com a capacidade de suas officinas e machinismo, e pericia de seus officiaes, se comprometem a fazer executar com a maior presteza e perfeição, e exacta conformidade com os modellos ou desenhos, e instrucções que lhe forem fornecidos.

BOTICA CENTRAL HOMEOPATHICA
DO
DR. SABINO O. L. PINHO.
Rua de Santo Amaro (Mundo Novo)
NUMERO—6.

Vendem-se unicamente nesta botica os mais acreditados medicamentos homeopathicos, por preços muito commodos.

A acção destes medicamentos he tão prompta e efficaz, que tem merecido as honras da preferencia em todas as partes do imperio, onde tem sido experimentados.

Cada tubo avulso. . . .	1$000
Cada vidro de tintura . . .	2$000
Carteiras e caixinhas com medicamentos, desde 12$ até 100$000.	
Thesouro homeopathico ou vade-mecum do homeopatha, obra essencialmente indispensavel a quem deseja empregar a homeopathia a	11$000
Tratamento homeopathico do cholera-morbus	1$000
Propaganda homeopathica em Pernambuco	2$000

N. B.—Para conhecimento do publico, avisa-se que o Dr Pires Ramos Junior, não he mais caixeiro da botica central homeopathica, e nem tem interferencia alguma em suas operações.

Physiologia das paixões.

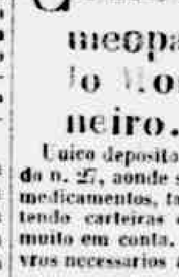
Esta importante producção litteraria do Sr. Dr. Mello Moraes do Rio de Janeiro, bem como a corographia do imperio do Brasil, e o Educador da mocidade brasileira, coordenados por o mesmo autor: acha-se a venda na rua do Queimado n. 27.

Luvas de varias qualidade

Vendem-se ricas luvas de seda de todas as cores, cobordadas e com bolotas a 2$ o para ditas sem ser bordadas brancas e amarellas para homens e senhoras a 1$, 1$200 e 1$500, ditas de fio da Escocia brancas e de cores para homens e senhoras a 300, 400, 500 e 600, ditas brancas e de cores, de algodão, proprias para montaria a 240 e 320 e outras qualidades mais que se vende na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Consultorio homeopathico do Dr. Mello Moraes, do Rio de Janeiro.

Unico deposito em Pernambuco, rua do Queimado n. 27, aonde se acha um completo sortimento de medicamentos, tanto em tintura como em globulos, tendo carteiras de diversos tamanhos, por preços muito em conta. Tambem ahi se encontrarão os livros necessarios a homeopathia.



Vendem-se sellins com pertences, patente inglez e da melhor qualidade que tem vindo a este mercado; no armazem de Adamson Howie & C., rua do Trapiche n. 42.

PREVIDENCIA.

Companhia de seguro contra a mortalidade dos escravos, estabelecida no

RIO DE JANEIRO.

CAPITAL---2.000:000.000.

Agencia filial em Pernambuco, rua do Crespo n. 15.

Os seguros são realisados no escriptorio da companhia ou mesmo fóra, sob propostas dos proprietarios dos escravos, todos os dias uteis: as participações de fallecimentos e as propostas, podem ser remettidas a companhia todos os dias, até as cinco horas da tarde.

As condições impressas poderão ser procuradas no escriptorio da companhia.

Dar-se-ha consultas gratis aos escravos seguros das 9 para 10 horas da manhãa, no escriptorio da companhia.

AO PUBLICO.

Na rua Nova n. 18, loja de fazendas e roupa feita de M. A. Caju' & Compahia, ha de encontrar o respeitavel publico as obras mais bem acabadas, que se podem encontrar neste genero, de todas as cores e qualidades; tem de aceitar menos obras de encommenda para ter maior porção de differentes obras; assim como tem de augmentar o preço das encommendadas para mais bem servir a seus donos, e sera para todos um só preço, a dinheiro.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer todo o serviço de casa: na rua da Concordia, casa da esquina confronte ao becco da Ramella.

Meias de todas as qualidades.

Vendem-se muito boas meias de seda pretas e brancas para senhoras pelo barato preço de 2$500, ditas de laia para padres a 1$800, ditas de fio de Escocia pintadas para homem pelo baratissimo preço de 400 e 500, ditas brancas e cruas para homem a 200, 240 e 280 rs., ditas pintadas e brancas para meninos a 240 e 300 rs, ditas brancas, finas para meninas a 240 rs, ditas brancas para senhoras a 240, 300 e 400 rs., ditas pretas de algodão para padres a 600 rs., e outras mais qualidades que se vendem barato na rua do Queimado, na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

A loja da boa fama

Vende muito barato:

Libras de linhas n. 100 e 120 de boa qualidade a 2$, ditas de linhas de cores a 1$200, peças de fita lavrada larga de seda a 2$500, duzia de pentes abertos para segurar cabello a 2$200, grozas de botões de louça pintados a 240, meias brancas e cruas para homem a 160, suspensorios para homem e menino a 40 rs., carteiras para algibeira a 600 rs., peças de fita de linho a 40 rs., grozas de botões finos para calças a 280 rs., grozas de botões de madreperola a 600 rs., braceletes encarnados para senhora a 200, caixas com linhas de marcar a 280 rs., peças de bico estreito com 10 varas a 560 rs., duzias de tesouras para costuras a 1$, ditas maiores muito boas a 1$200, e outras muitissimas cousas que se vendem muito barato na rua do Queimado na bem conhecida loja da boa fama n. 33.

Boa fama.

Vendem se superiores macas para conducção de roupas em viagem, pelo barato preço de 5, 6, 7 e 8$ cada uma, galheteiras com todos os vidros necessarios a 2$, ricas carteiras de jacaranda e mogno para se escrever e guardar todos os pertences, proprios para viagem a 8, 10, e 12$ cada uma, costureiras riquissimas de jacaranda com os repartimentos forrados de seda e com muito gosto a 4, 5, 6, 7 e 8$, pentes muito finos para alisar, proprios para crianças ou para suissas a 320 rs., pulceiras do melhor gosto que se pode encontrar a 2$, ricas cruzes de cornalina, carteirinhas para lembranças, gorras para homem, as mais modernas que se póde encontrar, sinetes com todas as lettras do abecedario, sinetes proprios para namorados, ricos frascos para cima de mesa e outras muitissimas galantarias, tudo muito fino e de muito bons gostos, asseverando-se a quem vier ver o rico sortimento, que sempre existe neste estabelecimento, não deixara de ter em que empregue muitissimo bem o seu dinheiro: na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Moendas superiores.

Na fundição de C. Starr & C., em Santo Amaro, acham-se para vender moendas de canna todas de ferro, de um modelo e construcção muito superior.

Para quem estiver de luto.

Vende-se na rua do Queimado, na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33, voltas pretas finas e ordinarias, ricos alfinetes, ricas pulceiras, e ricas rozetas, tudo do melhor gosto que se póde encontrar e por preço que não deixara de agradar aos senhores compradores.

TAIXAS DE FERRO.

Na fundição da Aurora em Santo Amaro, e tambem no DEPOSITO na rua do Brum, logo na entrada, e defronte do arsenal de marinha, ha sempre um grande sortimento de taixas, tanto de fabrica nacional como estrangeira, batidas, fundidas, grandes, pequenas, razas e fundas; e em ambos os lugares existem guindastes para carregar canõas ou carros, livres de despezas. Os preços são os mais com modos.

ILEGÍVEL

CONSULTORIO CENTRAL HOMEOPATHICO.
Rua de Santo Amaro (Mundo-Novo) n. 6.

O Dr. *Sabino Olegario Ludgero Pinho*, de volta de sua viagem ao Rio de Janeiro, continua a dar consultas todos os dias uteis, das 8 horas da manhãa, a 2 da tarde.
Os pobres são medicados gratuitamente.

SEGURO CONTRA FOGO.
Companhia Alliance.
Estabelecida em Londres, em março de 1824.
Capital cinco milhões de libras esterlinas.

Saunders Brothers & C., tem a honra de informar aos Srs. negociantes, proprietarios de casas, e a quem mais convier que estão plenamente autorisados pela dita companhia para effectuar seguros sobre edificios de tijolo e pedra, cobertos de telha e igualmente sobre os objectos que contiverem os mesmos edificios quer consista em mobilia ou em fazendas de qualquer qualidade.

— Aluga-se a antiga casa de vender polvora, na cidade de Olinda, com bom sitio, baixa para capim, e boa casa de vivenda ao pé: quem pretender dita casa dirija-se a rua do Vigario n. 31.

— Precisa-se de um bom criado e paga-se bem agradando o serviço e comportamento: a tratar no campo do Hospicio junto ao quartel casa do desembargador Mendes da Cunha.

DENTISTA FRANCEZ.
Paulo Gaignoux, de volta de sua viagem a Europa, está morando na rua Nova n. 41, primeiro andar, onde pode ser procurado a qualquer hora.

— Os devedores de José Dias Simões, Cruz & Bastos e Cruz & Gomes tenham a bondade de mandar pagar os seus debitos aos abaixo assignados, por serem elles os donos dos referidos debitos, os mesmos abaixo assignados desejando ultimar esta cobrança na melhor armonia esperam que lhe satisfarão suas contas independentes da publicação de seus nomes e meios judiciaes quese verão na necessidade de empregar na falta do referido pagamento.—José Alves da Silva Guimarães, rua do Cabuga' n. 1 B, Francisco José Alves Guimarães, rua do Queimado n. 33.

PARA CONSERVAÇA'O DOS DENTES.
Vende-se pós e agua dentrifices: na rua Nova n. 41, em casa do dentista francez Paulo Gaignoux.

— Precisa-se de uma ama que tenha bastante leite, ainda mesmo sendo escrava: no pateo de S. Pedro n. 22.

— O abaixo assignado, arrematante das dividas activas na importancia de 13:753$180 rs. da massa fallida de João Chrisostomo de Lima, avisa aos devedores da referida massa, que queiram realisar o mais breve possivel os seus debitos: no aterro da Boa-Vista n. 42, taberna de Miguel José Rodrigues da Costa, o qual se acha competentemente habilitado a receber ditas dividas.—Antonio José Villar.

Escolas DO METHODO CASTILHO.
Do dia 7 de janeiro em diante estão abertas as 6 escolas desta capital, pelo excellente methodo Castilho; pelo qual a voz publica se ha pronunciado pelo orgão da imprensa pernambucana, merecendo particular attenção a escola de meninas, erecta na rua do Vigario, casa do finado Silva Companhia, não só porque nessa escola se ensinam todos os primorosos bordados, e mais lavores que se possam desejar, como porque a digna professora estando sendo leccionada na grammatica nacional pelo eximio professor o Rvm. Sr. padre mestre Varejão, se tornará mais um precioso brilhante que ornará a coroa litteraria do Exm. conselheiro Sr. Dr. Castilho.

--- Precisa-se de uma ama de leite, que o tenha bom, e seja sadia, paga-se bem: na rua do Apollo n. 22.

— Precisa-se alugar duas amas forras ou captivas para casa de familia, que cozinhem e engommem: na rua da Cadeia do Recife loja n. 50.

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva, de boa conducta, seja fiel, e que saiba cozinhar, engommar e comprar na rua, para uma casa estrangeira de duas pessoas: na rua do Livramento n. 4.

--- Aluga-se na Passagem da Magdalena, antes de chegar a ponte grande, uma casa terrea com sotão, quintal e sahida pelo rio, com muitos commodos para familia: os pretendentes dirijam-se ao Trapiche Novo n. 16.

Seguros contra o fogo.
LONDRES.
COMPANHIA NORTHERN.
CAPITAL £ 1,260,000 —ESTABELECIDA EM 1836.
Para effectuar seguros
sobre propriedades, mercadorias, mobilia e generos de quasi todas as qualidades. Premio de 3|8 até 1|2 por cento ao anno, agentes C. J. Astley & C. Em conformidade de ordens ultimamente recebidas, os agentes acham-se habilitados a tomar risco contra fogo, e sobre generos de exportação, como sejam: algodão, assucar ou couros, depositados em trapiches ou armazens particulares, em Maceió, Jaraguá ou Parahiba do norte: agentes C. J. Astley & C.

—O abaixo assignado lecciona primeiras lettras, latim e francez: na casa n. 58, da rua Nova.—José Maria Machado de Figueiredo.

AVISO.
Na quarta feira 14 do corrente mez, por occasião de irem duas canoas abertas, carregadas de areia para o Cemiterio publico, tiveram de afundar na segunda ponte da rua da Aurora, junto a fundição; uma dessas canoas já appareceu no caes de Ramos, faltando a outra que he nova, pois ainda ultimamente fora toda fabricada, bem construida, de carga de 900 a 1000 tijolos, levando uma grossa e comprida corrente; desconfiava-se ter ella cahido no perao que existe na referida ponte, mas pelos exames que ja se procedeu parece não existir alli e sim acharse encalhada em algum lugar de nossas praias. O proprietario da canoa gratifica generosamente a quem pega-la ou della der noticia: no armazem de madeiras do Miguel, confronte o telheiro dos canoeiros da rua Nova, ou no pateo do Carmo sobrado n. 3.

--- Quem precisar alugar uma escrava ja idosa, sem vicio algum, para cozinhar e engommar, dirija-se a rua Direita n. 72.

--- Precisa-se de uma mulher portugueza de meia idade, para ama de uma casa de familia, composta de 5 pessoas, dando fiador a sua conducta: nos Coelhos, rua dos Prazeres n. 14.

--- O proprietario da casa mei-agua da travessa da rua da Concordia n. 26 F, a possue livre de todo e qualquer embaraço, e por isso habilitado para com ella fazer o negocio ou transacção que lhe convier; se porém alguem se julgar por qualquer fórma ou titulo que seja com direito a mesma, queira declara-lo por este jornal no prazo de 3 dias, a contar de hoje. Recife 16 de janeiro de 1857.

--- Lembra-se aos senhores pais de familia e a quem mais convier, que a aula de latim na travessa da Concordia junto ao n. 5, no bairro de Santo Antonio, está aberta, e que o seu professor José Valentim da Silva, continu'a a receber alli por preço commodo alumnos externos e pensionistas, dando bom tratamento.

--- Da-se 250$000 a juros razoaveis, com penhores: na rua da Praia n. 43, segundo andar.

--- Toma-se a quantia de 1:000$000, dando-se alem de outra garantia a hypotheca em uma muito boa escrava, fazendo se pagamentos mensaes de 50$000. com tanto que o juro seja modico: quem quizer dar annuncie por este Diario.

--- Precisa-se tomar a premio a quantia de rs. 1 000$000 pelo tempo e premio que se convencionar, e da-se por garante uma propriedade ha pouco acabada e desembaraçada, nesta cidade: a quem convier dar este dinheiro, annuncie para ser procurado.

Loteria da provincia
O Sr. thesoureiro das loterias manda fazer publico, que se acham a venda na rua da Aurora n. 26, primeiro andar, bilhetes, meios e quartos, da terceira parte da quinta loteria do Gymnasio Pernambucano, cujas rodas andam no dia 24 do corrente. O mesmo Sr. thesoureiro manda declarar ao respeitavel publico, que existe grande quantidade de bilhetes, meios e quartos acima, a escolha dos senhores jogadores. Thesouraria das loterias 10 de janeiro de 1857.---José Januario Alves da Maia, escrivão das loterias.

JOIAS.
Os abaixo assignados, com loja de ourives na rua do Cabuga n. 11, confronte ao pateo da matriz e rua Nova, fazem publico, que estão recebendo continuadamente as mais novas obras de ouro, tanto para senhora como para homens e meninos: os preços continuam razoaveis, e passam-se contas com responsabilidade, especificando a qualidade do ouro de 14 ou 18 quilates, ficando assim sujeitos os mesmos por qualquer duvida. – Seraphim & Irmão.

— João Machado Soares, morador na Cruz de Almas, freguezia do Poço da Panella, faz ver que só esteve a sua taberna aberta até ao ultimo de novembro de 1856, e para o que avisa o Sr. Luiz José Marques e aquelles que se acham no caso de cobrar os impostos, tanto geral como provincial.

— Os abaixo assignados fazem sciente ao respeitavel corpo do commercio e ao publico, que tendo expirado em 19 de janeiro do anno proximo passado os 6 annos da sua sociedade feita em 9 de janeiro de 1850, e que gyrou nesta praça sob a firma de Faria & Lopes, hoje por commum accordo a dissolveram, ficando a cargo do socio José Joaquim de Faria Machado a liquidação da extincta firma e todo o activo e passivo da mesma sociedade ---José Joaquim de Faria Machado, Francisco José Lopes.

--- A professora particular D. Cléa Francisca da Silva Coutinho avisa aos pais de suas alumnas e a mais pessoas que se quizerem utilisar do seu ensino, que se acha com a aula aberta para continuar o seu trabalho, na mesma casa de sua residencia, na rua Direita n. 43, segundo andar.

Rua larga
DO ROSARIO N. 38.
botica de
Bartholomeu F. de Souza,
continúa a vender
XAROPE DO BOSQUE
(sendo falso o que for vendido em outra qualquer parte.)
Rob L'Affecteur.
Pilulas vegetaes de Brandet.
Vermifugo inglez em vidros.
Elixir anti-asmathico.
Frascos de bocca larga com rolhas, de 1 a 12 libras.

CONSULTORIO HOMŒOPATHICO.
DO DR. CASANOVA.
28—rua das Cruzes—28.
Neste consultorio ha sempre para vender os mais acreditados medicamentos homœopathicos de CATELLAN e GYEBER, tanto em tinturas, como em globulos, e o mais em conta possivel.

Uma botica de 12 tubos	6$ 8$ e 10$000	
" " de 24	" 10$ 12$ e 15$000	
" " de 36	" 15$ 18$ e 20$000	
" " de 48	" 18$ 22$ e 25$000	
" " de 60	" 22$ 25$ e 30$000	

Tubos avulsos 500, 800, e 1$000.
1 onça de tintura a escolher 2$000.
Consultas todos os dias gratis para os pobres.

--- Aluga-se uma ama para o serviço ordinario de uma casa de pouca familia: na rua Imperial n. 31, sobrado de um andar.

--- O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel corpo de commercio nesta praça, que deu sociedade em sua taberna sita na rua da Cruz n. 34, a José Gonçalves de Azevedo desde o dia 1. do corrente, e que todos os negocios tendentes ao mesmo estabelecimento serão com a firma de Oliveira & Azevedo. Recife 2 de janeiro de 1857.
Manoel José de Oliveira.

AVISO.
O abaixo assignado, que vivia nesta praça recebendo assucar do matto, faz sciente que se retirou para fóra desta provincia, e pela presteza de sua viagem não teve tempo de despedir-se das pessoas a quem tinha amizade, no entanto pede o desculpem desta falta. O mesmo abaixo assignado declara ao publico, que nada ficou devendo a quem lhe consignava seus assucares, e havendo algum que diga o contrario, publique por este Diario, que promptamente será pago! E para que o publico não faça máo conceito do mesmo abaixo assignado, faz elle o presente annuncio, o qual será publicado mais de uma vez por este Diario!...
José Soares Correia.

— Precisa-se alugar um escravo para o serviço de uma casa de pouca familia, e que tenha algum principio de cozinha; paga-se bem: a tratar na rua do Cabugá, loja de cera do Sr. Ang lo Custodio dos Santos

--- O unico preservativo contra a caspa que até agora tem apparecido, tem a vantagem de preservar da caspa, amaciar o cabello, e tambem tingir o mesmo: na loja n. 1 da rua do Crespo.

PUZZOLANA PARA OBRAS D'ARTE.
Este material, que he de uma grande importancia nos cementos, e de um merecimento sem igual nas obras hydraulicas, está tendo um consumo extraordinario nos caminhos de ferro, principalmente naquellas obras que tem de estar em mais immediato contacto com as aguas accidentaes ou correntes.

O meio dia da Europa, sobre tudo, tem se fornecido da puzzolana da Italia e dos Açores. A deste ultimo archipelago submettida a escrupulosas experiencias em Inglaterra no arsenal real de Woolwich em junho de 1850, pelo Sr. capitão de engenheiros Henrique Scott sob a direcção do seu chefe o bem conhecido escriptor coronel W. Reid, foi julgado precioso elemento abundante em oxido de ferro, que entrando com a cal na proporção de 2 para 1 compunha um valioso cemento.

J. J. de Oliveira Machado Junior com agencia commercial entre Portugal, Açores, Brasil e Africa occidental, 155 rua Augusta, Lisboa, fornecedor de puzzolana para as linhas ferreas de Portugal, repartição das obras publicas de Lisboa, e para differentes pontos de Hespanha, propõe-se fornecer o mesmo material a quaesquer emprezas de obras publicas ou particulares do imperio do Brasil, promptificando-se a remetter previamente amostras a quem as solicite e a pôr por preços razoaveis em qualquer porto do mesmo imperio quaesquer encommendas que se lhe façam sempre que cada remessa não seja inferior a 200 metros cubicos de material.

Toda a correspondencia e propostas sobre o assumpto devem ser-lhe dirigidas a sobredita agencia commercial 155 rua Augusta de Lisboa, ou a administração do Diario de Pernambuco, praça da Independencia ns. 6 e 8.

--- O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel corpo de commercio nesta praça, que deu sociedade em sua taberna sita na rua do Encantamento n. 10, a seu mano Jordão José de Oliveira desde o dia 1.° do corrente, e que todos os negocios tendentes ao mesmo estabelecimento sera com a firma de Manoel José de Oliveira & Irmão. Recife 2 de Janeiro de 1857.
Manoel José de Oliveira.

--- O abaixo assignado, professor publico de latim da freguezia de S. José do Recife, scientifica ao publico que esta aberta a matricula de sua aula, e que os trabalhos lectivos começarão no dia 3 de fevereiro: quem se quizer matricular dirija-se ao largo do Terço, casa terrea n. 33.
Manoel Francisco Coelho.

--- Arrenda-se a propriedade denominada Agua-Fria, com casa de vivenda, excellente banho, baixa para capim, e pasto para mais de 10 vaccas, algumas fruteiras e terrenos para plantações: quem pretender dirija se a dita propriedade, a tratar com o tenente-coronel Hemeterio José Velloso da Silveira, ou sua senhora.

--- Saca-se sobre a praça do Porto, sejam quantias grandes ou pequenas a 3, 30 ou 60 dias de vista, e pagaveis em prata ou ouro: na rua do Trapiche n. 40, escriptorio de Thomaz de Faria.

— A pessoa que procurou o Sr. João Baptista de Campos para comprar o escravo Joaquim, que disse estar no seu poder, pertencente ao Sr. Dr. Antonio Carlos de Almeida e Albuquerque, queira por obsequio dirigir-se a rua da Cruz n. 35, primeiro andar.

— Aluga-se um terceiro andar na rua Direita, com sufficientes commodos; trata-se na rua do Livramento n. 33, primeiro andar.

— Deseja-se fallar ao Sr. Manoel de Souza Cousseiro a negocio de seu interesse: por isso annuncie sua morada ou dirija-se a esta typographia.

Attenção.
O abaixo assignado avisa ao respeitavel publico, que ninguem faça negocio com uma lettra que existe em mão do Sr. Sebastião Gomes de Araujo da quantia de 45$000, pois que esta lettra he proveniente de um cavallo que o abaixo assignado comprou ao dito Araujo, mas tendo o dito cavallo uma manqueira, e dizendo eu que não me convinha ficar com o cavallo com este defeito, elle me disse que caso não ficasse bom o tornava receber e estava o negocio desfeito, como provo com pessoas; e agora de novo aviso ao dito Araujo, que lhe concedo 30 dias para vir entregar a dita lettra e receber o seu cavallo, fazendo-me bom 40$000 que ja recebeu. Cidade da Victoria 15 de janeiro de 1857.---José Fidelis Xavier de Moura.

— João Pereira da Silva, portuguez, retira-se para Lisboa.

--- Precisa-se alugar um preto para andar com tabuleiro de fazendas na rua; paga-se bem: a tratar na rua das Cruzes n. 22, primeiro andar, de manhãa as 9 horas, e de tarde as 4.

DAGUERREOTYPO.
Systema norte-americano.
ATERRO DA BOA-VISTA N. 4,
terceiro andar.

Nesta casa continúa-se a tirar retratos com toda a perfeição e pelo novo systema norte-americano Existe sempre um completo e variado sortimento de caixinhas, quadros e joias de ouro para a collocação dos retratos. Todos os dias das 8 horas da manhãa as 4 da tarde está a officina e galeria a disposição do publico.

— Luiz Lucien Poulain retira-se para a França.

— Pede-se (depois de se ter rogado muito tempo) a Senhora Roads, que tem hotel inglez na rua do Trapiche, se ella quer mandar pagar a quantia que ella deve no armazem da rua do Trapiche Novo n. 22, e por este meio acabar todas as transacções de negocio com o dito armazem.

— Francelino Ferreira Crespo, pharmaceutico approvado pela Imperial Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, participa aos antigos freguezes de seu finado pai o pharmaceutico Bento Pinto Crespo, estabelecido na cidade de Goianna, que a botica continua a trabalhar sob sua direcção, e alli as pessoas que o quizerem honrar com suas freguezias o acharão prompto a satisfazer com zelo e promptidão os misteres de sua arte.

SYSTEMA MEDICO DE HOLLOWAY.

PILULAS HOLLOWAY.

Este inestimavel especifico, composto inteiramente de hervas medicinaes, não contém mercurio, nem alguma outra substancia delecterea. Benigno a mais tenra infancia, e a compleição mais delicada, he igualmente prompto e seguro para desarreigar o mal na compleição mais robusta; he inteiramente innocente em suas operações e effeitos; pois busca e remove as doenças de qualquer especie e grão, por mais antigas e tenazes que sejam.

Entre milhares de pessoas curadas com este remedio, muitas que ja estavam ás portas da morte, preservando em seu uso; conseguiram recobrar a saude e forças, depois de haver tentado inutilmente todos os outros remedios.

Asjmáis afflictas não devem entregar-se a desesperação; façam um competente ensaio dos efficazes effeitos desta assombrosa medicina, e prestes recuperarão o beneficio da saude.

Não se perca tempo em tomar este remedio para qualquer das seguintes enfermidades:

Accidentes epilepticos	Febres intermittentes
Alporcas.	Febreto da especie.
Ampolas.	Gotta.
Areias (mal de).	Hemorrhoidas.
Asthma.	Hydropisia.
Colicas.	Ictericia.
Convulsões.	Indigestões.
Debilidade ou extenuação.	Inflammações.
Debilidade ou falta de forças para qualquer cousa.	Irregularidades da menstruação.
Desinteria.	Lombrigas de toda especie.
Dor de garganta.	Mal de pedra.
-- de barriga.	Manchas na cutis.
-- nos rins.	Obstrucção do ventre.
Dureza no ventre.	Phtisica ou consumpção pulmonar.
Enfermidades no ventre.	Retenção de ourina.
Enfermidades no figado.	Rheumatismo.
	Symptomas secundarios.
Ditas venereas.	Tumores.
Enxaqueca.	Tico doloroso.
Herysipela.	Ulceras.
Febres biliosas.	Venereo (mal).

Vendem-se estas pilulas no estabelecimento geral de Londres n. 244. «Strand,» e na loja de todos os boticarios, droguistas e outras pessoas encarregadas de sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vendem-se as bocetinhas a 800 rs. Cada uma dellas contém uma instrucção em portuguez para explicar o modo de se usar destas pilulas.

O deposito geral he em casa do Sr. Soum pharmaceutico, na rua da Cruz n. 22, em Pernambu

AO PUBLICO.
No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,
vende-se um completo sortimento de fazendas finas e grossas, por mais barato preços do que em outra qualquer parte, tanto em porções como a retalho, affiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãos e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecem elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida á todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas: no armazem da rua do Collegio n. 2, de—Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

--- Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar, para uma casa de pouca familia: na praça do Corpo Santo n. 17.

--- Precisa-se de uma ama para todo serviço de uma casa de duas pessoas: no pateo do Paraizo n. 8, segundo andar.

Compras.
--- Compra-se um sobrado de um, ou dous andares, e tambem uma casa terrea que esteja em bom uso, nas principaes ruas do bairro de Santo Antonio: quem as pretender vender, dirija-se a rua do Livramento no primeiro andar do sobrado n. 10, que se dirá quem os quer comprar.

— Compram-se apolices da divida provincial: na rua das Flores n. 37, primeiro andar.

— Compram-se periodicos a onze patacas a arroba: na quina da rua de Hortas n. 2.

--- Compram-se escravos que sejam sadios e fortes, proprios para armazem de assucar: na rua de Apollo n. 22.

—Compram-se escravos de ambos os sexos, que sirvão para serviço de campo, assim como recebem-se para vender de commissão: na rua Direita n. 5.

—Compra-se para uma encommenda 3 moleques de 14 a 18 annos de idade: na rua do Collegio n. 21, primeiro andar, das 10 horas a's 3 da tarde.

--- O vigario Lino Martyr de S. José Ferreira compra uma escrava de 25 a 30 annos de idade, que saiba bem cozinhar, engommar e lavar: quem a tiver pode apparecer no convento de S. Francisco desta cidade, para contratar o preço.

O CARAPUCEIRO.
Compra-se a collecção deste jornal: na livraria defronte do arco de Santo Antonio n. 2.

Vendas.
— Na rua do Crespo loja de 4 portas n. 12, vendem-se lenços de cambraia de linho com toque de avaria a 160 e 200 rs., e limpos a 240 rs., ditos com pintas de côres e barra, a 200 rs. e limpos 400 rs., madapolões muito finos com pouca avaria a 4$000 por peça.

— Na rua das Cruzes n. 33 segundo andar, vende-se uma escrava crioula de 20 annos, bonita figura, que engomma, cose-chãa e cozinha elava: vende-se por estar gravidade quatro mezes.

Alvenaria grossa.
Vende-se porção de tijolo de alvenaria grossa de primeira qualidade, botando-se em qualquer obra e em qualquer maré, ou o comprador mandando buscar: a tratar na rua Nova n. 18, ou na primeira olaria, passando a ponte de Motocolombó.

--- Vende-se uma casa na povoação da Varzea, a qual rende 80$000 por anno, e fica annexa a casa de João Simões Ferreira: a tratar na rua estreita do Rosario n. 1.

--- Vendem-se muito bons vitellos, tanto para comer-se como para embarcar, por estarem gordos: quem delles precisar, dirija-se ao Cachanga, casa defronte da igreja.

— Vende-se uma escrava de bonita figura, de 22 annos de idade, lava bem e cozinha: na rua larga do Rosario n. 36, terceiro andar.

— Na olaria do engenho Giquiá vendem-se tijolos de alvenaria a 16$000 o milheiro, a dinheiro á vista, e da-se rapido e prompto carregamento; assim como do 1.° de fevereiro em diante suppre-se de lenha a qualquer padaria, pondo-se a lenha nas portas: a fallar com o administrador do mesmo engenho, ou com o seu proprietario o tenente-coronel Manoel Joaquim do Rego Albuquerque.

He metade do seu valor.
A 2$500 a peça e 300 réis a vara.
Vende-se uma porção de panninhos de vara de largura com um pequeno defeito, em peça 2$500, e vara 300 rs., chitas escuras cores fixos a 160 o covado, ditas de padrões novos e fixos a 200 rs. o covado: na rua do Crespo n. 14, quarta loja quem volta da rua das Cruzes.

Arados de ferro.
Na fundição de C. Starr & C., em Santo Amaro, acham-se para vender arados de ferro, de construcção muito superior.

--- Vende-se superiores luvas de Jouvin de cores, tanto para homens, como senhoras, sendo as melhores que tem vindo ao mercado pelo diminuto preço de 1$000 o par. na rua do Queimado loja n. 41, becco da Congregação.

1$000 e 1$200
a peça de madapolão avariado: na rua do Queimado n. 44.

--- A verdadeira graxa ingleza n. 97, dos afamados fabricantes --- Day & Martin, em barricas de 15 duzias de potes: em casa de James Crabtree & Companhia, rua da Cruz n. 42.

--- Vende-se uma preta crioula, de bonita figura, de 22 a 24 annos de idade, cozinha, engomma e lava muito bem: na rua de Apollo n. 1.

--- Vendem-se tres terrenos foreiros em Santo Amaro, todos com 700 palmos de frente para a estrada nova de Luiz do Rego, e com fundos para o oeste até 640 palmos, confrontando pelo norte com o sitio do Sr. Manoel Pereira Lemos junto do actual hospital inglez, e pelo sul com o sitio do Sr. João dos Santos Porto: quem os pretender, dirija-se a Vicente Alves de Souza Carvalho, rua do Trapiche n. 44, primeiro andar.

Farinha de mandioca.
Na rua da Moeda, tanoeria confronte ao trapiche do Cunha, vendem-se saccas de farinha de mandioca de muito boa qualidade, por preço commodo.

— Vende-se uma caleche com dous assentos para quatro pessoas, em bom estado e uso, forrada e pintada de novo, com arreios guarnecidos de prata, tudo pelo modico preço de 950$ rs., bem como um lindo e rico carro coupé, com todos os pertences, novo e do ultimo gosto de Paris, por preço commodo: para examinar, na rua do Sol n. 1, e para tratar dos ajustes, na rua da Cruz n. 3. em casa de Amorim Irmãos.

Batatas inglezas e de Lisboa.
Vendem-se no armazem da travessa da Madre de Deos n. 15, das 9 horas as 3 da tarde.

--- Na rua da Gloria n. 55 existe uma excellente mulata para vender-se, de boa conducta, com 22 annos de idade, sem vicios e achaques, o que se aliança, lava e engomma bem.

— Vende-se uma casa mei-agua no becco tapado da Camboa do Carmo, quem vai do largo do Carmo a direita, primeiro becco, casa n. 1: a tratar na rua do Livramento n. 5.

— Vendem-se duas partes de sobrado de dous andares, a melhor propriedade de Olinda, no adro do Amparo, com abate da respectiva avaliação, e tambem se aluga: a tratar na rua do Queimado n. 55.

--- Vende-se uma armação de taberna, com boas taboas, um caixão para a mesma, e respectivo balcão, por preço commodo: trata-se na rua do Bom Successo, em Olinda, casa contigua a igrejinha, ou na rua do Queimado n. 55.

— Vende-se uma porção de pipas e toneis por praso de seis mezes com as competentes garantias, e tambem se arrenda o armazem onde se acham depositados os mesmos objectos: a tratar com Joaquim Gonçalves de Albuquerque e Silva, na rua da Cruz n. 35, primeiro andar.

—Vende-se uma loja de fazendas com poucos fundos, sita em boa rua e com bastante freguezia, o motivo da venda he o dono retirar-se para fóra da provincia: a tratar na rua da Cadeia do Recife n. 54.

—Vendem-se caixas com duzias de garrafas do vinho de Bordeaux, meias latas e quartos de sardinhas, queijos, barris de alvaiade e verde francez, tudo por preços commodos: em casa de Lasserre & Tisset Fréres, rua do Trapiche n. 11.

— Vende-se por menos do que em outra parte, cera de carnauba e velas de composição: na rua da Cruz n. 34.

Cimento branco.
He chegado o excellente cemento branco ja bem conhecido e experimentado, tanto em barricas como as tinas: no armazem de taboas de pinho de Joaquim Lopes de Almeida, na praia de San Francisco, junto a ponte nova.

Obras de marmore.
Basto & Lemos, na rua do Trapiche n. 17 tem para vender as seguintes obras de marmore: estatuas, pias, degraos, pedras quadradas e oitavadas para consolos e mesas de meio de sala, e tijolos marmore, tudo por preço commodo.

Superior cal de Lisboa.
Vende-se superior cal de Lisboa: no armazem de Novaes & C., rua da Madre de Deos n. 12, por preço commodo.

Relogios de patente
inglezes de ouro, desabonete e de vidro: vendem-se a preço razoavel, em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 56.

Milho.
Na rua da Moeda armazem de tanoeria confronte ao trapiche do Cunha, vendem se saccas de milho de bom tamanho, superior qualidade e por preço commodo.

Farelo em barricas
No armazem de Vicente Ferreira da Costa, rua da Madre de Deos, confronte a igreja.

— Vende-se superior linha de algodão branca e de cores, em novello, para costura em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

CAL E POTASSA
Vende-se potassa da Russia e americana, chegada nestes dias e de superior qualidade; cal de Lisboa da mais nova que ha no mercado: nos seus depositos na rua de Apollo n. 1 A, e 28.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se vinho do Porto de superior qualidade da bem conhecida marca GW em pipas, barris e caixas de uma e duas duzias de garrafas.

Queijos londrinos e presuntos.
Francisco José Leite recebeu pelo ultimo navio de Liverpool excellentes queijos londrinos, presuntos para fiambre, conservas, bolachinhas e biscoitos em latas de diversos tamanhos e qualidades, e tudo vende por menos que em outras partes: na rua do Collegio n. 12.

—Vendem-se chapéos do Chyli de todas as qualidades: no escriptorio de Novaes & C., rua do Trapiche n. 54.

Agencia
da fundição Low-Moor,
rua da Senzala-Nova n. 42.
Neste estabelecimento continua a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor e taixas de ferro batido e coado de todos os tamanhos para dito.

COLA DE SUPERIOR QUALIDADE.
Vende-se na rua da Cruz no Recife n. 57, segundo andar.

A 5$500 A PEÇA.
Vende-se com um pequeno toque de avaria peças de algodão de listras com 47 covados cada peça, fazenda propria para roupa de escravos, na rua do Queimado n. 11

--- Vendem-se peças de madapolão com toque de avaria a 2$500 cada peça: na loja de quatro portas na rua do Queimado n. 10.

--- Vende-se banha derretida de superior qualidade a 480 rs. a libra: na rua do Rangel n. 35.

--- Vende-se gomma de engommar a 90 rs. a libra, sagú a 320, cevada a 100 rs.: na quina da rua de Hortas n. 2.

A ELLES, QUE O PREÇO CONVIDA.
Maia Irmãos, com loja de chapeos na rua do Crespo, participa a rapazeada de bom gosto, que receberam um grande sortimento de chapeos de couro da Russia de todas as cores, que se vendem pelo barato preço de 2$500 a 5$000.

Farinha de Trieste.
SSSF.
(Verdadeira.)
Pelo navio BLOOMR chegaram 5600 barricas desta acreditada farinha: vende-se nos armazens de Tasso Irmãos.

Feijão mulatinho.
Vende-se na rua da Cruz n. 34, feijão mulatinho por preço commodo.

Moinhos de vento
com bombas de repuxo para regar hortas e baixa de capim: na fundição de D. W. Bowman na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Vende-se o grande armazem allandegado do largo da Assembléa n. 20 (Forte do Mattos), muito proprio para qualquer estabelecimento, ou mesmo para recolher generos como esta servindo actualmente, por estar collocado defronte do trapiche do algodão: a tratar na rua do Trapiche n. 14, primeiro andar.

—Antonio José de Castro vende polvora de superior qualidade a 13$000 o barril: as pessoas que quizerem dito genero, appareçam em o seu escriptorio, na rua do Vigario n. 51, para ver as amostras.

— Em casa de Henr. Brunn & Companhia, na rua da Cruz n. 10, vende-se cognac em caixinhas de duzia.

FARINHA
De Trieste.
Vende-se em casa de Saunders Brothers & C. na praça do Corpo Santo n. 11, a muito superior e bem conhecida farinha de Trieste, da marca—primeira qualidade—chegada em 9 do corrente na escuna «Pfeil», em porções grandes e pequenas, conforme a vontade do comprador.

TAIXAS PARA ENGENHO.
Na fundição de ferro de D. W. Bowman na rua do Brum, passando o chafariz, continúa haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por epreço commodo e com promptidão: embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

--- Na rua do Trapiche n. 14, escriptorio de Manoel Alves Guerra, vende-se por commodo preço o seguinte: --- superior vinho do Porto em barris do oitavo, chapeos de feltro, e sabão amarello fabricado no Rio de Janeiro.

— Em casa de Saunders Brothers & C., praça do Corpo Santo n. 11, ha para vender o seguinte a
Ferro inglez.
Pixe da Suecia.
Alcatrão de carvão.
Lonas de linho.
Esponjas.
Drogas.
Algodão lizo para saccas.
Dito entrançado igual ao da Bahia.
E um completo sortimento de fazendas proprio para este mercado: tudo por preço commodo.

Cal de Lisboa e potassas
Na rua do Trapiche armazens ns. 9 e 11, vende-se superior potassa da Russia e americana, cal virgem de Lisboa, da mais nova que ha no mercado.

Cebolas.
As cebolas novas, em caixas, que chegaram ultimamente pela Gratidão, vinda de Lisboa, vendem-se no armazem de Barros & Silva.

Bichas de Hamburgo.
Na rua estreita do Rosario n. 2, loja de barbeiro, estão expostas a venda esta boa qualidade de bichas, chegadas pelo paquete hamburguez.

— Na taberna da rua Direita n. 4, confronte ao oitão do Livramento, de José de Mello Costa Oliveira & C., ha os seguintes generos supertores: vinhos do Porto de differentes qualidades de 640 ate 1$600 a garrafa, dito de Lisboa a 640 e 720 a garrafa, dito da Figueira a 560 e 640, dito de Sete e do Estreito a 480, 560 e 640, giripiga branca a 1$280, vinho branco a que chamam Madeira a 800 rs., dito branco a 560, cerveja preta e branca, tanto em garrafas como em meias ditas, de diversas qualidades e autores, boa genebra hollandeza e hamburgueza em frascos e botijas, boa champagne em garrafas, meias e gigos, boas passas e figos de comadre em caixinhas de 3, 6, 12, 16 e 24 libras, ameixas, letria, macarrão, arroz do Maranhão, sagú, cevadinha, verdadeira farinha ou gomma de mataraua, bolachinhas de soda e ingleza, biscoutinhos finos em latas, bolachinha de araruta, latas com sardinhas, chocolate de Lisboa, café, cha hysson de 2$400 a 3$200 a libra, dito perola a 4$000 rs. a libra, cha do Rio em latas de 1, 2, 4, 8 e 16 libras, chouriços, toucinho de Lisboa, manteiga ingleza a 1$200, dita franceza a 720, queijos muito bons, charutos finos de differentes qualidades, boa aguardente de canna de 22 graos, e todos os mais generos proprios destes estabelecimentos por preços commodos; asseveramos que serão bem servidas todas as pessoas que se dignarem honrar-nos com sua protecção e freguezia.

Chapeos de palha de Italia
Basto & Lemos, na rua do Trapiche n. 17, tem para vender chapeos de palha de Italia, dobrados e singelos, para homem, meninos e meninas, chegados ultimamente de Genova, e por preços commodos.

VENDEM-SE CAPACHOS
pintados, compridos e redondos a 700 e 800 rs; na rua do Queimado loja da boa fama n. 33.

Oculos e lunetas de todas as qualidades
Vendem-se superiores oculos com armação de tartaruga de todas as graduações a 3$000, ditos muito bons com armações douradas a 1$200, ditos ditos com armações prateada, 1$, ditos ditos com armação de aço a 800 e 1$, lunetas com armação de tartaruga a 1$, ditas redondas e quadradas de baleia a 500 rs., ditas de dous vidros armação de baleia a 1$600, e outros oculos mais que se vendem por preço barato na loja da boa fama na rua do Queimado n. 33.

XAROPE
DO
BOSQUE
Foi transferido o deposito deste xarope para a botica de José da Cruz Santos, na rua Nova n. 53, garrafas 5$500, e meias 3$000, sendo falso todo aquelle que não for vendido neste deposito, pelo que se faz o presente aviso.

IMPORTANTE PARA O PUBLICO.
Para cura de phtysica em todos os seus differentes graos, quer motivada por constipações, tosse asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôr de costados e peito, palpitação no coração, coqueluche bronchite, dôr na garganta, e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

VARANDAS E GRADES
Um lindo e variado sortimento de modellos para varandas e gradarias de gosto modernissimo: na fundição da Aurora em Santo Amaro, e no deposito da mesma na rua do Brum.

POTASSA E CAL VIRGEM.
No antigo e já bem conhecido deposito da rua da Cadeia do Recife, escriptorio n. 12, ha para vender muito superior potassa da Russia, dita do Rio de Janeiro e cal virgem de Lisboa em pedra, tudo a preços muito favoraveis, com os quaes ficarão os compradores satisfeitos.

VINHO DO PORTO GENUINO.
Vende-se optimo vinho do Porto em barris de quarto e oitavo, por preço razoavel: na rua da Cadeia do Recife n. 13, escriptorio de Baltar & Oliveira.

São muito lindos para punhos
Vendem-se muito bonitos botões para punhos pelo barato preço a 500 e 800 rs. cada abotoadura: na rua do Queimado na loja de miudezas da boa fama n. 33.

Pianos.
Em casa de Rabe Schmettau & Companhia, rua da Cadeia n. 37, vendem-se elegantes pianos do afamado fabricante Traumann de Hamburgo.

—Vende-se aguardente de França em caixas de uma duzia: no armazem de C. J. Astley & C.

— Na rua da Cadeia, defronte da Relação, taberna n. 28, ha das melhores bichas hamburguezas para vender a retalho e em porções, e tambem se alugam.

Vinho do Porto, superior chamiço.
Em caixas de 2 duzias e em barris de oitavo, recentemente chegado pelo brigue «Trovador»; vende-se unicamente no armazem de Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4.

Algodãozinho da Bahia
para saccos de assucar: vende-se em casa de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

Relogios
cobertos e descobertos, pequenos e grandes, de ouro, patente inglez, para homem e senhora, de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

—N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4, vendem:
Lonas da Russia.
Idem inglezas.
Brinzão.
Brins da Russia.
Vinho de Madeira.
Algodão para saccos de assucar.

SAO' MUITO LINDOS.
Ricos cortes de vestidos de fazenda muito fina, toda de seda e de um gosto muito apurado, chegados pelo ultimo vapor vindo da Europa, muito proprios para as senhoras de bom gosto, assim como chitas francezas muito finas matizadas com lindas cores: dão-se amostras na rua do Queimado n. 22 na loja da boa fé defronte da da boa fama.

PARA QUEM TEM BOM GOSTO.
Na rua do Queimado n. 22, loja da boa fé, ha um completo sortimento de grosdenapole de seda de lindas cores; aproveitem antes que se acabem, que a festa esta com nosco, assim como chapeos do Chile muito linos, que se vendem por menos que em outra parte.

MECHANISMO PARA ENGENHO.
NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWMAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,
ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes, parafusos e cavilhões, moinhos de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇA'O
se executam todas as encommendas com a superioridade ja conhecida e com a devida presteza e commodidade em preço.

Escovas de todas as qualidades.
Vendem-se ricas escovas inglezas para roupa, o melhor que póde haver e de nova invenção a 3$, ditas francezas muito boas a 1$, 1$500 e 2$000, ditas para cabelo inglezas e francezas a 1$000 e 2$, ditas para dentes inglezas e francezas a 400, 500 e 600 rs., ditas para unhas dita dita a 240, 500 e 1$, e outras qualidades mais baratas, que tudo se vende na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Cartas para jogar.
Vendem-se baralhos de cartas francezas muito finas e de bom papel a 500 rs. o baralho, ditas portuguezas muito finas a 320 rs.: na rua do Queimado na loja de miudezas da boa fama n. 33.

Bonecas francezas.
Vendem-se bonecas francezas ricamente vestidas e de varias qualidades a 1$200, 1$600 e 2$, na rua do Queimado loja de miudezas da boa fama n. 33.

BANDEJAS FINAS E BARATAS.
Vendem-se bandejas finas e de varios tamanhos pelo barato preço de 1$500, 2$500, 3$500 e 4$: na rua do Queimado loja de miudezas da boa fama n. 33.

Para escriptorios e cartorios.
Vendem-se resmas de papel de peso do melhor que he possivel haver a 6$, dito inferior pouca cousa a 3$ e 3$500, dito paquete muitissimo fino a 4$500 e 5$, dito almaço grove e marfim a 4$, dito almaço muitissimo bom a 3$200, dito de cores em quartos de resma a 700 rs., grozas das verdadeiras pennas de aço bico de lança pelo barato preço de 1$200, ditas muito boas sem ser bico de lança 500 rs., duzias de lapis muitissimo finos a 320 rs., ditos proprios para riscar livros a 800 rs., canetas de osso torneadas para pennas de aço a 120 rs., canivetes finissimos de uma a quatro folhas a 1, 2, 3, 4$, e outras mais cousas que se vende barato; na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Perfumarias finissimas.
Na loja de miudezas da boa fama na rua do Queimado n. 33 encontra-se sempre um rico sortimento de perfumarias de todas as qualidades, inglezas e francezas, sendo dos melhores autores que ha em Paris e Londres, a saber: agua de Colonia muito boa, sabão para barba de creme de amendoas, agua de lavande muito superior, vinagre aromatico para dores de cabeça, banha muito fina em ricos vasos, extractos de muitas qualidades, extractos proprios para bolso de estudante, essencias de varias qualidades, opiato o melhor que ha para limpar dentes, pós para limpar os dentes, e outras muitas cousas que não deixarão de paragar aos senhores compradores, e que tudo se vende por precinho muito barato.

LEQUES FINOS.
Vendem-se leques muito finos com ricas pinturas, espelho e plumas a 2$, 3$500 e 4$ na rua do Queimado loja de miudezas da boa fama n. 33.

FITAS DE VELUDO.
Vendem-se fitas de veludo pretas e de cores, estreitas e largas, lisas e abertas de muito bons gostos, pelo barato preço de 60, 320, 400, 500 e 600 rs., na rua do Queimado na loja de miudezas da boa fama n. 33.

Escravos fugidos.
--- No dia 5 do mez passado fugio do engenho Velho do termo da cidade da Parahiba, o preto escravo de nome Joaquim, com os signaes seguintes: baixo, pescoço curto, bastante barbado, rosto redondo, phisionomia alegre e bonita, quebrado das verilhas pelo que conduz uma funda. Este escravo foi comprado nesta cidade, onde servia o officio de boleeiro de carros, e depois da fuga ja foi visto aqui: roga-se portanto a policia e aos capitães de campo, afim de que tenham todo o cuidado na sua captura, certos de que o levando nesta cidade ao Sr. major Joaquim Gonçalves de Albuquerque e Silva, ou João Baptista de Campos, ou alias no referido engenho Velho ao seu dono o Dr. Antonio Carlos de Almeida e Albuquerque, ou no engenho Boa-Vista da cidade de Mamanguape ao Dr. Francisco Antonio de Almeida e Albuquerque, terão prompa e generosa recompensa.

--- Ainda continua a estar fugida desde o dia 17 de fevereiro do anno passado, a escrava Joaquina de nação, com os signaes seguintes: alta, secca, cara descarnada, pernas arqueadas, poucas vezes deixa o cachimbo, fugio em companhia de um soldado do decimo batalhão, de nome Manoel Joaquim da Silva, crioulo e esta ainda desertor, foi captiva por muitos annos em Panellas de Miranda, onde tem um filho forro de nome José, o senhor que foi dessa negra ainda existe no mesmo lugar e chama-se Caetano: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo a apprehensão da dita escrava, que se dara 50$ rs. de gratificação, sendo ella entregue ao Sr. Manoel Ferreira Chaves, seu senhor, na Boa-Vista, rua da Gloria n. 94.

--- No dia 26 do mez proximo passado fugio da casa do abaixo assignado um preto de nome Ignacio, por antonomazia Cato, nação Angola, representa 45 a 50 annos pouco mais ou menos, estatura regular, secco do corpo, cara redonda, vive sempre um pouco embriagado, he quebrado de ambas as verilhas, e tem o dedo polegar do pé direito ou esquerdo virado para dentro, e foi canoeiro no porto da rua Nova, onde he bem conhecido pelo appellido: recommenda-se todas as pessoas por quem possa elle ser encontrado, o mandem pegar e entregar na rua larga do Rosario padaria n. 18, junto ao quartel do decimo, onde se gratificara com generosidade.
Manoel Antonio de Jesus.

--- Fugiram no dia 25 de agosto do anno passado, do engenho Quanduz, 2 escravos pertencentes ao Sr. José Ignacio de Mello, 1 de nome Antonio, representa ter 35 annos, pouco mais ou menos, cor preta, alto, secco do corpo, pernas finas, cabeça calva, com uma cicatriz na testa. Rosa, casada com o dito preto, de idade 24 annos, cor taioca, estatura baixa, grossa do corpo, beiços grossos; os quaes escravos foram comprados em Pesqueira ao Sr. Ignacio Camello Pessoa de Siqueira Cavalcanti: por isso roga-se a toda pessoa que os pegar, ou delles der noticia no dito engenho, ou nesta praça, no pateo do Carmo, taberna n. 1, do Sr. Joaquim Manoel Ferreira de Souza, será generosamente gratificado.

--- Na manhãa do dia 11 do corrente fugio um preto crioulo, de nome José, representa ter 18 a 20 annos; levou calça de brim de algodão escuro, camisa branca engommada, chapéo de palhinha novo com uma fita preta larga, tem os calcanhares maltratados por causa de bobas, altura regular, com as costas talhadas e pannos no rosto de todos os dous lados. Este escravo foi comprado a Joaquim José de Sant'Anna, morador no termo de Ingazeira, por isso suppõe-se ter seguido esse caminho em razão de ter mãi la para essas bandas, levou comsigo um relogio de ouro patente suisso com corrente de ouro, um par de brincos de filagraa, e uns pedaços de ouro velho: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo oprendam e levem a rua da Guia n. 9, que serão recompensados generosamente.

--- Fugio hontem as 7 horas, um escravo mulato de nome Thomaz, alto, reforçado de corpo, com marcas de bexigas, pernas groças, e nellas marcas de cicratizes nas canellas, falla com muita mancidão, levou vestido camisa de panno azul groço guarnecida de ourelo branco, nos ombros e punhos, aberta na frente em forma de palitó: este escravo he natural da Parahiba e foi escravo do Sr. Carlos Coelho, que o houve por herança de seu sogro José Joaquim de Souza daquella cidade, e foi comprado pelo abaixo assignado ao Sr. Hilario de Albandra Vasconcellos Junior, morador no engenho Tapuá freguezia do Pilar desta provincia quem o pegar leve-o a rua da Concordia a Pedro Antonio Teixeira Guimarães, que será generosamente gratificado.

PERN.: TYP. DE M. F. DE. FARIA 1857.

ILEGÍVEL